VIVER PARA LÁ DA MORTE

PAUL BEARD

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

VIVER PARA LÁ DA MORTE
UM ESTUDO SOBRE
A ALTERAÇÃO DA CONSCIÊNCIA APÓS A MORTE

Paul Beard, 1980
Para o Tony, com gratidão

ÍNDICE

PARTE UM
INTRODUÇÃO
Um Caso a Considerar
A Investigação Psíquica e a Sobrevivência
Problemas de Avaliação e Aceitação
As Fontes
PARTE DOIS
AS NARRATIVAS
Primeiras Experiências
A Ilusão da Terra do Verão
O Julgamento
O Primeiro Céu
A Segunda Morte
O Segundo Céu
A Alma do Grupo
O Terceiro Céu
PARTE TRÊS
ALGUMAS IMPLICAÇÕES
Reencarnação
Balanço
Referências
Índice Alfabético

De uma coisa estou certo: se houver tal coisa como a vida após a morte, não será um estado estático. Creio que será um estado de movimento e atividade. Não posso crer numa felicidade última que não inclua uma forma de desenvolvimento... Uma

espécie de evolução. Evolução do espírito. E uma eternidade de evolução.

Graham Greene,

numa entrevista com John Heilpern, The Observer, dezembro de 75.

No meu fim está o meu começo.

(Últimas palavras de Maria Stuart, Rainha dos Escoceses)

Dividimos a vida em duas partes de forma demasiado drástica. Traçámos uma linha, e devemos gradualmente apagar essa linha. Falámos sobre a vida espiritual e a vida terrena ou a vida física. As duas são uma só e devemos torná-las uma só novamente... Existe apenas um mundo e devemos retirar... estas barreiras de ilusão que nos compeliram a pensar que devem existir dois... É o vosso trabalho, é o nosso trabalho.

Oliver Lodge (postumamente)

PARTE UM
Introdução
CAPÍTULO 1

Um Caso a Considerar

O que é possível descobrir sobre as experiências com as quais nos iremos deparar depois de morrermos — se é que a existência de facto continua — e sobre como nos podemos preparar melhor para elas?

Se os velhos amigos regressassem até nós após a morte de tal forma mudados que não conseguíssemos reconhecer a sua identidade, então ser-lhes-ia impossível convencer-nos da sua

sobrevivência. Podemos conceber que tal mudança pudesse acontecer, mas nesse caso a crença na sobrevivência seria apenas por fé e não por evidência. Portanto, pondo a fé de lado, o caso efetivo a favor de um mundo no qual homens e mulheres entram após a morte depende, em primeiro lugar, de uma evidência factual suficientemente forte para nos convencer de que os nossos próprios velhos amigos ainda existem, de que na verdade podemos encontrá-los e iremos encontrá-los outra vez. Existe abundância de tal evidência, embora pessoas diferentes lhe atribuam avaliações diferentes.

Para aqueles que a consideram convincente em geral, este tipo de evidência, no entanto, não é suficiente. Exige-se ainda bastante mais. Pois apresentar apenas memórias de factos do passado longínquo equivale a nada mais do que aquilo a que F. W. H. Myers chamou "uma enfadonha apresentação de credenciais". E o que dizer da sua vida presente, para a qual transporta estas memórias? A memória não se pode limitar a factos. As emoções, por vezes muito fortes, encontram-se também interligadas com ela. Se os factos passados podem ser lembrados, as velhas emoções que os acompanhavam no passado bem podem continuar também no coração daquele que as sentiu. Com as novas experiências após a morte, estas emoções poderiam mudar, crescer, diminuir. A vida após a morte mal merecerá o nome de vida se permanecer meramente estática. Essa é uma das razões pelas quais já ninguém acredita no tocar de harpas.

A evidência ganha força porque aponta para um processo de desenvolvimento, um processo que começa a partir do eu reconhecível que trouxemos da antiga vida na terra. Sugere fortemente um princípio de continuidade. Perguntamos se esta evidência mostra que os mortos são ainda suficientemente parecidos com os seus antigos eus para que os reconheçamos, mas ao mesmo tempo suficientemente diferentes para nos convencer de que passaram por experiências significativas desde que nos deixaram, experiências com as quais nós, por nossa vez, nos iremos deparar no momento devido. Se as suas próprias palavras

relatadas descrevem mudanças na sua situação e no seu próprio caráter, sejam para melhor ou para pior, estas devem ser de um tipo inteligível. Devem persuadir-nos de que, além de um passado, eles possuem também um presente ativo e um futuro, que a sua vida é uma vida que vale a pena ser vivida, que eles são de facto algo mais do que um mero banco de memória.

Este livro tenta avaliar a imagem compósita das experiências pós-morte tal como são apresentadas pela evidência que até agora possuímos.

2

Perto do fim da sua vida, Mozart escreveu no seu tom mais íntimo ao seu pai:

Visto que a morte (corretamente compreendida) é o verdadeiro propósito último da nossa vida, há já alguns anos que me familiarizei com este tão verdadeiro e melhor amigo da humanidade, de modo que ele já não tem para mim nada de aterrorizador, mas sim muito de tranquilizador e consolador!... a morte... [é] a chave para a nossa verdadeira bem-aventurança.[1]

Falar assim num jantar hoje em dia convidaria a olhares fixos e a uma rápida mudança de assunto. A conversa franca sobre a morte é desconfortável. Ao contrário de Mozart, muitos não se pacificaram com ela. Se a imagem que temos da continuação da vida após a morte fizer mais sentido do que comummente se supõe, então a morte poderá gradualmente deixar de ser o tema tabu dos tempos modernos.

No livro News from Nowhere de William Morris, o leitor descobre que "Lugar Nenhum" é uma Utopia. O "Lugar Nenhum" da vida após a morte, tal como retratado nos relatos populares, tem uma coloração excessivamente utópica e pouco convincente. No entanto, quando procuramos dentro de um contexto mais sério, descobrimos que a imagem é um tanto diferente. O material não precisa de ser descartado com um aceno defensivo de mão como se fosse um disparate. Pois existe evidência de um tipo de vida vivido após a morte que é muito mais determinado, árduo e, por isso, recompensador.

Podemos recolher a evidência variável como faríamos com qualquer tipo de evidência de campo, e julgar as semelhanças e diferenças nos relatos. Concentrar-me-ei em grande parte na parte que aparentemente emana de testemunhas que eram de grande calibre quando estavam na terra e cujos relatos sugerem fortemente que mantêm essa qualidade. Tais relatos não são, de modo algum, utópicos.

A psicologia profunda moderna produziu uma imagem mais aprofundada da psique humana e das poderosas forças ocultas que descobriu estarem em ação por trás das emoções humanas. O trabalho de campo enérgico no consultório trouxe perceções altamente eficazes sobre traumas e sobre padrões criativos de individuação encontrados repetidas vezes.

[Jung] estabeleceu de uma forma que nenhum cientista pode negar que este inconsciente coletivo dentro do homem [e] as visões, os sonhos e a imaginação através dos quais este comunicava com o eu consciente do homem eram factos totalmente objetivos, por mais subjetivamente que fossem vivenciados.[2]

Qualidades semelhantes de perceção bem poderiam revelar-se recompensadoras naquilo que é atualmente considerado pela investigação psíquica como uma área em grande parte subjetiva. Seguramente que é possível que, com o tempo, por trás dos relatos pessoais, emerjam gradualmente padrões objetivos da experiência pós-morte.

Por exemplo, é hoje indiscutível que o inconsciente encontra formas de nos dizer coisas que permaneceram dentro da nossa natureza sem que estivéssemos cientes delas, e com as quais se torna então importante que o eu consciente exterior aprenda a lidar. Isto traz frequentemente revelações de um trabalho árduo que deve ser realizado para trazer ordem tanto à vida exterior como ao ser interior ou psique. Por vezes acontece que este trabalho psicológico permanece inacabado, ou nem sequer iniciado, na altura em que a morte ocorre. Se então continuamos como nós próprios, herdando o nosso antigo caráter,

devemos esperar herdar as nossas faltas juntamente com o resto. Um legado poderia então ser trazido da terra, um legado de trabalho interno ali inacabado mas que, ao contrário do que acontece na terra, não pode subsequentemente ser recusado indefinidamente.

Supostas narrativas pós-morte descrevem uma terapia contínua realizada pelo e sobre o próprio ser através de um processo íntimo de regeneração, um processo que substitui conceitos antigos e aterrorizadores de julgamento final e punição. Podemos então começar a perguntar, em parte dentro do contexto do mundo psicológico em expansão do homem moderno, que tipo de relação causal significativa pode existir entre o padrão de vida de uma pessoa na terra e a forma que se verifica que esta toma após ela.

A morte também não extingue inevitavelmente os velhos relacionamentos. Eles podem continuar sob uma nova forma, brotando de uma mudança de sentimentos em relação a uma pessoa deixada para trás, e trazendo sentimentos alterados, como na carta póstuma da Sra. Willett para o seu filho, citada mais adiante neste capítulo.

Um outro elemento, mais amplo, tem também de ser avaliado. Os relatos falam de professores que exibem uma preocupação fraternal pelos seus semelhantes recentemente chegados. A sua perceção, pessoal e impessoal, pode talvez também conter significados relevantes para aqueles de nós que permanecem na terra. Vale a pena examinar.

Essencialmente, então, estaremos preocupados em estudar os valores humanos num tempo de vida muito estendido por experiências adicionais que se alega virem a acontecer após a morte e que, se forem verdadeiras, poderiam ter relevâncias muito importantes para a nossa vida presente.

3

A imagem que vamos estudar é um mosaico feito de contribuições tanto pequenas como grandes. Apenas nos livros do Dr. Robert Crookall — The Supreme Adventure e os seus

volumes companheiros — encontrar-se-ão várias centenas de fragmentos de relatos de alegadas experiências desencarnadas. A minha tarefa particular é procurar contribuições de mentes pós-morte de bom calibre. Se aparecesse um relato de uma exploração ártica ou tropical não anunciada, examinaríamos a sua coerência interna e, em seguida, examinaríamos a reputação de verdade e integridade daqueles que o produziram. Se pessoas que na terra eram de substância e integridade afirmam enviar de volta, após a sua morte, relatos do que encontraram, estes são dignos de ser lidos com especial cuidado. Aqueles a quem os relatos foram dirigidos, e que expressam confiança neles, devem esperar ver a sua própria integridade analogamente escrutinada. Isto é perfeitamente justo.

Irei agora introduzir algumas das personagens em nome das quais apareceram desde então comunicações, e que formam o elenco principal de comunicadores neste livro.

O volume e a qualidade da investigação psíquica realizada ao longo dos últimos cem anos por mentes cientificamente qualificadas não são ainda genericamente reconhecidos. Assume-se com demasiada facilidade que o material que se relaciona com comunicações posthumous está em grande parte confinado aos devaneios de médiuns sem instrução e a ouvintes cujas mentes foram perturbadas e tornadas credulidade pelo luto, com uma consequente perda de toda a faculdade crítica. Esta é uma visão errónea e irrealista. A situação real é diferente.

Esta opinião comum supõe que Sir Oliver Lodge, perturbado pelo desgosto da perda do seu filho Raymond na Primeira Guerra Mundial, permitiu que as suas emoções e o seu desejo de conforto o dominassem e, assim, gerassem uma convicção de sobrevivência a que a sua mente científica desimpedida nunca teria chegado. No entanto, examinar as suas muitas contribuições para as atas (Proceedings) da Society for Psychical Research é reconhecer que, antes de perder o seu filho, Oliver Lodge, com uma impressionante integridade científica, tinha passado trinta anos numa investigação persistente e por

vezes engenhosa sobre comunicações que alegavam provir de fontes desencarnadas.

Demorou muito tempo a alcançar uma hipótese de trabalho sobre a sobrevivência. Como ele próprio disse, a morte de Raymond e a evidência que então recebeu não provocaram a sua aceitação da sobrevivência, apenas confirmaram para ele a hipótese a que já tinha chegado a partir dos seus muitos anos de trabalho científico isento neste campo.[3]

Se as comunicações que afirmam provir de Oliver Lodge demonstrarem algo desta mesma integridade, exigirão seguramente ser analisadas com cuidado, independentemente de qual possa ser o veredicto final de qualquer leitor. Se Lodge sobrevive, estará particularmente bem qualificado para produzir material de relevância. Ele é um dos membros do nosso elenco.

A seguinte é a senhora conhecida como "Sra. Willett", um pseudónimo, sendo o seu nome verdadeiro Sra. Coombe Tennant. Foi Juíza de Paz e a primeira mulher delegada da Grã-Bretanha na Sociedade das Nações. O lado sensitivo e mediúnico da sua vida foi mantido sob o mais estrito segredo. Assim, o Professor C. D. Broad, como membro da *Society for Psychical Research* (e mais tarde duas vezes seu Presidente), estava familiarizado com o trabalho dela, mas, embora o filho da Sra. Coombe Tennant fosse seu aluno no *Trinity College*, em Cambridge, e ele se cruzasse com ela ocasionalmente e também visitasse a sua casa em Londres, não fazia a menor ideia de que a sua conhecida era a célebre "Sra. Willett".

A Sra. Willett era uma de um punhado de sensitivas não profissionais altamente instruídas que faziam parte de uma equipa que incluía um grupo de académicos de Cambridge. O trabalho delas continuou durante uma série de anos e, alegadamente, alguns desses académicos continuaram-no após as suas próprias mortes.

Outras sensitivas incluíam a Sra. Verrall, conferencista de estudos clássicos em *Newnham*, a sua filha Sra. Helen Salter, e a Sra. Holland, que vivia a maior parte do tempo na Índia e dali

enviava comunicações. Os académicos de Cambridge incluíam o filósofo Professor Henry Sidgwick; um académico de estudos clássicos, o Professor A. W. Verrall; Frederick W. H. Myers, o poeta e investigador psíquico; o Professor Butcher, o Muito Honroso Gerald Balfour e a Sra. Nora Sidgwick (a primeira Diretora do *Newnham College*). O irmão da Sra. Sidgwick, Arthur Balfour, Primeiro-Ministro, O.M., e um dos Presidentes da *Society for Psychical Research*, foi o destinatário de algumas das mais tocantes e íntimas destas comunicações.

Deste trabalho que abrangeu muitos anos resultaram as célebres Correspondências Cruzadas (*Cross-Correspondences*), que constituem a evidência mais bem sustentada e cuidadosamente registada que possuímos da sobrevivência e da continuidade de propósito após a morte. Um elemento central era a produção de alusões clássicas recônditas, algumas exigindo um conhecimento especializado para serem decifradas.

Outro elemento era uma aparente tentativa de superar a teoria de que todo o material pudesse ser obtido telepaticamente pela sensitiva a partir da mente do destinatário, através de um plano engenhoso de fornecer um fragmento de uma comunicação a uma sensitiva, e outro fragmento a uma segunda, de tal modo que a ligação entre os dois só fizesse sentido quando a parte final da mensagem fosse transmitida através de uma terceira sensitiva. A Sra. Willett (se é ela) descreveu assim as Correspondências Cruzadas após a sua morte, escrevendo pela mão de Geraldine Cummins:

O... Caso poderia ser comparado à execução perfeita de uma orquestra. Os diversos comunicadores eram académicos, cujos intelectos estavam casados com imaginações que acalentavam uma imagem ideal de perfeição académica na evidência... Os investigadores e os médiuns tinham imaginação suficiente... para vislumbrar o... objetivo da perfeição. Assim, o abismo chamou pelo abismo num desejo unificado. Uma orquestra tem de tocar como se fosse um só elemento para que a execução se aproxime da perfeição...[4]

A Sra. Willett e Frederick Myers, o terceiro membro do nosso elenco, são, se assim se pode dizer, importantes colaboradores pós-morte para o material deste livro. Helen Salter, do grupo das Correspondências Cruzadas, também colabora, embora mais brevemente.

Frances Banks foi durante muitos anos freira numa ordem de ensino anglicana em África. Relativamente tarde na sua vida, desenvolveu faculdades de perceção extrassensorial. Como não havia espaço intelectual na sua ordem para as implicações deste dom, acabou por sair com a bênção dos seus superiores, regressou a Inglaterra e aceitou um emprego a ensinar reclusos do sexo masculino na prisão de Maidstone. Tornou-se um membro ativo do *The Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*. A partir dos resultados de um questionário que enviou a várias centenas de membros cristãos em busca de experiências psíquicas, escreveu *Frontiers of Revelation*.

Uma amiga íntima sua, Helen Greaves, é uma sensitiva não profissional; Frances Banks e Helen Greaves praticavam telepatia juntas na esperança de que, após a morte de Frances, esta conseguisse transmitir com sucesso a Helen que de facto sobrevivia e descrever as suas experiências pós-morte. Os escritos que Helen Greaves recebeu mais tarde da sua parte estão registados no seu livro *Testimony of Light*. Temos aqui, novamente, uma pessoa de integridade comprovada e alguém, além disso, de profunda piedade e de perceção mística.

O Rev. C. Drayton Thomas, um pároco metodista e um membro bem conhecido e respeitado da *Society for Psychical Research*, contribuiu com uma série de artigos para as suas atas (*Proceedings*). Com a ajuda da Sra. Gladys Osborne Leonard, uma médium profissional que durante vários anos trabalhou exclusivamente para a *Society for Psychical Research*, ele conseguiu interrogar o seu pai, também ministro metodista, e a sua irmã, sobre as experiências com que depararam e como reagiram a elas. Recebeu também notícias de uma série de antigos

paroquianos com cujos caracteres estava razoavelmente familiarizado.

T. E. Lawrence, aquela figura altamente individual mas difícil e pouco comunicativa, cuja coragem ninguém podia contestar, descreve pela mão da Sra. Jane Sherwood as formidáveis dificuldades com que se deparou após a morte, dificuldades claramente relacionadas com acontecimentos da sua vida na terra, embora de uma forma inesperada. Albert Pauchard, um colaborador importante, foi durante a sua vida Presidente da Sociedade Metapsíquica de Genebra, novamente um homem de inteligência e probidade, e muito confiante quanto ao tipo de experiências que esperava que o aguardassem. Estas, contudo, revelaram-se um tanto diferentes das suas expectativas.

Outras personagens citadas mais brevemente incluem W. T. Stead, o jornalista humanitário; o Padre Tobe, um sacerdote católico romano; Sir William Barrett, F.R.S., um dos primeiros membros da *Society for Psychical Research*; Thoreau; um Tenente-General (nome fornecido na íntegra pelo comunicador, mas omitido na publicação); e um Doutor em Teologia não identificado. Os destinatários incluem Frederick Lawrence, um arquiteto eclesiástico; o Barão Palmstierna, um embaixador sueco; Lady Barrett, Diretora da *London School of Medicine for Women*; Jasper Swain, um advogado e magistrado sul-africano; J. H. Remmers, um engenheiro; o Dr. Sherwood Eddy, um académico americano e autor de trinta e cinco livros sobre questões internacionais, sociais e religiosas; Rosamond Lehmann, a romancista; Jelly d'Aranyi, a violinista de concerto, cuja irmã, Adila Fachiri, também violinista de concerto, era a médium; e o Brigadeiro R. C. Firebrace, que serviu como intérprete entre Estaline e Churchill.

4

Os relatos pós-morte são frequentemente considerados como nada mais do que narrativas cor-de-rosa de realização de desejos, tão vivamente coloridas como uma brochura de viagens. Alguns relatos são desse tipo mas, como já foi dito, uma imagem bastante

diferente emerge quando se examinam comunicações mais sérias. Não há nada de cor-de-rosa, por exemplo, na carta póstuma a um dos seus filhos que "Sra. Willett" escreveu pouco depois da sua morte através de outra sensitiva, Geraldine Cummins. A Menina Cummins nunca tinha conhecido este filho. A carta regista uma experiência pós-morte muito prematura de uma mudança de sentimentos.

Meu querido, querido Alexander,

É minha necessidade urgente escrever-te sobre um assunto privado que nos diz respeito aos dois. Tenho uma confissão humilhante a fazer e devo deixar cair todo o orgulho... Fui testemunha do filme da memória, o registo da minha vida... Existem, como talvez saibas, câmaras subterrâneas da mente... Tive... uma revelação desalentadora de uma delas. Sinto que devo partilhá-la contigo ou, de futuro, não terei paz de espírito...

No ano antes de tu nasceres... a minha filhinha Daphne morreu. Depois... surgiu a linda esperança de uma outra menina para substituir a Daphne. Oh, fiquei tão amargamente desiludida quando soube que este sonho feliz era uma fantasia ilusória... Rejeitei o meu filho bebé, descarreguei a minha amargura no seu minúsculo e inocente ser. Foi mais em pensamento do que em ato. Mas, nessa idade tão precoce, o bebé é subconscientemente e de forma aguda sensível à emoção da mãe em relação a si próprio... Isto produziu em ti uma certa timidez e cautela em relação à tua mãe aparentemente caprichosa.

Pois mais tarde... senti-me arrependida e fui de um extremo ao outro e tornei-me dedicada... Mas era demasiado tarde. O meu rapazinho minúsculo, a começar a andar, era independente, afastava-se dos meus beijos, rejeitava a minha afeição impulsiva e violenta. Ele estava, lá no fundo, alarmado com ela. Assim, a dada altura, aquela mãe primitiva ficou melindrada e aborrecida e afastou-se dele, precisamente quando poderia ter vencido pela sua persistência e gentileza. Dessa forma, uma barreira psicológica começou a crescer entre nós... Vejo agora que, fundamentalmente, eu era uma mãe possessiva... Tu, um rapazinho robusto, recusaste

ser possuído... Muitas vezes pensei mal de ti... porque eras completamente independente de mim...

Até nestas mensagens póstumas escrevi, creio eu, coisas falsas sobre ti. Mas todas elas derivaram da minha vaidade emocional frustrada por ter falhado em possuir-te em qualquer sentido.

Nesta vida, ao estudarmos as nossas memórias passadas, assumimos o estado de espírito da época em que essas memórias estavam a acontecer.

Por isso, peço-te que retires da tua mente qualquer coisa cruel e falsa que eu tenha escrito sobre ti numa mensagem póstuma... A ofensa inicial foi minha ao longo de todo o caminho. Se sentiste uma barreira entre nós, fui eu que a criei, não tu. Pelo bem da minha paz de espírito, peço-te que perdoes a minha falta grave... Queridos filhos, envio-vos do mundo de cá o meu amor verdadeiro em partes iguais.[5]

Hão de estas parecer ao leitor as palavras de uma mulher que, após a sua morte, passou por uma experiência real, uma mudança de perspetiva que lhe exige retificar velhas emoções?

5

Façamos uma panorâmica do material que iremos examinar. Ele contém uma grande variedade. Há muitas histórias de chegada imediata à situação pós-morte. Um bom número fala de novas redondezas; descobre-se mais tarde que estas são em parte condicionadas pelos próprios estados mentais e emocionais do sobrevivente. Tais redondezas não são necessariamente aquilo que aparentam ser à primeira vista. Possuem elementos ilusórios. Há uma ampla variedade de dificuldades e de ajustamentos.

Os valores pós-morte têm muito pouco a ver com a reputação ou os feitos na terra, nem são sempre rapidamente descobertos. Pessoas bem conhecidas na terra, T. E. Lawrence por exemplo, nem sempre se saem bem. Estes viajantes livram-se gradualmente das suas dificuldades, com ajuda, mas fundamentalmente através dos seus próprios esforços. Vemos várias formas em que, entretanto, alguns permanecem enredados nos mesmos problemas

com que falharam em lidar quando estavam na terra. Com o tempo, surge um julgamento de si próprio sobre todos os acontecimentos da vida passada e o resultado é por vezes doloroso.

Com o ajustamento a esta nova vida, os poderes mentais e emocionais tornam-se gradualmente mais agudos e profundos, mas o crescimento resultante e a mudança nos valores exigem uma boa dose de esforço árduo. Verifica-se que leis éticas e espirituais governam a vida após a morte, mas estas não coincidem totalmente com as transmitidas pelo ensino religioso convencional na terra.

Muitos relatos retratam a forma como os seres humanos passam a reavaliar os vários aspetos do seu próprio caráter. Reorientam-se, também, perante as mudanças na natureza das relações humanas. São descritos encontros com inteligências superiores que, torna-se evidente, têm pouco interesse naquilo a que chamaríamos a personalidade delas.

O companheirismo altera-se e intensifica-se. À medida que tais mudanças acontecem, os narradores proclamam que estão a descobrir que a vida é muito maior do que o previsto por eles na terra, e no entanto reconhecem que estão ainda apenas no primeiríssimo início do conhecimento.

6

Não é tarefa fácil avaliar as imagens da existência pós-morte que se afirma serem dadas por homens e mulheres que a vivem de facto. Não se espera que o leitor partilhe dos meus pressupostos, que aceite as narrativas, ou as minhas interpretações, ou a própria existência dos comunicadores. Seria, contudo, enfadonho ao extremo se fossem adicionadas reservas intelectuais e ressalvas em cada página. O leitor, se assim o desejar, poderá acrescentar as suas próprias. A minha intenção é relatar com a compreensão mais fiel que conseguir reunir o que estas narrativas, tomando umas com as outras, nos tentam transmitir, e depois deixar o leitor formar os seus próprios julgamentos.

Antes de começarmos a joeirar a evidência, temos de lançar um olhar nos próximos capítulos sobre alguns problemas fundamentais que esta nos coloca. Quão forte considerou a investigação psíquica até agora a própria evidência da sobrevivência? Quanto às experiências descritas como ocorrendo subsequentemente, poder-se-á encontrar uma metodologia sólida para avaliar um material tão esquivo? Que confiança se pode ter nas suas fontes? Quão fiáveis podemos julgar que elas sejam? E algumas pessoas desejarão perguntar em particular: será moralmente justificado sequer abordar este material?

Os leitores, contudo, que prefiram avançar diretamente para as narrativas podem passar para o Capítulo 5, omitindo os Capítulos 2 a 4, ou lendo-os depois do resto do livro.

CAPÍTULO 2
A INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA E A SOBREVIVÊNCIA

Há cem anos e mais que a investigação psíquica investiga rigorosamente a evidência da sobrevivência à morte e a natureza da faculdade que a produz. Até onde chegou ela? A posição atual é aquela em que as dificuldades teóricas atrasam — alguns pensam que atrasam indevidamente — o estabelecimento de qualquer hipótese de trabalho, quer seja favorável ou desfavorável à sobrevivência.

Existe em abundância evidência devidamente registada. Parte dela é muito cogente. Foi estudada em muitos livros, alguns para o investigador, outros para o leitor em geral.[6] Não é meu propósito reconstituí-la aqui. Está também aberto a qualquer leigo procurar a sua própria evidência privada.

Visto que o assunto tem sido ativamente investigado por um número suficiente de cientistas, bem como por muitas outras pessoas intelectualmente disciplinadas ao longo deste longo período, poder-se-ia razoavelmente esperar que a evidência já se tivesse estabelecido há muito, ou então que tivesse sido

desacreditada. Durante todo este tempo, os sábios abordaram o material esperando confiantemente que tudo viesse a ser desfeito, de uma forma ou de outra, como derivado de outras fontes de informação disponíveis, ou de má observação, má descrição ou fraude. Mas nem tudo foi assim desfeito. Uma boa parte da evidência permanece intacta. Contudo, continua a apresentar os mesmos problemas de aceitação. Onde reside, então, a dificuldade?

A razão é que, infelizmente, ainda não sabemos praticamente nada sobre o modo de funcionamento da faculdade extrassensorial que nos traz a evidência. Portanto, os cientistas têm sido incapazes de criar um paradigma ou estrutura dentro da qual ela possa ser compreendida. Até que consigam, alguns não aceitam a existência da PES como factual. Consideram mais prudente encará-la como não estando ainda estabelecida. Uma dificuldade adicional é que a sua natureza esporádica a torna difícil de testar. Não pode ser facilmente produzida à vontade. Além disso, aqueles que a exibem frequentemente não conseguem dizer se estão a funcionar com precisão. O que dizem pode, por vezes, revelar-se incorreto quando estão mais certos de que é verdade.

Se se pode demonstrar que eles são assim pouco fiáveis ao relatar a telepatia de pessoas na terra, isto diminui para muitos cientistas a credibilidade de qualquer alegação de que a PES os possa colocar também em contacto mental com pessoas que sobreviveram à morte. Isto não o contesta, obviamente. Nem os erros anulam factos surpreendentemente corretos que sugerem fortemente uma fonte em mentes desencarnadas. Cabe aos cientistas justificar este material preciso de outras formas, se puderem.

Alguns estabelecem a teoria de que somos reduzidos após a morte a um banco de memória em desvanecimento (alguns chamam-lhe um *psychon*) do qual a PES extrai este material. Isto implica que sofremos um epílogo diminuto e semelhante a uma sombra, sem novas características, sem qualquer alimento fresco do passado ou do presente. Aqueles que favorecem esta teoria não

oferecem qualquer explicação sobre como tal *psychon* existe, nem é claro até que ponto se considera que um *psychon* tem consciência de si mesmo. A teoria não consegue justificar satisfatoriamente grande parte do material.

Muitos cientistas resistem à aceitação de uma hipótese de sobrevivência porque a estrutura bem estabelecida de observação científica produtiva, investigação e experiências previsíveis e repetíveis noutros campos lhes faz parecer que a sobrevivência é muito improvável de ser um facto. A sobrevivência também vai contra as implicações filosóficas do materialismo científico. Portanto, muitos tomam a posição de que a probabilidade, bem como a Lei de
Occam da hipótese mínima, os instam a preferir, por enquanto, qualquer outra explicação como mais provável do que a da sobrevivência.

Isto produz dificuldades em acreditar na evidência favorável reunida por cientistas anteriores. Não construirão sobre o trabalho deles. É muito mais fácil concluir que foram enganados ou que se enganaram a si próprios. Contra este ponto de vista, um número de outros cientistas considera que a evidência é forte e justifica ou exige uma hipótese de trabalho de que de facto sobrevivemos à morte. Não há uniformidade de opinião científica sobre o assunto. Esta divisão resulta numa espécie de impasse.

Lancemos um breve olhar sobre as dificuldades de evidência inerentes. Uma sensitiva ou médium apresenta factos que são aparentemente desconhecidos para o destinatário. O cético objetará que os factos, mesmo que não estejam presentes na mente consciente, poderiam ter sido conhecidos anteriormente, permanecendo guardados na memória do destinatário, embora este não os consiga recordar. Dirá que é dali que a perceção extrassensorial da sensitiva de alguma forma os draga. No entanto, se assim for, o processo pelo qual os factos são ganhas dessa maneira permanece ainda inteiramente desconhecido.

Por outro lado, se são produzidos factos que, tanto quanto se pode apurar, nunca tinham sido do conhecimento do destinatário,

então torna-se necessário verificá-los, quer por referência a algum documento — uma carta ou um registo escrito — quer através da memória de alguma outra pessoa viva. O cético sugere então duas possibilidades.

A primeira é que a PES da sensitiva tem, de alguma forma, um acesso misterioso ao documento, onde quer que este guardado, e consegue lê-lo por mais estreitamente que esteja dobrado. Ou então diz que o material é furtado da mente viva da pessoa que o consegue recordar conscientemente, mesmo que essa pessoa e o seu paradeiro sejam e tenham sido sempre totalmente desconhecidos para a sensitiva.

Se outra teoria for preferida à de uma comunicação deliberada por parte da pessoa agora morta, tal teoria deve envolver poderes notáveis — de amplo alcance e instantaneamente disponíveis — de ganhar posse de factos a partir de mentes desconhecidas ou locais distantes. Isto é chamado de super-PES para a distinguir da PES que ou extrai o seu material do destinatário presente numa sessão ou o recebe aparentemente de forma espontânea a partir de uma mente desencarnada.

Enfrentamos então uma dificuldade sobre a super-PES, bem expressa pelo F. W. H. Myers póstumo. Ele pergunta agudamente: "Quem seleciona?" Como sabe a sensitiva qual a mente certa ou o documento certo a saquear e, sentada numa cadeira, lê-lo instantaneamente à distância?

O campo de batalha na questão da sobrevivência não reside, portanto, na evidência, que é ampla, mas na interpretação da sua fonte. Se uma hipótese de trabalho favorável à sobrevivência for rejeitada, isto exige então uma teoria de super-PES de tal alcance e precisão impressionantes que seria irracional atribuí-la a qualquer ser humano. O defensor da super-PES precisa de se perguntar quão improváveis são os factos que tem de postular. Se ele sustenta seriamente que os sensitivos possuem estes superpoderes, então deve testá-los. Mas este tipo de trabalho de campo não parece interessar ao investigador psíquico. A teoria da super-PES deve ser classificada atualmente como pouco mais do

que um dispositivo cético defensivo. Se uma hipótese de trabalho de sobrevivência deve ser evitada, ela necessita desta teoria de tal complicação extrema que não foi testada experimentalmente como alternativa e provavelmente não o pode ser.

A questão da sobrevivência após a morte é muito improvável que seja resolvida pelo aparecimento de alguns casos irrefutáveis. No atual clima intelectual, ventos frios continuam a soprar contra ela, criando um ambiente desfavorável para a consideração da evidência direta. Enquanto não conhecermos os limites da mente humana — e nunca os conheceremos — será sem dúvida possível conceber teorias alternativas engenhosas que podem então, com demasiada facilidade, ser deixadas por provar. A questão é mais provável que seja resolvida de outras formas. Muitas mais pessoas do que atualmente podem encontrar o caminho para experiências de PES próprias, fornecendo assim a sua própria evidência direta. Muito dependerá também de a evidência cumulativa de uma comunicação desencarnada eficaz e significativa se tornar cada vez mais pesada, ou cada vez menos, à medida que a experiência cresce e a experimentação continua. Necessita de operações combinadas por parte dos muitos que se importam apaixonadamente, em prol da verdade, para onde — se é que para algum lado — o destino humano nos conduz após a morte.

CAPÍTULO 3
PROBLEMAS DE AVALIAÇÃO E ACEITAÇÃO

As atitudes humanas comuns perante a morte, e os tabus que a rodeiam, impedem frequentemente um exame pessoal direto do material. Pode haver obstáculos intelectuais, emocionais ou

religiosos. Muitas pessoas não acham fácil superá-los, ou quebrar a quase conspiração de silêncio social sobre a morte.

Outros obstáculos, diferentes, são inerentes ao próprio material; tornam-no difícil de avaliar e aumentam a desconfiança que muitos sentem. Assim, pode haver uma desconfiança profundamente enraizada presente em muitos antes do início.

2

O medo da morte é uma emoção composta. Pode-se adiar o pensamento na morte como se adia a feitura de um testamento. Se se considera impossível sobreviver à morte física, o assunto torna-se doloroso bem como infrutífero; o mais doloroso de tudo quando se é levado a encarar a extinção daqueles que nos são profundamente queridos. Há o medo do desconhecido, quer se trate da extinção ou do oposto. Há o medo da dor que se espera que preceda e acompanhe a experiência. Há, também, um medo de consequências morais que poderiam surgir se houver sobrevivência, de encontrar um código que se falhou em cumprir, levando ao remorso, à punição ou ao castigo imposto a si próprio.

Por outro lado, pode ser um alívio real pensar no esquecimento trazendo a cessação a um corpo cansado e decadente. A luta com os problemas da vida pode ser diminuída ou descartada, também, se se acreditar que a preocupação com eles durará por tão curto espaço de tempo. No entanto, sempre que a extinção é antecipada, seja com estoicismo, com desejo ou com alívio, é também provável que haja uma parte de nós que, apesar da convicção intelectual, espera e anseia, de facto, por uma continuação de algum tipo, uma parte que o homem por vezes reprime, escarnece ou trata com dureza.

Há, também, um tipo diferente de medo que surge da fidelidade aos ensinamentos religiosos. É natural e, na verdade, adequado, antes de examinar um tema tão altamente importante, sentir ansiedade para não ser enganado, e suspeitar da idoneidade das fontes.

Portanto, globalmente, há uma lacuna percetível na curiosidade do homem moderno sobre o que nos pode aguardar a

todos após a morte, tanto mais singular visto que a morte é inevitável. Esta lacuna é a mais estranha das omissões na nossa, de outro modo, insaciável sede de conhecimento. É especialmente curiosa dado que a vida, se continuar, poderia revelar-se por um período enormemente mais longo do que os nossos escassos anos na terra.

3

O conceito básico de que vivemos para lá da morte tem também de enfrentar a formidável escola de opinião médica que postula que a consciência não pode ser concebida sem o corpo físico, que é considerado como o seu veículo essencial de expressão, e que, portanto, a vida após a morte é impossível. É verdade que esta visão não é unânime; outra escola neurológica de peso concebe a mente como distinta do cérebro que forma o seu veículo. Talvez por muito tempo pela frente permaneça possível, como é hoje, defender um caso para qualquer uma das posições. Se, a partir da investigação noutros campos, a evidência da sobrevivência à morte for considerada suficientemente forte, alguns esperarão que isto resolva a questão também para os neurologistas, com o fundamento de que estabelecerá independentemente a continuação da consciência sem e à parte do corpo físico. Não é provável que a resolva, contudo, pois esta não é a direção para a qual os neurologistas voltam a sua principal atenção. Eles apoiam-se na evidência que a sua própria competência melhor os qualifica para interpretar, naquilo que os seus estudos do corpo físico parecem dizer-lhes.

4

Uma vez disse a um amigo que estava a escrever sobre o mundo pós-morte. Ele perguntou com um brilho nos olhos: "Já lá estiveste?" Um fator inescapável no testemunho é que ele tem de ser de um tipo indireto. Por definição, lida com experiências que ainda não podemos ter enquanto estamos na terra, ou pelo menos não da forma como os mortos as conhecem. Os factos não estão na terra. Temos de trabalhar dentro desta clara limitação metodológica. Esta desvantagem do relato indireto, embora

inevitável, é desagradável para muitas mentes precisas. Como vimos, muitos investigadores psíquicos preferem, por isso, ignorar os relatos como não tendo lugar na investigação estrita. Não conseguem encontrar uma forma de os medir. O modo de produção da evidência, também — qualquer que seja o método pelo qual se possa conceber a sua introdução ou intrusão em mentes que vivem na terra — pode claramente ser suspeito. Muitos esperariam que o material fosse uma mera projeção baseada nas necessidades psicológicas do seu produtor. Ou poderia não ser mais do que algo que aqueles que escrevem o material consideram provável. Poderiam estar a imaginar tudo.

Ora, ou o material, ou parte dele, tem a sua fonte em mentes desencarnadas, ou então não tem. Se não sobrevivemos, os relatos têm de ser falsos. Se sobrevivemos mas nenhuma comunicação é possível, então, em teoria, algumas coisas nos relatos poderiam estar corretas por coincidência. Ninguém examinará os relatos com base nisto.

Se sobrevivemos e algum grau de comunicação é possível, então temos de tentar separar o que é real e o que é irreal no material. Não é difícil detetar material que não passa de um exercício para a realização de desejos do escritor, ou que gira todo em torno dele e alimenta o seu ego, ou que apenas reflete escritos anteriores de outras pessoas. Tais pseudo-rrelatos são fáceis de descartar.

Quando os relatos são de tom sério e aparentam tentar apresentar informação honestamente, surgem problemas de julgamento mais difíceis.

5

A mente humana gosta de exigir certeza, mas na maioria dos assuntos esperamos e confiaremos em graus de probabilidade. A ciência é construída sobre observações e deduções que mais tarde se tornam probabilidades. Em qualquer altura, é provável que um número das suas atuais hipóteses de trabalho venha a ser

desconsiderado após investigação adicional. A história da ciência está repleta de hipóteses descartadas.

Do mesmo modo, no campo que vamos estudar, se passarmos a aceitar parte do material como de boa-fé, devemos esperar apenas uma imagem provisória. Partes da evidência aceites pelos estudantes hoje podem, tal como as hipóteses científicas, ser superadas mais tarde. Comunicadores mais habilidosos e sensitivas mais precisamente sintonizadas podem produzir melhor material. A certeza total, seja ela científica, filosófica, teológica ou reveladora, não deve ser procurada. Seria uma ilusão procurá-la.

O teto da Capela Sistina de Michelangelo retrata o braço de Adão estendido em direção a Deus, capaz de tocar em nada mais do que a ponta do Seu dedo. Se os desencarnados nos conseguem alcançar, tem de ser (falando figuradamente) por um toque igualmente esguio a partir dos seus dedos ainda humanos. Estamos a julgar o testemunho humano, com todas as suas imperfeições. Obviamente, surgem problemas quanto à fiabilidade dos comunicadores e também quanto à receção precisa do que é transmitido.

Vemos muito em breve que nenhuma comunicação pós-morte emerge inteiramente na forma em que se pretendia que fosse dada. Pois a sensitiva que recebe o material possui também insensibilidades, bem como preconceitos e limitações de perceção, fazendo com que o material fique colorido, alterado ou diluído pela passagem através da sua mente. Isto é inevitável.

Porque o material, tanto pela sua natureza como pelo processo indireto através do qual nos tem de chegar, está condenado à imperfeição, isto não lhe retira validade. Se um homem de facto sobrevive e quer contar isso, de que outra forma o pode fazer senão através do instrumento limitado de seres humanos ainda na terra? Algum tipo de compromisso tem de haver entre os requisitos de precisão, do nosso lado, e as dificuldades com que os comunicadores, se genuínos, depararão para encontrar expressão. Exige uma certa tolerância em relação

às suas tentativas de contornar os obstáculos que passamos a ver que devem existir para eles. Uma metodologia demasiado rigorosa levaria à exclusão de material que, embora impreciso, pode ter significado e que pode apontar para experiências genuínas. Por muito desagradável que seja, qualquer metodologia que concebamos deve prestar atenção a estas limitações.

6

O problema metodológico é, portanto, um problema de credibilidade: até que ponto a credibilidade é legítima, ou até que ponto nos expõe a um assentimento injustificável, perigosamente equilibrado acima de uma descida rápida para a mera credulidade? Por outro lado, como podemos avançar exceto por passos que têm de ser um pouco no escuro? Nestas circunstâncias difíceis mas inevitáveis, onde está o terreno sólido onde nos podemos apoiar?

Coleridge, no seu famoso ditame sobre a poesia, fala de uma suspensão voluntária da descrença. No nosso campo, bastante diferente, pode resultar vantagem se, com grande cuidado e cautela, adotarmos esta atitude em relação àquilo que os comunicadores parecem estar a tentar dizer-nos. Examinemos as três palavras de Coleridge separadamente. Enquanto a suspensão for voluntária, permanece sob o nosso comando, livre de qualquer compulsão emocional para aceitar. Precisa de ser uma suspensão e não um abandono, porque isto deixa a liberdade para retomar ou assumir a descrença se o material falhar em satisfazer-nos. E será necessário que a descrença seja colocada de lado temporariamente, para permitir que o material cause o seu próprio impacto desimpedido.

Somos então capazes de ser recetivos em todas as áreas do nosso ser. Na poesia, vê-se facilmente que isto é necessário. Não ditamos previamente ao poeta, mas julgamos pela resposta que ele obtém. À semelhança da poesia, o material tem direito às suas próprias afirmações e significados, contudo é também uma tentativa de comunicar de um ser humano para outro. Infelizmente, a precisão das palavras que ilumina a poesia está

ausente. Se primeiro permitirmos total oportunidade para a comunicação nos seus próprios termos, e depois disso julgarmos o material perante o tribunal de todas as nossas faculdades humanas, alcança-se uma justificação metodológica.

Uma imagem arredondada não pode resultar se apenas parte do nosso arsenal de ferramentas percetivas for utilizada. Muitos critérios precisam de tomar a sua vez: a razão, a sensibilidade, a imaginação, o sentido estético; todo o equipamento do ser multifacetado do homem deve ser trazido para o julgamento. Um intelectual, digamos, não deseja ser induzido em erro pelos seus sentimentos. Mas os sentimentos podem guiar, bem como guiar erradamente. O intelecto é inestimável na deteção de inconsistências e ambiguidades que a emoção ignora ou até encoraja. No entanto, a emoção e o intelecto podem ambos ser altamente resistentes neste campo fortemente carregado, obscurecido para muitos pelo medo e pelo preconceito. Daí a necessidade de uma suspensão preliminar da descrença para desimpedir o caminho para todo o campo de julgamentos de valor subsequentes. Por vezes, eles competirão entre si e talvez pareçam contraditórios, mas certamente que colocar todos a trabalhar melhor permitirá que a verdadeira imagem emerja gradualmente.

7

Quer esperemos sobreviver-lhe ou não, a morte é habitualmente considerada como um acontecimento altamente decisivo. É em parte por isso que muitos desviam os olhos dela. No entanto, é uma suposição muito grande que a morte, se lhe sobrevivermos, nos trará qualquer tipo de conhecimento final. De acordo com os relatos, a morte certamente não revela tudo; é apenas um trampolim para um longo e novo capítulo de experiência. Se um aborígene fosse largado de paraquedas no centro de Londres, os seus poderes de compreensão do que está agora ao seu redor seriam muito circunscritos. A sua vida passada estaria a estorvá-lo. À semelhança do aborígene, é provável que um comunicador, bastante tempo após a sua morte, interprete o que vê em termos de factos terrestres já familiares, e antes de se

ter ajustado à sua verdadeira natureza. O significado, tal como na terra, precisa de ser comprado pela experiência. Cinquenta ou cem anos após a sua morte, alguns sobreviventes podem saber pouco mais do que quando chegaram pela primeira vez. Podem permanecer tímidos ou de vistas curtas. Tal como na terra, alguns serão provavelmente estudantes ansiosos, mas outros serão retardatários. Deve-se tentar distinguir as boas testemunhas que aprenderam das más que não o fizeram.

8

Três dificuldades principais são aparentes na produção e transmissão de material pós-morte.

A primeira dificuldade surge quando algo precisa de ser descrito que não existe na terra ou é diferente do que é na terra. Esta é primariamente uma dificuldade de linguagem. Se as condições pós-morte se revelarem consideravelmente diferentes, será extremamente difícil para qualquer comunicador encontrar palavras terrenas para descrever estas como elas realmente são. Por outro lado, se forem apresentadas em termos de símiles terrenos, então a imagem parecerá forçosamente uma reprodução excessiva da existência terrena, e pouco convincente por esse motivo. O familiar pode ser descartado pela mente relutante porque é familiar, e o não familiar com o fundamento de que não pode ser compreendido. Algumas coisas podem ser tão pouco familiares que desafiam qualquer descrição; os relatos desencarnados dizem-no frequentemente. Infelizmente, uma consequência de morrer é que se perde, com isso, um pouco da credibilidade como testemunha.

Os próprios comunicadores falam por vezes do seu quase desespero perante a incapacidade de transmitir mais do que um fragmento do significado pretendido. Confrontados com algum fator que qualquer descrição possível forçosamente deturpará, deparam-se com a escolha de aceitar a falsidade ou então de não falar de todo sobre o assunto. Esta poderia ser uma escolha difícil. É evidente que eles por vezes exercem um elemento de seleção necessário.

É claramente mais sensato, então, se atribuirmos muito pouca autoridade, em vez de demasiada, aos relatos. Exceto no caso dos novatos, os próprios comunicadores desencarnados raramente são dogmáticos. Se eles aprenderam a sê-lo, será prudente que nós o sejamos de igual modo. Nenhum relato sério se verificará que afirme que a informação desencarnada é sempre completa e precisa.

A segunda dificuldade surge se, como resultado da sua experiência, talvez uma longa experiência, o comunicador tiver atingido algum estado alterado de consciência, que pode ser difícil de apreendermos e mais difícil ainda, ou impossível, de acomodar dentro do nosso pensamento atual. Para compreender plenamente, seria necessário estar tanto disposto como capaz de mudar algo na sua própria consciência. Se o comunicador considerar que isto apresenta um desafio demasiado difícil, ver-se-á obrigado a falar a partir de algo menor do que o seu ser total; pode até ter de aparecer, para nos alcançar, como mais parecido com o seu antigo eu do que ele agora realmente é.

Se a evidência gradualmente começar a sugerir, como acontece a alguns estudantes, que para além destes predecessores pessoalmente conhecidos, outros comunicadores mais sábios e mais seniores também falam ocasionalmente, então estes também serão provavelmente obrigados, durante a comunicação, a descartar parte do panorama total do seu conhecimento. Necessitarão de transformar a sua consciência descendo-a a um nível no qual a possamos compreender.

Não é muito diferente da forma como reduzimos parte do nosso eu adulto ao falar com uma criança. Parecerá ter de haver uma espécie de processo de redução. O comunicador tem de nos contar em termos daquilo que ele pensa que podemos compreender. A sensitiva, como foi dito, ao relatar o significado pode facilmente traduzi-lo de uma forma defeituosa e nós, como destinatários, acharemos frequentemente muito mais fácil reduzi-lo ainda mais a noções terrenas familiares, encaixá-lo em formas

nas quais estamos habituados a pensar, em vez de esticar a mente em direção a conceitos mais expandidos.

Assim, à primeira dificuldade do material não familiar para nós, e à segunda dificuldade de falar de e a partir de uma consciência modificada, tem de se adicionar a terceira dificuldade de estabelecer com sucesso uma ligação telepática com a sensitiva. É fácil supor que isto é uma simples retransmissão ou repetição de palavras, mas tudo sugere que não é nada assim tão simples. O processo assemelha-se mais a fazer outra mente pensar os pensamentos que são do próprio comunicador. Para além da dificuldade de os receber e de os compreender, quantas vezes o pensamento e o sentimento da sensitiva não vão insistir no seu próprio caminho e depois passar isto, de boa-fé, como sendo do próprio comunicador? A sensitiva é essencial para que a mensagem alcance sequer a terra e, no entanto, ao mesmo tempo, é o principal obstáculo que o comunicador tem de tentar contornar.

O crítico hostil pode, escusado será dizer, optar por declarar *a priori* que tudo isto não passa de desculpas para as próprias fabricações ineficazes de uma sensitiva, mas os críticos hostis não examinam necessariamente todas as partes da imagem, e esta é uma área que ainda exige uma boa dose de observação paciente.

9

A sobrevivência após a morte não estabelece, por si só, que a vida tenha significado, embora certamente o torne infinitamente mais provável. Mostrarão os relatos um mundo onde valha a pena viver? Se a imagem não guardasse qualquer relação com a vida terrena, com todos os seus horrores, injustiças e frustrações, isso ofenderia a lógica. Perguntamos urgentemente se estas imagens da vida seguinte contêm uma explicação, por mais parcial e incompleta que seja, de alguns dos mistérios que residem nesta. Ouvir como os outros se saíram após a morte também pode conter implicações para o nosso próprio presente. O comportamento dos desencarnados quando estavam ainda na terra assemelhava-se,

muito provavelmente, ao nosso. As suas experiências presentes podem, portanto, antecipar o nosso próprio futuro.

Isto, por sua vez, pode sugerir ações que, se tomadas por nós na terra, alterarão o nosso próprio panorama subsequente. Pois o que vem depois deve, seguramente, ter uma relação lógica com o que veio antes, e vice-versa. O Segundo Ato da peça, tal como vai sendo gradualmente descrito após a morte, pode tornar o Primeiro Ato mais inteligível enquanto estamos ocupados a representá-lo na terra, e pode começar a responder a perguntas que dele emanam; e pode dar a promessa dos Atos Terceiro, Quarto e Quinto que se seguirão, bem como ajudar-nos a reescrever a nossa parte privada do Primeiro Ato enquanto ainda estamos na terra para o fazer.

10

Em qualquer processo de vida, aprender envolve uma capacidade de mudar. Se após a morte sobrevivemos mas de forma alguma nos modificamos, então não há qualquer utilidade em prosseguir esta investigação, visto que isso implicaria que não há mais nada a aprender do que aquilo que já podemos aprender com a terra. É encorajador para a nossa investigação verificar, como verificamos, que tudo aponta para que aqueles que morreram tenham de tatear gradualmente o seu caminho na vida que encontram ao seu redor, que o homem se encontra ainda envolvido num processo de aprendizagem contínua. Aprender é o propósito de muitas das suas experiências ali, tal como na terra. É uma continuação da aventura humana. Daí que os narradores não venham todos a relatar acontecimentos idênticos. Portanto, requerer-se-á algo mais do que uma comparação literal dos relatos.

A verdade por certo não será encontrada supondo que o desacordo entre eles implique ou que um está certo e o outro errado, ou, alternativamente, que em nenhum se pode confiar. Se os relatos surgem de níveis de experiência completamente diferentes, claramente não há, nem pode haver, uma igualdade plana no testemunho; trata-se de uma imagem compósita.

O respeito pelos relatos aumenta, contudo, quando, mesmo com as suas diferenças, se verifica, após comparação, que se articulam razoavelmente bem. Algumas partes fazem, decerto, imenso sentido. Quando as testemunhas de facto discordam umas das outras, surge frequentemente a impressão de que a maioria das testemunhas está, pelo menos, a tentar dizer a verdade, mesmo quando podemos ver que as suas perceções são limitadas.

As imagens mostram, assim, que é essencial ter em conta uma hierarquia de perceção. Na verdade, implicam que o crescimento na consciência é ele próprio a chave que dá acesso a ambientes adicionais ali, sem a qual a entrada permanece barrada, ou autobarada. É indicado que as pessoas podem viajar apenas até onde a sua estatura espiritual o permite.

Sob estas condições um tanto esquivas, surge então o problema de como encontrar uma forma de comparar o que é semelhante. Já apontei para uma área onde nos encontramos num terreno comparativamente firme. Quando perguntamos se sobrevivemos, queremos na verdade dizer: sobreviveremos ainda como seres humanos, por muito ou por pouco, por mais lenta ou rapidamente que sejamos modificados? Quaisquer que sejam os problemas que surjam ao tentar compreender os ambientes pós-morte ou a constituição física ou não física alterada, a verdadeira linha de continuidade estabelece-se entre humanos que continuam a falar uns com os outros em termos de sentimentos e pensamentos partilhados. Novamente somos remetidos para o testemunho humano, e para as razões da sua autenticidade e veracidade. Este é o núcleo sólido sobre o qual podemos construir melhor e de forma mais segura em termos de julgamentos de valor.

11

Dividamos hipoteticamente a nossa natureza atual em três aspetos:

1. A parte física do dia a dia, que se sente em casa na terra.

2. Uma parte de nós que, se sobrevivermos, presumivelmente encontrará e aprenderá a sentir-se em casa onde o físico, pelo menos como o conhecemos aqui, é inexistente.

3. Se o ponto (2) existe, então o homem na terra será um composto, em parte constituído pelo seu eu terreno e em parte pelo seu eu continuador, e é provável que exista algures dentro da consciência uma área onde os dois se sobreponham.

Será uma suposição legítima que, dentro de alguma parte de nós próprios, encontraremos um eco correspondente a tudo o que for verdadeiro naquilo que nos dizem sobre a vida após a morte? A informação deveria ser semelhante a esta parte da nossa natureza.

Está a ser cada vez mais reconhecido que, em muitas partes da imagem científica, o observador é parte da sua observação; as suas ferramentas de observação não são todas estritamente objetivas, mas incluem a ferramenta da sua própria mente. O Professor Michael Polanyi escreve longamente sobre o conhecimento tácito no homem, apreendendo ferramentas que tem à sua disposição e que lhe fornecem muitas das suas melhores matérias-primas. Ele precisa então, diz Polanyi, de as trazer para a sua consciência e de as assimilar.

Talvez uma comparação com a bem conhecida dificuldade de comunicar experiências místicas possa ser útil aqui. Estas só podem ser relatadas de forma inadequada porque situam-se para lá da linguagem da experiência comum. Poucos de nós as partilhámos até agora. No entanto, em culturas muito diferentes, possuem uma uniformidade notável e convincente. Todas elas provocam uma ampliação do ser e uma convicção absoluta da bondade última do universo. (Um fator em muitas delas, por sinal, é que todo o medo da morte desaparece por completo.) Quando o vislumbre místico surge, traz um nível de consciência instantaneamente expandido que, possivelmente, a maioria dos

homens e mulheres alcançará apenas como resultado de uma longa e árdua estada nos reinos para lá da morte.

Os místicos podem, assim, antecipar o que todos nós um dia viremos a saber. Alguns acontecimentos da consciência que serão citados mais adiante, extraídos de relatos desencarnados, assemelham-se a passos iniciais dados na terra ao subir esta escada mística. Os relatos de sobrevivência e os relatos místicos, por mais desiguais que sejam em profundidade, podem ser vistos como trazendo apoio mútuo. Partes da experiência desencarnada sobrepõem-se a experiências de pico na terra.

12

Para julgar se o material é verídico, é necessário, portanto, um conjunto misto de critérios. Eis alguns:

- Haverá uma lógica interna naquilo que os viajantes nos dizem que lhes acontece, levando o estudante a supor que o mundo após a morte é um mundo ordenado, mesmo que a sua ordem total seja difícil de descobrir?
- O comportamento, tal como descrito, será tanto mais convincente quanto mais ampla for a gama da humanidade que abranger. Precisamos de saber o que acontece a todo o tipo de pessoas e não apenas àquelas que são do agrado do investigador. O investigador cristão, por exemplo, precisa de escutar o que os não cristãos nos dizem, bem como os cristãos. Corresponderão os relatos, embora provenientes de interlocutores com crenças terrenas diferentes, geralmente uns aos outros, além de possuírem áreas razoáveis de divergência? Existirão também contradições diretas? Se sim, até que ponto se devem a diferentes níveis de perceção e experiência? Poderá aquilo que se diz ser verdade num determinado nível de consciência ser comparado com, e talvez substituído por, uma visão mais profunda vinda de seres de visão mais ampla? Em suma, que evidência existe de muitos tipos de consciência em ação, dependendo da experiência bem merecida através da duração da estada?

- Ver-se-ão as forças causais, sejam benévolas ou o oposto, mais claramente em ação numa existência subsequente do que neste nosso estranho mundo? Dir-se-á algo sobre o conflito ali entre o bem e o evil?
- Ao estudarmos, descobriremos um reconhecimento interno a brotar dentro de nós quanto à verdade das descrições? Estarão os comunicadores a educar-nos, à maneira platónica, em direção a algo de que, numa parte do nosso ser, já temos conhecimento?
- Poderão as experiências registadas pós-morte ser utilizadas e dar bons frutos para aqueles de nós que ainda se encontram na terra? Os comunicadores, de tempos a tempos, sugerem como viver melhor, declarando que aquilo que encontraram na vida desencarnada se aplica do mesmo modo a nós aqui e agora. Se, portanto, algumas destas sugestões forem vividas com resultados harmoniosos, isto poderia fornecer um testemunho indireto da validade do material.
- Haverá evidência de relacionamentos diretos contínuos com aqueles que estão na terra, ajudando, estorvando ou influenciando de outro modo os pensamentos e ações presentes? A ajuda telepática e o interesse contínuo pelas pessoas na terra poderiam revelar-se como fazendo parte da vida desencarnada tanto quanto a experiência que ocorre unicamente dentro do seu próprio ambiente.
- Qual é a natureza das relações pessoais no mundo pós-morte? Até que ponto as relações espirituais, as apaixonadamente amorosas, os laços familiares e as relações profissionais continuam ou, talvez, mudam de importância?
- Acima de tudo, existirá alguma imagem aceitável de uma escada de Jacob da consciência, dependente dos nossos próprios esforços e não outorgada automaticamente?

Por mais aproximada e incompleta que seja, esperaremos encontrar uma margem de informação sobre estes importantes tópicos tecida na própria textura dos relatos que iremos estudar.

Para resumir, vimos que um ceticismo geral e amplamente difundido ainda permanece em relação aos relatos da vida após a morte, e que isso se deve a uma variedade de razões: às limitações necessárias do testemunho por ser apenas um relato indireto; ao medo e à suspeita das suas fontes em sensitivas e pessoas em estados invulgares de consciência; às dificuldades que surgem da natureza um tanto fragmentária do material; e à falta, até ao momento, de um paradigma cientificamente aceitável. No entanto, é necessário e honroso conceder uma audição justa àquilo que poderia provar ser um testemunho humano válido sobre matérias da mais profunda importância para a humanidade. Qualquer que seja a abordagem metodológica escolhida, este requisito precisa de ser satisfeito.

Irão estas vozes, então, despertar uma resposta no nosso sentido privado da realidade e aprofundá-lo? Introduzir-nos-ão a uma lógica de consequência diferente e mais amplamente implicada? Serão suficientemente expressivas para nos convencer de que aqui estão, de facto, seres humanos a falar-nos a partir de uma área diferente de consciência, mas uma área na qual continuam a reagir de uma forma reconhecível, tal como poderíamos esperar reagir nós próprios? Serão alguns relatos apenas uma história contada por um idiota? Serão alguns contados por indivíduos sábios, e serão outros relatos honestos de experiências, contados por vezes com alegria, por vezes com arrependimento, pelos nossos pares?

Lancemos de seguida um olhar sobre as fontes desta informação e perguntemos quão fiáveis podemos esperar que elas sejam.

CAPÍTULO 4
AS FONTES

Até que ponto podemos, então, confiar nas fontes e na integridade daqueles que as fornecem? A principal contribuição,

naturalmente, reside nas comunicações telepáticas que se afirma provirem de homens e mulheres no lado de lá da morte. Este método fornece-nos a informação mais variada atualmente disponível. As testemunhas, contudo, estão necessariamente ausentes e não podem ser extraditadas para um interrogatório presencial. Desde que não sejam meras invenções, há uma vantagem no facto de estarem ausentes. Encontram-se seguramente numa posição melhor do que a nossa para obter informação, embora numa posição pior para a comunicar. À primeira vista, esta dificuldade da ausência pode ser contornada se as pessoas ainda na terra conseguirem obter vislumbres, por si mesmas, do mundo após a morte, pelo menos até certo grau.

Afirma-se que isto é possível de duas formas.

2

A primeira baseia-se no testemunho de algumas pessoas que, independentemente da idade, estiveram próximas da morte, ou estiveram momentaneamente clinicamente mortas, e que se encontraram então numa forma exteriorizada de consciência, frequentemente e segundo parece a partir de um ponto de onde observaram o seu corpo físico deitado na cama. Parecem entrar ou, pelo menos, vislumbrar um novo ambiente e falar com pessoas desencarnadas. Após recuperarem a saúde normal, descrevem estas experiências, que habitualmente têm, e continuam a ter, um efeito profundo nelas. Estes relatos de "breves vislumbres" — casos *Peak in Darien*, como lhes chamou F. W. H. Myers — possuem uma medida considerável de acordo entre si, embora, como é evidente, não sejam uniformes. O seguinte contém características presentes em muitos relatos.

... Fiquei rapidamente muito doente e senti-me muito pior. Estava deitado na cama e lembro-me de tentar esticar-me para chegar à minha mulher e dizer que estava muito mal, mas achei impossível mover-me. Para além disso, encontrei-me num vazio completamente negro, e toda a minha vida... passou em flash diante de mim... Fui da escola primária para a preparatória, para a

faculdade, depois para a faculdade de medicina dentária, e logo de seguida para a prática da medicina dentária.

Sabia que estava a morrer, e lembro-me de pensar que queria precaver a minha família. Estava perturbado por estar a morrer e, no entanto, por existirem certas coisas que tinha feito na minha vida de que me arrependia, e outras coisas de que me arrependia por ter deixado por fazer.

O retrocesso foi sob a forma de imagens mentais... mas eram muito mais vívidas do que as normais. Vi apenas os pontos altos, mas foi tão rápido que foi como folhear um volume de toda a minha vida e ser capaz de o fazer em segundos. Passou simplesmente diante de mim como um filme que corre tremendamente rápido, no entanto fui totalmente capaz de o ver e capaz de o compreender. Ainda assim, as emoções não regressaram com as imagens, porque não houve tempo suficiente.

Não vi mais nada durante esta experiência. Havia apenas escuridão, exceto pelas imagens que vi. Contudo, senti definitivamente a presença de um ser muito poderoso e completamente amoroso ali comigo ao longo de toda esta experiência.[7]

Alguns relatos descrevem a separação da consciência. O caso seguinte foi afiançado por Sir Auckland Geddes:

Dei-me conta de que a minha consciência se estava a separar de outra consciência que também era eu. A estas poderíamos chamar as consciências A e B, e ao longo do que se segue, o ego ligou-se à consciência A... Dei-me conta de que a consciência B pertencente ao corpo começava a mostrar sinais de ser composta — isto é, construída a partir da "consciência" da cabeça, do coração e das vísceras.

Estes componentes tornaram-se mais individuais e a consciência B começou a desintegrar-se, enquanto a consciência A, que era agora eu, parecia estar totalmente fora do meu corpo, o qual conseguia ver. Gradualmente, dei-me conta de que conseguia ver não apenas o meu corpo e a cama em que este estava, mas tudo em toda a casa e no jardim, e depois dei-me conta de que

estava a ver não apenas as "coisas" em casa, mas em Londres e na Escócia, na verdade para onde quer que a minha atenção fosse dirigida;... e a explicação que recebi, de que fonte não sei, mas que me vi a chamar a mim próprio de meu mentor, foi que eu estava livre numa dimensão temporal do espaço, na qual o "agora" era de certa forma equivalente ao "aqui" no espaço tridimensional comum da vida quotidiana.[8]

O exemplo seguinte não surgiu na doença, mas no auge da forma física. Uma queda aconteceu ao bem conhecido alpinista dos Himalaias, F. S. Smythe:

... Embora tivesse assumido... que estava praticamente morto, fiz tentativas desesperadas para me imobilizar... Durante o tempo em que o fazia, uma curiosa rigidez ou tensão apoderou-se de todo o meu ser mental e físico. Tão grande era esta tensão que inundou toda a dor e medo, e tornou-me insensível a solavancos e pancadas. Foi uma sensação avassaladora e bastante fora da minha experiência.

Era como se todas as forças da vida estivessem em processo de sofrer alguma mudança evolutiva fundamental, a mudança chamada morte, que está normalmente para lá da imaginação e fora do alcance da força ou poder humano comum... Sei agora que a morte não deve ser temida, é uma experiência suprema, o clímax, não o anticlímax, da vida.

Por quanto tempo experienciei este crescendo de poder, não sei dizer. O tempo já não existia como tempo; foi substituído por uma sequência de acontecimentos a partir da qual o tempo, como quantidade ou qualidade em termos de consciência humana, já não existia. Depois, subitamente, este sentimento foi superado por um sentimento de completa indiferença e desapego, indiferença em relação ao que acontecia ao meu corpo, desapego daquilo que estava a acontecer ou que era provável acontecer a esse corpo. Parecia colocar-me à parte do meu corpo. Não estava a cair, pela razão de que não me encontrava numa dimensão onde fosse possível cair. Eu, isto é, a minha consciência, estava à parte do meu corpo, e nem um pouco preocupado com o que lhe estava a

suceder. O meu corpo estava em processo de ser ferido, esmagado e reduzido a polpa, e a minha consciência não estava associada a estes ferimentos físicos, estando completamente desinteressada deles.[9]

3

O segundo modo de acesso por parte de pessoas vivas a mundos ulteriores é aquele que exige um treino na extensão da consciência ao qual Rudolf Steiner dá o nome de "Ciência Espiritual". Este desperta faculdades interiores de visão. A diferença importante entre isto e o processo telepático passivo é que o cientista espiritual afirma que pode, então, pôr em prática os seus próprios poderes de observação e julgamento, em vez de ter de confiar nos relatos de outrem. Se muito mais pessoas conseguirem treinar-se como cientistas espirituais e puderem produzir observações que estejam amplamente de acordo umas com as outras, então a evidência tornar-se-ia mais sólida e difícil de contestar.

Rudolf Steiner, que possuía um doutoramento vienense em filosofia, era dotado de faculdades extrassensoriais desde a sua infância. Os seus alunos verificam que a faculdade exige uma disciplina estrita e é difícil de adquirir.

Este material possui também uma severa limitação metodológica pois, embora tenhamos agora uma testemunha que podemos interrogar e que é livre de prosseguir com as suas próprias observações diretas, a maioria de nós, por sua vez, tem de confiar na sua descrição, tal como temos de confiar analogamente num comunicador telepático.

A imagem de Steiner dos mundos espirituais, no geral, concorda bem com o que as histórias desencarnadas mais profundas nos contam. Parte da sua visão olha para muito além das primeiras experiências desencarnadas. Poucos poderiam estudar seriamente os relatos desencarnados sem adquirir um profundo respeito por Rudolf Steiner. Mas a observação com o auxílio da ciência espiritual, como por qualquer outro processo, não pode garantir a superação das limitações percetivas pessoais

de quem quer que a pratique. Steiner, que repudiava a adulação, alertou os seus seguidores de que algumas das suas próprias observações se revelariam, com certeza, incorretas.

Pelo que somos mais uma vez confrontados com um fator de relato indireto. Todas estas fontes, de igual modo, só podem ser julgadas como relatórios sobre as experiências — verdadeira ou falsamente contadas — de outras pessoas.

Os relatórios *Peak in Darien* — e isto é importante — possuem uma limitação severa adicional. Descrevem apenas o que pode ser observado a partir do limiar; são vislumbres de um mundo seguinte, não são viagens para o interior. Na verdade, estes narradores alcançam frequentemente um ponto em que lhes é mostrado que o acesso posterior a um mundo mais além lhes deve ser, por enquanto, negado.

Tais experiências são aberturas de cortina. Podem ser verdadeiramente antecipatórias. Mas, por definição, não podem incluir quaisquer experiências transformadoras, as quais surgem apenas como resultado da própria morte.

Destas três fontes de informação, a de base mais ampla é a que afirma ser comunicação telepática desencarnada direta.

4

É, logicamente, essencial avaliar as intenções de um comunicador para o bem ou para o mal. Este é um fator primordial no julgamento. Quando a possibilidade de visitantes do espaço sideral é discutida, a nossa primeira reação é frequentemente a de que eles têm de ser hostis. Como resultado de medos religiosos, os seres desencarnados são frequentemente encarados da mesma forma. O medo da comunicação com os mortos reside profundamente no seio da ortodoxia. O cuidado pastoral honesto proíbe frequentemente tentativas de olhar para além do véu.

Esta proibição brota deste medo de que a informação dos comunicadores possa ser gravemente enganadora, ou tenha de provir de fontes malignas. Muitos cristãos zelosos e devotos acreditam que a Bíblia proíbe a comunicação. Mas isto não é de

modo algum a questão linear que o cuidado pastoral habitualmente prega. À medida que as palavras e os conceitos mudam ao longo dos séculos, os textos bíblicos perdem algumas das matizes de significado que transmitiam aos antigos tradutores. Verifica-se que refletem o clima do seu tempo e necessitam de ser reinterpretados mais perto dos textos originais. Por exemplo, como estudiosos da teologia como o Rev. D. J. Bretherton e o Rev. L. Argyll mostraram recentemente, a necromancia nos tempos bíblicos era mui justamente condenada, mas não como comunicação *per se*. Era porque fazia uso de práticas de magia negra:

Como tal, constituem uma abominação para o Senhor Javé e uma ofensa ao Seu santo Nome. Representam tentativas orgiásticas primitivas, através de falsas divindades e fórmulas mágicas e do uso de corpos mortos, para obter informação normalmente oculta à compreensão humana. Tudo isto se ergue em vivo contraste com os videntes e profetas reconhecidos de Israel, cujos dons psíquicos e espirituais de sensibilidade e perceção eram dedicados ao trabalho e serviço de Javé, o Deus de Israel.[10]

Ao denominar a mulher de Endor como bruxa, os tradutores do Rei Jaime refletiram o espírito persecutório do seu próprio tempo e de tempos anteriores:

O pavor da feitiçaria e as suas associações horrorosas influenciaram a tradução da fórmula deuteronómica na Bíblia de Genebra, a qual, por sua vez, influenciou versões subsequentes, incluindo a Bíblia dos Bispos, a Versão Autorizada do Rei Jaime, a Versão Revisada e as interpretações modernas.[11]

A tradução fala em invocar espíritos mas, como qualquer pessoa hoje em dia pode facilmente descobrir por si mesma, não é possível invocar o espírito de uma determinada pessoa à vontade. Na verdade, um fator indireto para a autenticidade da comunicação é que o comunicador mais desejado frequentemente não aparece, embora outros o possam fazer em sua substituição. Aqueles que apontam para a história da Bruxa de Endor como

condenação de toda a comunicação como maligna deveriam, certamente, perguntar de seguida por que razão Samuel consentiu em participar nela.

As comunicações são frequentes nas vidas dos santos, quer consideradas como visitações angelicais, quer como vívidas impressões telepáticas. Os santos demonstraram a sua estatura através de uma capacidade incomparável de utilizar tais impressões para o aprofundamento das suas perceções espirituais.

Todas estas grandes e generosas almas persistem em usar sempre estas coisas psicofísicas, quer sejam projeções quer sejam "dados", como meros instrumentos e materiais para a apreensão, ilustração, aquisição e purificação da verdade espiritual e da própria plenitude e profundidade do espírito.[12]

Na verdade, todos os grandes místicos, e isto na proporção exata da sua grandeza, ensinaram sempre que... as visões e as vozes devem ser aceites pela mente apenas na proporção em que lhe transmitem, a ela ou a outros, alguma verdade espiritual de importância, e à medida que a ajudam efetivamente a tornar-se mais humilde, verdadeira e amorosa.[13]

Assim, estas impressões formaram, por vezes, uma fonte primordial de riquezas espirituais interiores. Os critérios para distinguir as experiências paranormais saudáveis das não saudáveis deste tipo nas vidas dos santos são total e cuidadosamente analisados na obra do Barão von Hügel, *The Mystical Element of Religion*.[14]

A obra *The Psychic Life of Jesus*, do Rev. Maurice Elliott, mostra que Jesus também fazia uso das suas perceções extrassensoriais. Devido a isto, alguma opinião espiritualista transforma-O em nada mais do que um supermédium, mas, como é natural, as faculdades extrassensoriais são apenas uma parte do seu equipamento espiritual, tal como acontecia com os santos. Apesar disso, Ele não hesitou em usá-las.

Para alguns, a afirmação mais importante de todas que Jesus fez a respeito da sobrevivência à morte está implícita no próprio facto das suas aparições aos seus discípulos após a Crucificação.

A boa-nova essencial da Páscoa é que Ele continuou a viver. Ele esteve disposto, além disso, a aparecer muitas vezes aos seus discípulos para mostrar que assim era. Moisés e Elias apareceram na Transfiguração. Portanto, tanto antes como depois da sua morte, Ele participou em comunicações psíquicas espirituais.

Aqueles que aceitam a sua divindade dizem, por vezes, que Jesus Cristo se encontra numa situação especial. Seguramente, então, ainda com mais razão Jesus, como nosso modelo, não quebraria a lei espiritual para fazer estas aparições. Ao sancionar o princípio da comunicação, contudo, de forma muito óbvia não o sancionou a um nível baixo e para fins malignos. Daí a necessidade dos testes posteriores de Paulo sobre os frutos do espírito. Estas são questões teológicas de peso, mas qualquer leitor da Bíblia que hoje tenha uma visão clara necessita, com certeza, de se pacificar com esses acontecimentos e ensinamentos do Novo Testamento que lançam uma luz crítica sobre qualquer afirmação de que a comunicação com os mortos é sempre maligna.

A situação foi excelentemente ponderada recentemente pelo Chanceler Rev. E. Garth Moore:

É claramente impossível extrair da Bíblia uma condenação de tudo o que é psíquico... pois isso envolveria a condenação de uma qualidade inata que, quer usufruam dela quer não, algumas pessoas possuem e que talvez seja latente em todas as pessoas. Qualquer condenação desse tipo incluiria o nosso próprio Senhor no seu âmbito, pois ele exibia PES num grau marcado. O ataque presume-se confinado a certas práticas psíquicas. Mas, mesmo quando o ataque é assim limitado, é difícil de sustentar...

Mas isso não é sugerir que a Bíblia deva ser ignorada. Uma coisa emerge claramente de uma leitura global da mesma, a saber, que os talentos que Deus nos deu, quaisquer que sejam, devem ser usados para a glória do Deus que os deu. Perverte-los para outros fins pode muito bem ser cair nas condenações levíticas. Requer-se um bom discernimento, e a prudência é de louvar.[15]

Ele poderia também ter acrescentado, o que seria verdade, que através da comunicação desencarnada muitos outros, nem cristãos nem espiritualistas, ganharam uma realização efetiva do mundo espiritual.

Eis as próprias palavras do Rev. Webling:

A investigação psíquica está a atrair a atenção de um número crescente de pessoas ponderadas em todos os quadrantes da vida, as quais se dão conta de que, a menos que um corpo considerável de pessoas de outro modo notáveis pela sua preeminência intelectual tenha perdido o juízo, já se alcançaram conclusões de uma importância não facilmente mensurável sobre a natureza, os poderes e o destino do homem.

Pois, a meu ver, a evidência é conclusiva de muito mais do que a sobrevivência.

É, como é óbvio, evidente que os relatórios sobre a natureza da vida para lá da sepultura não podem normalmente ser testados da mesma forma que podemos testar a própria evidência da sobrevivência. Mas se for concedido que a comunicação com os falecidos existe, e a veracidade das mensagens assim obtidas for estabelecida em matérias passíveis de verificação, então é, pelo menos, não improvável que a informação colhida das mesmas fontes, mesmo que atualmente inverificável, possa ainda assim ser verdadeira.

E quando a informação dada em vários momentos ao longo de meio século, e em todas as partes do mundo, está em substancial acordo e é, além disso, embora muitas vezes de um tipo inesperado por um determinado destinatário, ainda assim intrinsecamente provável e consistente com a dada a outros, então, conforme me parece, o efeito cumulativo é de peso.[16]

7

Devemos indagar sobre a integridade daqueles que recebem estas comunicações telepáticas. Como abordam o seu trabalho?

Quanto mais séria for a sensitiva, mais frequentemente é provável que sinta períodos de dúvida. A maioria acha difícil pacificar-se com o seu material. O medo da ilusão sobre si própria é quase uma canção de assinatura na constituição das sensitivas sérias. Nenhuma lhe escapa por completo.

Onde a sensitiva é um sacerdote, os receios quanto às intenções morais do comunicador são especialmente propensos a surgir, em acréscimo ao medo normal das sensitivas de que o material brote inteiramente da sua própria mente.

Corre por aí a opinião de que o clero é constituído por seres muito credulidade. Mas o nosso treino no exercício da faculdade crítica coloca-nos entre os mais difíceis de convencer quando qualquer nova verdade está em questão. Demorei um quarto de século a convencer-me — dez anos de que a comunicação espiritual era um facto, e quinze de que o facto era legítimo e bom...

... Recebi pedidos para que me sentasse calmamente, de lápis na mão, e anotasse quaisquer pensamentos que parecessem entrar na minha mente ali projetados por alguma personalidade externa e não consequentes do exercício da minha própria mentalidade. A relutância durou muito tempo, mas, por fim, senti que os amigos estavam por perto e desejavam muito seriamente falar comigo. Não anularam nem forçaram a minha vontade de forma alguma — isso teria arrumado o assunto de imediato, no que a mim dizia respeito —, mas os seus desejos tornaram-se cada vez mais claros.

Senti finalmente que devia dar-lhes uma oportunidade, pois estava impressionado com o sentimento de que a influência era boa, e assim, por fim, muito hesitante, decidi sentar-me com a minha batina na sacristia após as Vésperas.[17]

Foi assim que o Rev. Vale Owen se pacificou com a sua própria consciência. Vale Owen impressionou particularmente Lord Northcliffe porque, quando os escritos vieram a ser publicados, ele recusou receber qualquer dinheiro por eles.

Entre o grande número de escritos recebidos pelo Rev. Stainton Moses, outro pároco anglicano e professor de inglês durante dezoito anos na *University College School*, muitos representam uma longa luta intelectual através da qual a sua anterior visão teológica acabou por ser modificada e alargada. Estes escritos são de especial interesse, pois podemos observar o comunicador, semana após semana, a lidar de forma firme, justa e muito séria com as dificuldades e resistências do clérigo.

Stainton Moses descreve assim os testes e padrões que aplicava aos seus próprios escritos:

É um assunto interessante para especulação saber se os meus próprios pensamentos entravam na matéria das comunicações. Tomei cuidados extraordinários para evitar qualquer mistura dessas...

... Muito em breve as mensagens assumiram um caráter de que não tive a menor dúvida de que o pensamento era oposto ao meu. Mas cultivei o poder de ocupar a minha mente com outras coisas durante o tempo em que a escrita decorria, e era capaz de ler um livro abstruso e seguir uma linha de raciocínio cerrado, enquanto a mensagem era escrita com uma regularidade ininterrupta...

Não estou, contudo, preocupado em argumentar que a minha própria mente não era utilizada, ou que o que era assim escrito não dependia, na sua forma, das qualificações mentais do médium através do qual era dado. Tanto quanto sei, é sempre o caso... Não é concebível que fosse de outro modo. Mas é certo que a massa de ideias que me eram transmitidas era alheia à minha própria opinião, era na sua maioria oposta às minhas convicções enraizadas.

... Nunca consegui comandar a escrita. Vinha habitualmente sem ser procurada: e quando a procurava, as mais das vezes era incapaz de a obter. Um impulso súbito, vindo não sabia como, levava-me a sentar-me e a preparar-me para escrever. Onde as mensagens seguiam um curso regular, estava habituado a dedicar a primeira hora de cada dia a sentar-me para a sua receção.

Levantava-me cedo, e o início do dia era passado, num quarto que não usava para mais nenhum fim, naquilo que era, para todos os efeitos, um serviço religioso...

As comunicações particulares que recebi do espírito que conheci na minha vida como *Imperator* marcam uma época distinta... a intensa exaltação de espírito, o conflito árduo, os intervalos de paz por que desde então tenho ansiado, mas que raramente alcancei, que marcaram a sua transmissão. Foi um período de educação no qual passei por um desenvolvimento espiritual que foi, no seu resultado, uma verdadeira regeneração...

... Poderá possivelmente impor-se na mente de alguns, que não ignoram a dispensação do Espírito no seu próprio ser interior, que para mim a questão da ação benfazeja do Espírito externo sobre o meu próprio ser ficou então finalmente arrumada. Nunca mais, mesmo nos caprichos de uma mente extremamente cética e no meio de muitos motivos para questionamento, acalentei seriamente uma dúvida.[18]

Dificuldades um tanto diferentes surgiram para Geraldine Cummins, talvez a melhor e mais versátil de todas as escritoras de manuscritos. O seu trabalho abrange desde as narrativas históricas de *Cleophas*, que impressionaram vários eruditos e teólogos cristãos, até aos escritos do naturalista Eric Parker e à descrição de F. W. H. Myers sobre a vida após a morte.

"Escrita direcionada" é o termo que ela prefere para o seu trabalho. Uma dificuldade com que por vezes deparava residia em ser-lhe pedido, quando estranhos estavam presentes, que se lançasse na área de perceção um tanto rarefeita onde sentia que podia obter material não originado por si mesma e que não provinha de outra mente na terra. Em algumas ocasiões, deu por si a sintonizar-se com uma mente na terra, como quando, estando W. B. Yeats presente, produziu um escrito que ele disse espelhar exatamente as suas próprias ideias numa peça que estava então a escrever sobre Jonathan Swift. Geraldine Cummins dá uma descrição muito clara do que o seu método de trabalho implicava. (O poeta A. E., em vida, ajudou-a a desenvolvê-lo.)

Para entrar na quietude, é necessário elevar a inteligência a um grau mais elevado de consciência. A quietude não é um estado passivo, inerte, nem o transe, na minha experiência. Quando alcançada, é um trabalho lúcido de intensa atividade. A condição de quietude clarifica o desejo e cria eficiência... Este procedimento, se praticado com sucesso, liberta-me do mundo material. Uma condição de completa desatenção à vida é o meu objetivo; então, um "não-eu" parece ditar...

... Sou como uma estenógrafa a registar palavras sob ditado e a empregar, por assim dizer, uma audição interior.

... Tive as minhas sessões em branco, desprovidas de evidência.[19]

Como é natural, a Sra. Willett, que após a sua morte produziu escritos por intermédio de Geraldine Cummins e que, por vezes, a tratava de forma nitidamente altiva como sua amanuense, simpatizava, não obstante, com a característica falta de confiança que os sensitivos sentem. Diz ela:

Quando conversamos... com um médium ou automatista ficamos, por assim dizer, dependentes dos seus pensamentos, palavras e imagens, e erramos, desviamo-nos nessa maré. Pode ser temporariamente um Rio do Esquecimento também para o comunicador em luta, em muitos casos, e pode ser uma mistura: parte o automatista, parte o comunicador, ou pode vir em relâmpagos e ser quase verdadeiro. Digo isto para teu encorajamento, pois vejo o quanto duvidas e queres acabar com tudo isto. Conheço esses estados de espírito. Tive-os por vezes.[20]

A escritora de *The Betty Book* teve de empreender um curso um tanto paralelo ao de Geraldine Cummins, ao aprender a transferir a consciência para outra camada da sua mente. Exigiu uma luta considerável antes de o dominar. Estes escritos muito interessantes mostram o grande papel que os próprios comunicadores desempenharam ao instar e disciplinar esta escritora para alcançar e manter a consciência necessária. Mostram também quão difícil era para ela retê-la uma vez

alcançada, um fenómeno que a Sra. Willett também conhecia bem; queixava-se frequentemente da sua dificuldade.

... Ela deslizou... para uma espécie de consciência libertada ou dupla. A partir dela, relatava várias experiências. O seu discurso era, ao início, hesitante e tropeçante, as suas frases fragmentárias, como se estivesse a ter grande dificuldade. Aparentemente, isto devia-se à necessidade de gerir duas consciências ao mesmo tempo. A normal, a partir da qual falava, estava subordinada, segundo parecia; a sua verdadeira perceção estava centrada numa consciência mais profunda, a partir da qual relatava de volta...

A ideia parecia ser a de que Betty devia ser colocada em contacto, através da superconsciência, com realidades que absorvia diretamente, e com ideias transmitidas por vezes em palavras ouvidas com o "ouvido interno", por vezes por impressão mental. Estas coisas ela transferia-as para a sua consciência habitual, que depois as relatava a mim.

Queixava-se constantemente da diluição causada por esta transferência. O que chegava ao papel era, segundo ela, apenas uma pálida sombra insatisfatória da realidade.[21]

Aqui está outro requisito. O que queremos não é meramente facilidade, mas uma cooperação treinada e inteligente... Só assim podemos comandar a fiabilidade...

Fenómenos atestados de caráter espontâneo... são produzidos, ou tornados de todo possíveis, por uma condição de extrema flexibilidade... A plasticidade e a maleabilidade são essenciais, unindo tanto a consciência superior como a inferior. A rigidez não permite qualquer impressão.[22]

8

Quanto é que mesmo os escritores sérios de manuscritos são propensos a contribuir de si mesmos para estes escritos? Isto, obviamente, varia muito, tanto entre um escritor e outro, como também entre um escritor no seu melhor e o mesmo escritor em algo perto do seu pior.

Geraldine Cummins, por exemplo, começou uma série de escritos que rapidamente se dissiparam; um afirmava ser, mas claramente não era, de Safo. A sua disciplina interior permitiu-lhe, com o tempo, distinguir os escritos que não tinham substância de suporte por parte do alegado comunicador. Comparado com Geraldine, o compasso possível de Vale Owen era obviamente muito mais estreito; a sua mente estava firmemente fixada em conceitos eclesiásticos. Os seus escritos sobre a vida pós-morte contêm numerosos relatos de cerimónias da igreja. Ser clérigo influenciou seguramente para onde a sua mente o podia levar; os seus comunicadores, ao contrário de alguns de Geraldine, partilhavam dos seus interesses e preocupações. O seu equipamento normal era tanto uma força como uma limitação. Este tem de ser sempre o caso do escritor de manuscritos. O sentido estético da Sra. Willett aguçou a área onde os seus comunicadores podiam trabalhar com a sua ajuda. Podiam apelar ao seu sentido de beleza e à sua aguda sensibilidade como mulher; isto era um grande trunfo.

Sem a formação teológica de Stainton Moses, os seus escritos também não poderiam ter tomado a forma que tomaram. Os seus problemas teológicos de consciência formaram a sua melhor área de atenção e contribuíram para os escritos, tal como a sensibilidade poética da Sra. Willett fez com os dela. Os comunicadores visam fazer uso das qualidades do destinatário para os ajudar a dizer o que desejam (e, por vezes, sem dúvida, essas mesmas qualidades também os limitam). Eles são os arquitetos e o destinatário fornece os materiais de construção.

A distinção entre comunicador e destinatário nunca pode ser feita com perfeita nitidez. Os propósitos dos dois envolvidos e os talentos de que cada um dispõe misturam-se, mas podem também confundir-se e ficar fora de ressonância um com o outro. Às vezes, pode ser tudo menos uma colaboração suave. Para o comunicador deve, por vezes, parecer-se com a tentativa de guiar um cavalo obstinado e fogoso sem rédeas por uma estrada barulhenta e movimentada pelo trânsito, com muitos veículos

obstruidores a representar o conteúdo confuso da própria mente do destinatário.

A contribuição relativa do comunicador e do destinatário também pode variar de escrito para escrito e de momento para momento no mesmo escrito. O comunicador, logicamente, desempenha o papel dominante, sendo a tarefa do destinatário a de refletir o significado do autor, muito à semelhança de um pianista que interpreta o compositor o mais fielmente que consegue.

Quanto melhor equipado estiver o destinatário, mais rica pode ser a parceria, desde que os papéis dominante e subserviente sejam preservados. Mas isto não é facilmente alcançado, pois a passividade e a flexibilidade são as qualidades essenciais necessárias, e alguns comunicadores preferem, aparentemente, contentar-se com estas, em vez de uma mente treinada mas limitada pelo intelecto. No entanto, sem um destinatário de mente treinada, nunca teríamos recebido, por exemplo, a interessante série de escritos que Lawrence Hyde — ele próprio um autor profissional e filósofo — escreveu rapidamente à cadência de um capítulo por dia, a partir daquilo que acreditava ser o ditado de um grupo de filósofos desencarnados chefiado por George Santayana.

A sua acuidade intelectual treinada permitiu-lhe apreender o tipo de distinções que os seus comunicadores desejavam transmitir. Aqui vemos o lado colaborativo da parceria no seu aspeto mais distintivo. Porque ele forneceu materiais de construção com a qualidade necessária, podemos, como é óbvio, chegar ao ponto de acusar Lawrence Hyde de ser também o seu próprio arquiteto. Este risco é corrido por todos os escritores de manuscritos de calibre intelectual. Lawrence Hyde certamente não pensava que o material fosse seu: dizia que o "sentir" do processo era completamente diferente de quando escrevia a partir de si mesmo.

No universo fenoménico, o permanente e o impermanente estão indissoluvelmente unidos. E estão também subjetivamente unidos dentro do indivíduo quando a sabedoria e o amor se

uniram no seu ser. Ver-se-á, assim, que uma tripla síntese é implicada: dentro do sujeito, dentro do ser do homem, e entre o ser do homem e o mundo exterior.

Esta condição é realmente vivenciada pelo iluminado. O efeito é que ele supera a distinção entre si mesmo e aquilo que está fora de si mesmo, dando-se conta de que o eu e o não-eu representam os dois polos complementares de um estado fundamental de ser. Como consequência, o reino dos fenómenos torna-se investido para ele de um caráter eterno, enquanto, ao mesmo tempo, o seu ser interior é ampliado e consolidado por ter, num sentido metafísico, absorvido o mundo exterior para dentro de si.

Ele verifica também que as relações que se lhe apresentam no mundo exterior se tornam totalmente inteligíveis apenas quando tudo é considerado em relação àquele todo no qual todas as coisas estão compreendidas. Percebe ainda que não se pode separar fundamentalmente de qualquer outro ser vivo, e que é um em essência com o Criador do universo. Finalmente, atinge a sublime realização de que, no seu aspeto interior, todas as coisas são Um.[23]

Os escritores de manuscritos afirmam frequentemente que a grande velocidade a que trabalham, muito mais rápida do que a capacidade normal de um escritor, é evidência da sua fonte desencarnada. Considero este um argumento pouco convincente. Mostra apenas que trabalham num estado de dissociação parcial. A qualidade do texto é um critério muito melhor do que o modo de produção.

A seriedade de propósito, a vigilância, a prudência, a disciplina de si mesmo e o esforço árduo para alcançar e manter o nível certo de consciência são as marcas registadas dos melhores escritores de manuscritos.

“No próximo capítulo iremos examinar como alguns viajantes descrevem a forma como atravessaram a barreira da morte e nos contam que descobrem que a sua identidade continua intacta.

PARTE DOIS
AS NARRATIVAS
CAPÍTULO 5
PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS
1

As duas ideias inevitavelmente ligadas à morte são a extinção e o julgamento, e estas transmitem conceitos de finalidade mutuamente conflituosos. No entanto, quando se examinam as histórias de viajantes que afirmam descrever a vida após a morte, não emerge absolutamente nada de finalidade.

A própria visão do viajante é, ao início, muito incompleta. Ele encontra-se apenas numa antecâmara. A sua experiência não foi sondada. Os relatos iniciais não serão, nem podem ser, totalmente realistas. Se os seres humanos transportam algo dos seus antigos eus, é altamente provável que transportem também algo das suas antigas limitações pessoais.

A ideia de obter qualquer conhecimento final sobre a vida através do simples ato de morrer é absurda, e não se encontra em lado nenhum nestas histórias de viajantes. Esperar que a morte venha a revelar tudo, como um jogador de cartas que atira a sua mão para cima da mesa, é quase tão verdadeiro como o facto de o casamento trazer a felicidade para todo o sempre.

Aprendemos, dizem os viajantes, um pouco ao morrer, mas muito mais ao continuar a viver para lá da morte. Imediatamente após a morte, como F. W. H. Myers declarou, o recém-chegado sabe pouco mais sobre a verdadeira natureza do seu ambiente do que um bebé sabe sobre a vida terrena. A diferença, escusado será dizer, é que ele é capaz de trazer para ali uma consciência adulta.

É natural supor que todos os homens devem passar pela mesma experiência na morte. Contudo, na terra sabemos que o incidente físico da morte e os acontecimentos psicológicos interiores que o precedem não são iguais para todos. A morte e os acontecimentos que a acompanham tratam as pessoas de maneira diferente, tal como a vida na terra as trata de maneira diferente. Do mesmo modo, as experiências pós-morte nem sempre são as mesmas, nem são encontradas na mesma ordem.

Parece haver diferenças consideráveis, dependentes da constituição do indivíduo. Veremos que algumas pessoas se adaptam rapidamente; algumas resistem ao seu ambiente e fecham-se numa prisão mental, sozinhas ou com outras; outras retiram-se e aguardam e descansam. Muitas estão preocupadas, principalmente, em encontrar aquelas pessoas com quem a sua vida terrena estava entrelaçada. O temperamento de uma pessoa, ainda que apenas por enquanto, permanece muito idêntico ao que era na terra.

2

A primeira surpresa nos relatórios é a insistência na ausência de dor no processo real de morrer. Na verdade, uma grande maioria dos comunicadores que se dão ao trabalho de o descrever (e muitos não o fazem) declara que o incidente real da morte, por muita dor que o possa ter precedido, foi em si mesmo quase completamente indolor. O relato é frequentemente o de que a morte não foi reconhecida até ter terminado, e por vezes nem mesmo nessa altura. Aqueles que não estão preparados para a morte, ou aqueles que deparam com uma morte súbita, frequentemente falham em compreender o que aconteceu. Mesmo quando esperada, há muitas vezes surpresa por ter parecido

acontecer tão pouca coisa. Há por vezes, por exemplo, pouca sensação de qualquer "viagem".

Ninguém negará a gravidade e a realidade da dor em muitas doenças terminais, mas a agonia da morte e a transição em si parecem ser frequentemente acompanhadas e precedidas por uma dissociação da consciência que inclui a libertação da maior parte, ou por vezes de toda, a dor física. O participante, olhando para trás, pinta uma imagem muito mais favorável do que um observador.

Eis alguns comentários póstumos:

Não sofrem, estas pessoas, na sua passagem. Penso que por vezes os seus amigos sofrem mais, quando veem os corpos contorcerem-se em aparente agonia, enquanto na realidade o espírito já está a provar a primeira libertação da dor, ou reside numa bendita insensibilidade.[1]

De F. W. H. Myers:

A morte é... um mero episódio que encaramos com uma certa ternura e não com qualquer dor... está contido nela um tempo de quietude, de afundar gloriosamente no descanso.[2]

Sir Alvary Gascoigne, um diplomata, relata a sua própria morte à sua irmã, Cynthia, Lady Sandys:

Cada parte de mim parecia estar a desligar-se suavemente, e... de repente dei por mim a flutuar acima do meu corpo... Nada na vida se compara à imensa alegria de morrer... Disse-te que tinha experienciado uma estranha sensação de poder que parecia estar a puxar-me para fora do meu corpo durante os últimos dias da minha doença.

... Acolhi este influxo de nova vida e desapeguei-me muito voluntariamente. Foi por isso que não me demorei... Deves... estar pronta para receber o poder que te puxa de forma totalmente indolor para fora do teu corpo. É a coisa mais bela e gloriosa. Vejo que tantos estão a prolongar a sua vida de forma totalmente desnecessária.

... A vida comanda; tu concordas e cooperas.[3]

Wellesley Tudor Pole descreve a sua própria perceção psíquica do funcionamento do processo da morte no seu amigo, Major P., e os comentários subsequentes do próprio Major. Wellesley Tudor Pole estava bem ciente das limitações de evidência inerentes ao seu relato. Primeiro, as suas observações sobre o falecimento do seu amigo: as notas foram tomadas poucas horas após os acontecimentos reais.

22 de março, 15h00. A morte parece muito próxima... Diretamente acima do homem a morrer consigo ver uma forma sombria que paira numa posição horizontal cerca de dois pés acima da cama. Esta forma está ligada ao corpo físico... por dois cordões elásticos transparentes. Um deles parece estar ligado ao plexo solar e o outro ao cérebro. À medida que observo esta forma, ela torna-se mais distinta nos seus contornos, até que consigo ver que é uma contraparte exata.

... Consigo ver o que parecem ser correntes espirais a subir através destes dois cordões e, à medida que o corpo físico fica mais sem vida, a forma que paira acima parece tornar-se vital.

15h15. Duas figuras apareceram agora e erguem-se uma de cada lado da cama... Estas formas parecem... ser de alguma forma mais fina de "matéria" do que o "duplo" que está a pairar acima da cama.

15h40. Este "duplo" tornou-se ainda mais distinto... A força vital está a esvair-se firmemente do corpo e está aparentemente a passar para a forma acima.

15h55. As duas figuras inclinam-se sobre a cama e parecem quebrar os "cordões" em pontos próximos do corpo físico. Imediatamente... a forma ou duplo eleva-se cerca de dois pés da sua posição original, mas permanece horizontal, e neste mesmo momento o coração do Major P. para de bater...

16h30. O homem morto parece estar a dormir dentro... [da sua] nova veste, e está totalmente dissociado do corpo sobre a cama.

Agora o acontecimento, tal como posteriormente registado pelo próprio Major P.:

Uma sensação avassaladora de que estou prestes a cortar a minha ligação com a vida terrena apodera-se de mim. No entanto, continuo a ser eu próprio e continuo, fisicamente falando, na cama... Agora vejo... a mim próprio; mas poderei ser eu próprio? Aquela forma ali deitada a dormir por entre as árvores... naquela linda terra... Ora, é como se eu estivesse em pedaços! Não, não isso, mas antes como se estivesse a extrair o "eu" real do "eu" unreal;... continuo a ser eu! Graças a Deus por isso! Descansar e escutar, e já não ter medo, sentir-me seguro; é maravilhoso![4]

Helen Salter, a investigadora psíquica e uma das automatistas dos testes de correspondência cruzada, descreve assim a sua morte ao seu marido:

... a minha vez de fazer o que alguns acreditam ser uma longa viagem. Mas para mim foi uma viagem tão curta. Oh, foi tão incrivelmente fácil e indolor. Houve apenas um pesadelo muito breve, quando quis regressar para dentro do meu corpo de modo a voltar para ti. Um sonho mau de um instante. Isso foi tudo o que a morte foi para mim. Depois disso, quase imediatamente, surgiu o momento inimaginável — uma mãe e um pai acolhedores. Não podes imaginar que sentimento de segurança eles me deram. Libertação imediata daquela coisa inerte, o meu corpo — libertação do medo do Desconhecido.

No passado nós, tu e eu, perguntámo-nos como seria a nossa chegada a este nível. Mas nada do que supusemos se comparou àquele sentimento belo, surpreendente e familiar que tive com estes dois protetores à minha espera. É por isso que lhe chamei o momento inimaginável. A saída da morte é tão simples, e toda a nossa vida a tornámos intrinsecamente complicada...[5]

3

Onde a consciência permanece intacta perante a morte iminente, alguns relatam visões de amigos mortos e, como resultado disso, encontram-se reconciliados com a sua morte próxima e ansiosos por ela. Estas experiências tornam-se difíceis de justificar como alucinações não verídicas quando os destinatários moribundos aparentam permanecer racionais em

todos os outros aspetos, e quando o que veem os afeta com tanto ou mais impacto emocional do que muitas experiências normais. Estas experiências podem ser perfeitamente distintas.

Horace Traubel foi um poeta da escola de Walt Whitman. A Sra. Flora Macdonald-Denison, que estava presente no leito de morte de Traubel, reconta:

... Durante todo o dia 28 de agosto, Horace [tinha estado] muito abatido. Tinha sido trazido da varanda, mas estava agora absolutamente radiante. "Olha, olha, Flora, rápido, rápido, ele vai-se embora!" "O quê, onde, Horace, não vejo ninguém." "Ora, precisamente por cima da rocha o Walt apareceu, de cabeça, ombros e chapéu postos numa glória dourada; brilhante e esplêndido. Ele tranquilizou-me, acenou-me e falou comigo. Ouvi a sua voz, mas não compreendi tudo o que disse: apenas 'Vem' ". Durante todo o resto da noite, Horace esteve elevado e feliz...

Na noite de 3 de setembro, Horace estava muito fraco. Depois disse: "Oiço a voz do Walt, ele está a falar comigo". Eu disse: "O que diz ele?" Ele disse: "O Walt diz: 'Vem, vem' ". Passado um tempo disse: "Flora, vejo-os a todos ao meu redor, o Bob, o Bucke e o Walt, e os restantes..." [6]

O Coronel Cosgrave, também presente no leito de morte de Traubel, teve a sua própria experiência de confirmação:

Na última noite, por volta das 03h00, ele ficou percetivelmente mais fraco e os seus olhos abriram-se, fitando em direção ao lado mais distante da cama; os seus lábios moveram-se, esforçando-se por falar; os seus olhos permaneceram fixados num ponto cerca de três pés acima da cama. Os meus olhos foram, por fim, atraídos irresistivelmente para o mesmo ponto na escuridão.

Lentamente, o ponto para o qual estávamos ambos a olhar tornou-se gradualmente mais brilhante, uma névoa leve apareceu, espalhando-se até assumir uma forma corporal, e tomou a semelhança de Walt Whitman, de pé, ereto ao lado da cama, com um casaco de tweed rude, um velho chapéu de feltro na cabeça e a mão direita no bolso, semelhante a uma série dos seus retratos; ele

contemplava Traubel, com um sorriso bondoso e tranquilizador no rosto, acenou com a cabeça duas vezes como que de forma tranquilizadora, com as feições bastante distintas durante pelo menos um minuto inteiro, desaparecendo depois gradualmente de vista.[7]

Uma semelhança vestindo roupas velhas provocará ceticismo em alguns; mais se dirá sobre isto mais adiante. Visto que a imagem se assemelhava a retratos conhecidos, o Coronel pode também ter contribuído com algo de si mesmo para aquilo que viu.

Ocorrerão tais visões também, por vezes, quando a pessoa moribunda não as relata ou é incapaz de o fazer? Experiências semelhantes a estas, recebidas antes da morte, são certamente suplementadas e apoiadas em alguns relatos retrospetivos do que se segue, no reconhecimento de que a morte ocorreu e no regresso à consciência.

Lembro-me de me sentir um pouco peculiar, suponho que terá sido na noite antes de eu passar para o lado de cá. Não pensei que estava a ir-me embora, mas sentia-me com a mente menos clara do que o habitual. Pelo amanhecer tive uma sensação de desfalecimento e a luz do dia pareceu sumir. Parecia estar a balançar na escuridão e senti-me ligeiramente tonto. Depois, a atmosfera pareceu tornar-se clara ao meu redor e ouvi vozes, mas não eram as vozes das pessoas na terra, eram as vozes dos meus dois queridos rapazes, as vozes que não ouvia há muitos e longos anos.

Não me senti impaciente, sabia que eles estavam ali e que não os perderia novamente. Estava contente por esperar até ser capaz de falar com eles. Não senti aquela alegria selvagem, aquela grande exaltação que sempre esperara sentir. Não me encontrava no estado para isso, mas sentia-me pesado, estúpido e sonolento, contudo em paz e cheio de confiança e quietude feliz, sabendo que eles estavam ao meu redor. De vez em quando ouvia outras vozes, mas pareciam distantes. Suponho que essas fossem

as vozes das pessoas que estavam realmente no quarto comigo. As vozes mais próximas eram as dos meus rapazes.

Após um tempo de inconsciência, pareci ter ficado mais lúcido de forma bastante súbita. Foi como uma explosão de sol, e olhei. Pareci capaz de mover os meus olhos muito de repente e, na explosão de visão e luz, vi os meus rapazes, os meus irmãos e muitos outros ao meu redor. Penso que isto foi apenas por um momento ou dois e depois devo ter ido dormir novamente. Não soube de mais nada então, pelo que suponho que foi precisamente antes de deixar o meu corpo que tive aquela explosão de luz. Lembro-me de acordar gradualmente deste lado e de ouvir um dos meus filhos dizer: "Fica quieto e não tentes pensar".[8]

4

Para compreender a natureza variável das experiências com que se depara logo após a morte, é essencial captar que o acontecimento não é de todo tão importante, na escala de valores desencarnados, como habitualmente esperamos. As diferenças na experiência individual da morte tornam-se, então, tanto menos significativas como menos aparentemente injustas do que podem parecer à primeira vista. As diferenças que surgem ao passar pelo incidente da morte dividem-se em quatro categorias principais:

Alguns acham incompreensível que isso tenha acontecido e, durante um tempo considerável, persistem em acreditar que continuam na terra, sofrendo consequentemente um estado de confusão.

Continuo um pouco intrigado no que respeita aos acontecimentos reais antes do meu falecimento. Lembro-me apenas da grande escuridão a abater-se sobre mim como uma ave. Quão próxima, quão sufocante ela era. Depois, por fim, houve alívio, expansão, uma sensação de ser libertado de um peso intolerável. Quando saí para uma estranha nitidez, não acreditei que tinha morrido... A minha memória não está exatamente igual, pelo menos até agora. É como se uma cortina tivesse sido baixada numa peça. Sei que tudo aconteceu, está, talvez, ainda ali no seu cenário atrás daquela cortina. Mas não consigo visualizá-lo muito

bem. Suponho que não estou muito mais velho no que diz respeito ao tempo. Não há nenhum Big Ben aqui.[9]

Outros, particularmente aqueles que estiveram doentes durante muito tempo, oscilam entre a consciência e a inconsciência; o seu reajustamento é gradual e pontuado pelo sono. O recém-chegado tem de superar gradualmente o cansaço que se encontrava na mente e nos sentimentos durante os últimos dias, e que por vezes permanece. Os períodos de inconsciência fazem parte de um padrão de ajustamento, permitindo encarar de forma mais gradual e fácil as novas experiências, um pouco de cada vez, entre cada período de descanso.

O espírito anseia por descansar, surge o grande desejo de adormecer. Nesse sono muita coisa acontece, mas ainda não sei o suficiente para vos contar tudo sobre isso. Não é exatamente um sono, mas o vosso sono na vida terrena é, de longe, a coisa mais próxima... Tudo o que se sabe é que se acorda outro ser. Quando o espírito sai desse sono, sabe onde está e o que é, tal como vocês por vezes acordam de manhã com algum problema nodoso resolvido.

Aqueles que passam para o lado de cá com total conhecimento e compreensão da vida mais além não precisam de modo algum desse sono, a menos que venham com os seus espíritos cansados por uma longa doença ou pelas preocupações da vida. Na prática, quase toda a gente necessita do período de sono por um tempo mais curto ou mais longo. Quanto maior for a dificuldade do espírito em ajustar-se às novas condições, mais longo e profundo será o período de sono necessário.

Como descrever a sensação de quando se sai desse sono. Sabe-se com toda a clareza que se está vivo, sem qualquer confusão sobre pensar que ainda se está na vida terrena. Durante essa experiência, algo nos ensinou e nos disse.

Este escrito do seu irmão foi recebido por Zée Richmond, outro membro do grupo de correspondência cruzada.

Frances Banks, a antiga freira, ficou perfeitamente ciente da sua morte iminente; quase as suas últimas palavras foram: "A

mudança começou". Ela fala da sua primeira impressão após a morte:

Depois de a Mudança ter terminado e de eu estar livre da my "cobertura" terrena, "acordei" aqui... Abri os meus olhos... ou voltei à consciência... e ali estava a Madre Superiora tal como costumava ser e como eu a tinha recordado durante tantos anos. Ela pegou na minha mão. Disse: "Então chegaste em segurança?" [10]

Depois ela afundou-se novamente na inconsciência, para acordar de tempos a tempos e dar por si a contemplar outro velho amigo, agora reencontrado; mais tarde dando-se conta, por uma atração telepática, dos seus amigos na sua cremação; e, novamente, descobrindo-se a espreitar o serviço memorial que se realizava em sua memória na Catedral de Exeter. Apenas após um período adicional de inconsciência começou a sua vida desencarnada ativa.

No entanto, entretanto, esta atração telepática dos seus amigos na terra, à medida que pensavam nela com invulgar intensidade, foi eficaz a alcançar e a despertar a sua mente. A relação telepática é comum nos primeiros dias após a morte, e pode iniciar-se quer a partir daqueles que estão na terra, quer a partir daquele que se encontra no outro lado da morte; as ligações de sentimento e pensamento permanecem e, por um breve momento, parecem particularmente fáceis de ativar. Aquele que morreu está ao início acessível desta forma imediatamente realizável. Mais tarde, requererá um laço mais estreito de afinidade ou a partilha de uma tarefa comum, e pode diminuir ou cessar devido à atração concorrente de outras tarefas no mundo para lá da morte.

3. Muitos morrem sem preconceção daquilo com que, se é que com alguma coisa, depararão. O mobiliário mental que transportavam na terra, ao qual alguns ainda se agarram, atrasa os processos de ajustamento.

Não deveis pensar que, diretamente ao acordar para o seu estado seguinte de ser, um homem reconhece que as antigas molas

de ação já não são eficazes. Ele continua a imaginar que deve satisfazer a sua fome e procurar a riqueza, o amor ou o conforto de uma forma habituada ou de outra. Não percebe de imediato que, embora tantas das suas redondezas sejam inesperadamente familiares, na realidade as condições mudaram enormemente. Surgem então instrutores, e os seus amigos, se os tiver, intervêm e tentam explicar-lhe as coisas. Mas é extraordinário como um grande número de pessoas permanece surdo a esta informação. Em muitos casos acreditam que estão a ser enganadas, ou que estão a sonhar de uma forma nova. Esta última visão é a mais comummente perfilhada; nada as convencerá de que estão mortas. Não é a sua ideia de morte, nem o céu nem o inferno que um ensino religioso comum as leva a esperar, e mantêm-se obstinadas na sua crença.[11]

Aqueles que morrem por acidente ou violência acham menos fácil, de acordo com alguns escritores, ajustar-se do que aqueles que morrem naturalmente, embora isto possa não ser sempre o caso.

Aqueles que são mortos de forma bastante súbita... vêm para o lado de cá com os sentimentos e pensamentos que tinham precisamente antes; muitas vezes são aqueles que ainda pensam que têm de continuar a lutar e que têm de ser acalmados; muitas vezes pensam que devem ter enlouquecido subitamente, porque o cenário mudou. Isso não é surpreendente se puderdes imaginar em que tremendo estado de tensão, quase como a loucura, o combate real é realizado. Depois pensam frequentemente... que se encontram agora num hospital de retaguarda... Temos de lhes fazer a vontade ao início e apenas gradualmente explicar-lhes o que o hospital significa. Por vezes ficam profundamente gratos, aqueles que chegaram ao limite da resistência, e regozijam-se por estarem livres do mundo das guerras. Por vezes, com aqueles que possuem laços familiares muito fortes, temos de os deixar dar-se conta o mais suave e gradualmente possível; a maioria está tão cansada em espírito que se preocupa muito pouco, e fica logo pronta para se acomodar ao seu descanso.

Outros previram que teriam de ser mortos, viram a granada ou a bomba prestes a explodir e souberam que, quando explodisse, teriam de ir.[12]

Muitos descrevem um acordar numa paisagem desconhecida e bela, ou num hospital. Isto é-lhes por vezes intrigante. Estas são mais bem encaradas como experiências provisórias, uma terapia emocional preliminar antes que a reabilitação mais profunda aconteça. Aqueles que já esperavam sobreviver à morte, e já sabiam algo sobre a comunicação com os mortos, encontram habitualmente maior facilidade em fazer o ajustamento.

A partir de onde se encontrava reclinada, ela olhou através de uma porta aberta para um jardim de flores, e deu-se conta de que estava na casa que tinha sido descrita pelo seu pai nas suas comunicações. Enquanto contemplava a cena de beleza e luz, deu-se conta de que o seu pai se encontrava por perto. Não falaram imediatamente em palavras, mas pareceu-lhe que estavam a pensar um para o outro, trocando ideias mentalmente sem palavras faladas. Quando, dali a pouco, ele falou, ela achou delicioso ouvir a sua voz novamente e ser capaz de responder da forma antiga e familiar.[13]

Alguns meses mais tarde, ela disse:

É difícil dar-me conta de que estou aqui há tanto tempo, parece não mais do que algumas semanas; pois há tanto para fazer, para ver e para aprender. Sinto-me grata por ter sabido, antes da minha passagem, algo sobre esta vida e as possibilidades de comunicação convosco. Antes de deixar finalmente a terra, parecia estar a sonhar e, no entanto, não era totalmente um sonho. Parecia como se tivesse vindo para aqui antes da separação final do meu corpo físico. Estava apenas parcialmente consciente para o fim, apenas metade dentro do corpo; pois a minha alma já se estava a libertar. Nem me pareceu totalmente estranho quando me encontrei aqui. Devo ter vindo frequentemente durante o sono; pois conseguia agora lembrar-me de que já tinha estado aqui anteriormente.[14]

É bastante natural que alguns daqueles que não esperavam sobreviver, ou que há muito abandonaram qualquer julgamento sobre a matéria, achem mais difícil compreender a sua nova situação, e possam ficar por um tempo incapazes ou relutantes em fazê-lo.

Alguns, nas fases iniciais, esforçam-se inclusive por continuar a participar nos acontecimentos na terra. Esta, na verdade, é uma das formas mais comuns, se bem que dolorosa, pela qual o sobrevivente acaba por ser persuadido de que morreu e que, no entanto, ainda existe.

Alguns reconhecem a sua condição ao vislumbrarem os seus próprios familiares na terra e ao encontrá-los a chorar a sua morte. Podem falar-lhes e ficar então perplexos e com medo porque não recebem qualquer resposta, ou sequer qualquer reconhecimento de que estão presentes. Começam a perguntar-se se estão loucos, a sonhar, ou pelo menos doentes e mentalmente confusos. Edgar Wallace descreveu o que lhe pareceu uma efígie de *papier-mâché* de si próprio, deitada num caixão. Extremamente zangado com o que pensava ser uma piada de muito mau gosto, no entanto (diz ele) algures no seu íntimo surgiu o que naquele momento pareceu uma verdade temível; ele afastou-se e ficou convencido do que tinha de facto vindo a acontecer.

Aqueles que, incapazes de reconhecer que estão mortos, ficam perplexos e ressentidos não se encontram no fluxo principal da experiência, mas são temporariamente vítimas infelizes necessitadas de resgate de si mesmas.

O facto de tais pessoas, de acordo com estes relatos, não saberem que estão mortas aponta novamente para a pequena quantidade de dor na experiência real de morrer. Por que razão, perguntar-se-á, não são tais pessoas imediatamente encontradas e tranquilizadas por outros desencarnados? É provável que estejam temporariamente tão imersas nas suas atitudes e sensações recentes que se tornam incapazes de ficar efetivamente cientes daquilo que está agora ao seu redor. Assim que esta preocupação consigo mesmas passa, ficam capazes de encontrar novos

companheiros e aceitar a sua ajuda e boa vontade. Por vezes considera-se melhor que este primeiro processo de reeducação seja realizado por alguém desconhecido para o sobrevivente. Um estranho amigável, talvez, aproxima-se dele. Com o tempo, o sobrevivente verifica que este estranho sabe uma grande quantidade de coisas sobre si e o seu caráter. Isto capta a sua atenção e ele fica então mais pronto para escutar.

Mais tarde, é provável que venha a descobrir que este é um professor espiritual que lhe foi designado, pelo menos por enquanto. Ninguém pode esperar compreender a natureza de viver após a morte sem admitir o princípio da ajuda de outros seres. Esta ajuda está disponível, é essencial e, veremos mais adiante, chega profundamente ao íntimo daquele que é ajudado. Compreende muito mais do que o mero transmitir de informação.

Como seria de esperar, um encontro feliz com aqueles que se ama, tal como o que já foi citado, é o acontecimento mais comum descrito. Estes encontros, mesmo quando com aqueles há muito e caramente amados, envolvem por vezes um grau de adaptação nas vestes e no aspeto por parte daqueles que saúdam o recém-chegado para garantir que são reconhecidos; tem lugar numa forma bem adaptada às necessidades emocionais imediatas do recém-chegado. Helen Salter conta como foi recebida:

Os meus pais, A. W. e Margaret, vieram de regiões e aparências para lá do meu alcance e adotaram os velhos disfarces. Estes estão todos no entulho da memória. Apareceram-me tal como os recordava nos anos mais precoces da minha vida. Trouxeram consigo a minha casa muito antiga de há muito tempo e a sua querida e confortável fealdade, os seus livros, os seus papéis e as suas flores, até as fotografias que figuravam em quantidade nas salas de estar, salas de visitas e gabinetes vitorianos. Como estou a desfrutar da sua querida atmosfera! Estava muito cansada e tem sido tão repousante para mim — imbuída como está com a fragrância de muitas memórias distantes. Oh, irá mudar, bem sei. Mais tarde — visitantes, amigos, o cenário de outra cena na minha vida.[15]

A chave para estas experiências, e na verdade para muitos outros tipos de experiência desencarnada, é importante. A diferença básica na vida após a morte é que o equilíbrio entre subjetivo e objetivo é o inverso do que acontece na terra. A morte transporta a pessoa para o que é predominantemente um mundo mental, contudo um mundo no qual tudo é moldado pelo pensamento, mas parece sólido — *parece* é a palavra operacional — muito à semelhança de uma mesa na terra que, por mais ativas que sejam as suas moléculas, parece sólida e comporta-se como se fosse sólida. Deve ser enfatizado que muito do que se retrata ao recém-chegado como se fosse totalmente objetivo pode ser na realidade uma criação temporária.

No caso da Helen, foi como uma projeção no espaço de memórias conscientemente moldadas, criando uma cena na qual a pessoa a ser ajudada pode participar: um palco, montado para um pequeno drama que tem em si tanto de imaginação como de realidade. Os pais de Helen Salter, no seu amor por ela, recriaram a imagem da sua casa de infância não como uma criação de pensamento privada e exclusiva deles, mas como uma criação que pretendiam partilhar com ela, e na qual ela pudesse entrar como se fosse um quarto real."

A perceção da situação por parte de Helen possuía muito mais discernimento do que é habitual nos recém-chegados, sem dúvida devido à sua longa participação na investigação psíquica. Ela mostra que é claramente compreendido por todos os presentes tratar-se de uma construção temporária, da qual, passado um tempo, ela já não necessitaria. Esta imagem de um mundo aparentemente muito parecido com a terra é como um manto protetor. Reflete as velhas familiaridades.

É um jardim de infância, e a tranquilidade do facto de este parecer, de certa forma, tão semelhante àquilo que foi deixado para trás é precisamente o que o torna um jardim de infância. Em essência, é algo para superar. Supor que durante todo este tempo, desde as suas mortes muitos anos antes, estes pais têm "vivido"

nesta reprodução quase física da sua casa terrena é totalmente contrário àquilo que a própria descrição nos diz.

É extremamente enganador tomar tais imagens à letra, como alguns leitores são tentados a fazer, mesmo quando o próprio relato indica minuciosamente uma situação diferente. Seguramente que estes pais tão amados seriam propensos, se a vida após a morte não for algo estático, a ter passado por uma variedade considerável de experiências, as quais podem ter modificado muito o seu caráter e, possivelmente, a sua aparência. Como, então, melhor aparecer e dar-se a conhecer à recém-chegada, já de si perturbada e com muito da memória terrena ainda a agarrar-se a ela? Iria ela necessariamente reconhecê-los ao início tal como são agora? Não farão eles melhor em recuar no tempo, por assim dizer, e reproduzirem-se a si mesmos e às suas roupas sob a veste com que ela os tinha conhecido? E por que não reproduzir, para além desta imagem deles próprios, uma imagem também da sua antiga casa — reanimar uma velha página de memória para benefício do recém-chegado, para ser terminada uma vez cumprido o seu propósito?

O F. W. H. Myers póstumo descreve tais poderes da seguinte forma:

Tenho de concentrar o meu pensamento por aquilo a que poderíeis chamar um momento e consigo construir uma semelhança de mim próprio, enviar essa semelhança a correr... para um amigo, para alguém que esteja em sintonia comigo. Instantaneamente apareço perante esse amigo, embora esteja remoto dele, e a minha semelhança conversa — em pensamento, lembra-te, não em palavras — com este amigo. No entanto, controlo-a durante todo o tempo... e assim que a entrevista está concluída, retiro a vida do meu pensamento daquela imagem de mim próprio e ela desaparece.[16]

Poderiam outros partilhar também este mundo de imagens, inclusive intrometer-se nele? Helen Salter disse sobre esta criação:

Estava de volta à velha casa, envolvida no seu passado contentamento estudioso. Eles não tinham um grande número de visitantes. Mantinha-se silenciosa para ser um refúgio de paz protetora para mim.[17]

Helen Salter presumivelmente poderia ter recebido "visitantes". Embora muito deste lugar de descanso temporário pertencesse ao seu passado, contudo era também parte do seu presente, no qual os seus pais a acalentam e protegem, e ela responde. Alguns meses mais tarde (embora não tenha dito que tivesse ocorrido neste cenário), ela afirmou de facto:

Podem ou não acreditar em mim. Mas encontrei o grupo de académicos de Cambridge para quem tanto trabalhámos, também os nossos velhos colegas, Gerald Balfour, Pidd, a Sra. Sidgwick, até o seu irmão Arthur e Sir Oliver [Lodge].[18]

Ao início, pode não ser particularmente fácil aceitar esta ideia de um ambiente criado mentalmente e intimamente apropriado ao íntimo de cada um. No entanto, de certa forma, isto assemelha-se à experiência terrena. Tome-se a casa terrena de alguém. Foi fisicamente construída segundo os planos de um arquiteto ou meramente segundo os de um construtor da construção civil. Reflete o pensamento deste desenhador da estrutura física. No mobiliário, até um grau limitado, as ideias e os sentimentos dos ocupantes mostram-se; nos quadros e livros, em todas as recordações que a enchem, a história dos ocupantes é representada de forma mais clara; e mais estreitamente ainda nos sentimentos que existem mutuamente entre os ocupantes e que criam a atmosfera na casa. O visitante sensitivo, pressentindo esta atmosfera compósita, em parte sensorial, em parte não sensorial, adivinha que é uma casa feliz ou infeliz, diligente ou ociosa, convencional ou o oposto, egoísta ou altruísta. Estas qualidades inerem, até certo ponto, na casa e apontam para o tipo de vida ali levado.

Agora imagine-se tudo o que é substancial a desaparecer, os tijolos, os móveis, as bugigangas, deixando apenas as imagens mentais e emocionais que continham para os ocupantes, e ainda

cheia dos seus estados de espírito subjetivos, memórias e desejos que constituíam a atmosfera da casa.

De seguida, imagine-se que o interesse do construtor e do arquiteto no edifício desapareceu, o seu trabalho nele concluído e a sua atenção agora noutro local; como resultado, a sua marca já lá não está, e o edifício é agora recordado inteiramente de acordo com os pensamentos e sentimentos dos ocupantes. No entanto, como todos os relatos concordam, parecerá perfeitamente sólido aos seus ocupantes; mas não viverá para sempre, como os obstinados tijolos e argamassa, e desaparecerá assim que o uso que dele fazem desaparecer. Este é um vislumbre, talvez, de como o mundo imediatamente subsequente reflete os seus ocupantes, e de como a "casa" que os pais de Helen Salter criaram partilhava e era formada pela sua própria natureza e memória.

6

Pode ver-se claramente, então, que os relatos dados logo após a morte apresentam uma imagem muito mais parecida com a vida na terra do que na realidade é o caso. Esta aparente fisicalidade tem sido a base de muito escárnio e mal-entendido por parte de críticos hostis. Não obstante, a verdadeira experiência pode vir envolta em aparências ilusórias. Em alguns aspetos, assemelha-se bastante a um mundo de sonho. Os sonhos que levamos a um psiquiatra não são considerados literalmente, mas apontam para fatores psicológicos muito importantes no sonhador.

A vida desencarnada inicial não é totalmente semelhante a um sonho, mas assemelha-se-lhe em parte; tal como os sonhos, contém imagens que mudam rapidamente; ao contrário dos sonhos, esta imaginação torna-se por vezes estável e ancorada por períodos consideráveis, como a casa de Helen Salter; novamente, ao contrário dos sonhos, a imaginação não é criada inteiramente pelo sonhador, mas também por outros para o ajudar.

Em comum com os sonhos importantes, as experiências desencarnadas iniciais apontam para e exprimem a situação mental e emocional dentro do recém-chegado; outras pessoas, essencialmente livres do sonho em si, podem no entanto optar por

intervir e partilhá-lo por um tempo, a fim de ajudar o recém-chegado, embora a sua verdadeira vida resida noutro local. Isto é claramente verdadeiro no que respeita aos pais de Helen Salter.

O mais importante é que aqueles que estão confinados ao seu sonho pós-morte tomam habitualmente o que está ao seu redor como sendo completamente objetivo. Assim que começam a ver que não é bem assim, então estão a começar a ficar prontos para sair dele em direção a um mundo maior. Helen Salter foi excecional ao estar ciente disso desde o primeiro momento.

Agora olharemos para algumas das formas pelas quais homens e mulheres aprendem, rápida ou lentamente, a adaptar-se a si mesmos e ao seu novo ambiente, e para a felicidade e a dor, as aceitações e as recusas que daí podem resultar.

CAPÍTULO 6
A ILUSÃO DO PARAÍSO
1

Viver na terra está ligado a uma grande dose de ilusão, de *Maya*. William Blake expressa-o com força:

Faz o que quiseres, esta vida é uma ficção
E é feita de contradição.

Como vimos, tal estado de coisas de modo algum desaparece com a morte. Visto que os seres humanos trazem muitas das suas antigas ilusões consigo, deve esperar-se que a sua perceção dos acontecimentos que agora se apresentam esteja também enredada nas suas limitações. Não obstante, somos capazes na terra, mesmo quando presa de uma boa dose de tal ilusão, de alcançar um grau de crescimento espiritual. Após a morte, como veremos em capítulos posteriores, la situação é semelhante.

Entretanto, nas fases iniciais, o viajante enfrenta experiências que gradualmente lhe permitem relacionar-se plenamente com a nova vida ao seu redor. Os ajustamentos necessários são tanto de ordem externa como interna, sendo estes últimos, de longe, os mais importantes. Ele terá de aprender sobre o seu ambiente

(incluindo, por sinal, aquela parte altamente localizada do mesmo, o seu vestuário) e sobre a constituição atual do seu próprio ser.

A chave para compreender a vida desencarnada é que estamos preocupados com um número de diferentes níveis de consciência, e que o que é verdadeiro num nível não é necessariamente verdadeiro da mesma forma em níveis mais profundos. É frequentemente considerado necessário, por uma questão de clareza, descrever as experiências pós-morte como se tivessem lugar em áreas ou "esferas" separadas, e como se estas áreas estivessem nitidamente divididas umas das outras. A verdadeira diferença, contudo, tem de ser vista em termos de expansão da consciência.

As experiências desencarnadas representam uma aventura no crescimento. À semelhança de outras formas de crescimento, este não ocorre de forma regular e uniforme. Tal crescimento pode conter áreas temporariamente negligenciadas, que devem ser compensadas num período posterior. Um homem pode avançar ou recuar dentro da sua própria consciência com um movimento semelhante ao de uma onda numa praia. Pode também tomar caminhos secundários dos quais, por um longo período, se pode recusar a desenredar-se.

A direção geral das suas experiências, contudo, pode ser enunciada de forma bastante simples. Durante a vida terrena, os homens conhecem comparativamente pouco da sua verdadeira natureza. Isto deve-se, em parte, ao facto de se aprisionarem em várias ilusões e, em parte, porque conseguem expressar apenas uma parte comparativamente pequena do seu ser total. Muitos sentem que assim é enquanto estão ainda na terra.

Os propósitos das fases iniciais, ou comparativamente iniciais, da vida seguinte são, em primeiro lugar, permitir a um homem reconhecer e sacudir as suas ilusões, frequentemente ao continuar a viver dentro delas até que a sua ilusão se lhe torne clara; em segundo lugar, passar a reconhecer-se a si próprio de uma forma muito mais objetiva; e, em terceiro lugar, descobrir

como alcançar e viver mais plenamente dentro daquelas partes da sua natureza que não tinha expresso enquanto na terra.

Estas três fases podem ser grosseiramente equiparadas a (1) o estado ilusório conhecido como a Terra do Verão, (2) o julgamento, e (3) a vida no Primeiro, Segundo e Terceiro Céus.

2

Na terra, uma grande quantidade de esforço tem de ser despendida a fim de causar um impacto sobre a sua densidade material, um pouco como o alpinista que apenas consegue abrir lentamente cada passo diante de si à medida que avança pelas encostas de gelo. O viajante tem agora de aprender (como os pais de Helen Salter tinham feito há muito) a forma como pode transformar o material ideoplástico e maleável com que agora depara. Enquanto alguns continuam a assumir que as aparências físicas que observam são muito semelhantes às de outrem, outros estão mais alertas e reconhecem prontamente que a "matéria" que agora os rodeia é diferente.

... Há coisas... do mesmo tipo que vedes na terra, apenas de algum modo diferentes. São reais, mas tendes a sensação de que são apenas temporárias, que pertencem apenas àquela primeira fase de acordar.

Depois verificais, e parece muito curioso e fascinante, que podeis mudar essas coisas desejando que mudem. Apenas o podeis fazer com coisas bastante pequenas e sem importância, mas por exemplo — podeis olhar para uma agulha de pinheiro no chão onde estais sentados, e começar a pensar nela como uma agulha real, uma agulha de aço, e então ela é uma agulha de costura comum e podeis pegá-la.

Não podeis mudar coisas grandes, não podeis mudar toda a cena ao vosso redor. Isso deve-se ao facto de não ser apenas a vossa cena, pertence também a muitos outros espíritos, mas podeis mudar qualquer pequena coisa, quando a mudança não afetar mais ninguém.

Então começais a dar-vos conta de que todas as coisas ao vosso redor são realmente formas de pensamento, e que está organizado assim de modo a tornar a transição fácil da vida material para a vida espiritual.

Aprendeis uma grande quantidade de coisas simplesmente ao descobrir o que podeis mudar mudando o vosso próprio pensamento sobre isso, e o que permanece inalterado independentemente da forma como pensais sobre isso.

Isso faz-vos compreender quão pouco vos pertence apenas a vós, de modo que podeis fazer exatamente o que quiserdes com isso individualmente, e quanto pertence a todo o concurso de espíritos de que fazeis parte.[19]

Assim, o Joe destes escritos consegue alterar a matéria que foi pensada como uma agulha de pinheiro e convertê-la noutra forma, mas não consegue alterar nada que esteja retido num padrão de pensamento mais forte do que o seu. Seres mais experientes, como os pais de Helen Salter, dão ao ambiente dos recém-chegados uma estabilidade de que este necessita para os fazer sentir que estão num lugar não muito diferente daquele a que se habituaram. Isto é reconhecido à sua própria maneira por uma personagem *cockney* que diz:

Ao longe vemos montanhas, patrão, mas são montanhas de pensamento, e por muito que caminheis, nunca chegais até elas.[20]

As "montanhas" estabelecem um limite para além do qual o *cockney* e aqueles que o acompanham não se podem desviar por enquanto. Representa um limite de consciência, pois o que reside para lá desta barreira retratada é o que se encontra para lá da sua compreensão.

Deveis lembrar-vos de que as redondezas dele daqui em diante estão limitadas pelo seu desenvolvimento mental e espiritual até à data. Ele próprio é o mesmo que era quando estava aqui, porque essa é a conceção de si próprio que retém na sua mente. A mente controla todas as coisas. A margem atual da consciência mental limita a capacidade atual de perceção.[21]

É reconhecidamente difícil visualizar um mundo que tem a aparência de ser um mundo físico; que, como todos os relatos concordam, possui substância de um certo tipo; e que, no entanto, possui também a propriedade de refletir e representar pensamentos e sentimentos interiores. É através da recusa em encarar esta dificuldade que as imagens do mundo seguinte são tomadas como sendo mais materialistas do que os próprios relatos dizem.

Embora seja muito necessário enfatizar a maleabilidade e a natureza ideoplástica desta substância, corremos então o risco de lhe conferir um caráter excessivamente berkeleyano. Este excesso de ênfase é difícil de evitar porque até ao momento certamente não recebemos qualquer relato satisfatório de como esta substância é constituída.

Quanto mais estes registos são estudados, de facto, mais perplexas se tornam as questões sensoriais. São continuamente desconcertantes. Assim, os comunicadores falam de um "corpo-alma". Os racionalistas descartam esta frase como nada mais do que uma contradição de termos. O Professor Anthony Flew chama-lhe divertidamente um touro não taurino. Se se considerar "corpo-alma" como um termo que denota um centro de consciência, também se pode dizer que isto evita todas as perguntas, pois nada nos diz sobre a forma como tal centro opera, nem sobre até que ponto algo sensorial está envolvido. E no entanto pode ser um ponto de partida, uma tabuleta indicadora a apontar-nos na direção certa.

Se fizermos das experiências terrenas o padrão pelo qual julgar se as referências sensoriais nas narrativas são aceitáveis, isto equivale a exigir que a existência pós-morte obedeça praticamente às mesmas regras que as do nosso corpo terreno. Isto tornaria a existência subsequente, afinal de contas, muito parecida com a vida na terra; no entanto, esta é a própria coisa que outros críticos condenam. Se tal padrão for imposto, será isto realmente semelhante a olhar pela extremidade errada do telescópio?

Por que razão deveriam as leis corporais, tal como as conhecemos, prevalecer após a morte, quando a ausência de um corpo físico é a única coisa certa que a torna diferente? Se voltarmos o telescópio ao contrário, podemos então pelo menos ponderar sobre se as experiências pós-morte mostram que a nossa constituição física foi uma limitação, e não pertencente à nossa essência. As experiências místicas na terra transcendem as limitações quotidianas dos sentidos precisamente desta forma. Os místicos e os professores pós-morte contam por vezes uma história surpreendentemente semelhante.

Eis um relato pós-morte (existem outros semelhantes):

... Vós sois parte da árvore, em sintonia com ela; ela alimenta-vos e vós respondeis-lhe na medida em que a reconheceis como um reflexo do amor de Deus, tal como vós sois um reflexo do amor de Deus. Ela emite um som semelhante ao de um belo e minúsculo sino, novamente bastante impossível de descrever, mas vós ouvi-lo dentro de vós próprios e respondeis espiritualmente. As flores podem dançar e cantar à sua maneira particular... tudo vos dá de si mesmo numa generosidade de alegria consciente e avassaladora e vós retribuís, partilhando tudo ao vosso redor com este dar e receber.[22]

E eis duas experiências na terra:

Estava a caminhar no relvado a olhar para as massas de flores na bordadura herbácea. Como jardineiro, estava interessado no que estava a florescer; como artista, estava a desfrutar da combinação de cor, luz e sombra. Subitamente... fui "elevado" a outro mundo. Não parecia estar dentro de mim próprio, embora continuasse a olhar normalmente para a bordadura de flores. Tudo se tinha tornado mil vezes mais brilhante.

Tudo se tinha tornado também transparente. Mas o que foi tão surpreendente foi... que não estava apenas a ver as cores — estava a ouvir as cores! Cada cor era um som musical indescritivelmente requintado, constituindo o todo uma harmonia que nenhuns instrumentos poderiam produzir. Não sei quanto tempo durou esta iluminação, talvez não mais do que um segundo

ou dois, mas ao regressar à terra, por assim dizer, soube que tinha estado na Realidade. A memória disso permaneceu vívida e real desde então, e trouxe-me a maior felicidade e compreensão. Agora sei.[23]

Estava nas colinas... e senti as condições mudarem. Dei-me conta de faculdades que normalmente não possuo de todo. Conseguia ouvir cada pequena folha de erva a vibrar e havia harmonia em cada nota. Conseguia ver uma aura em cada flower. Parecia estar consciente de me encontrar num mundo completamente novo; o meu corpo material foi esquecido. Senti um mundo interior de cor, música e aroma, e perfeita paz e felicidade... Estou certo de que há ali algo com movimento, cor e som, que dá felicidade... Sou realmente uma pessoa do tipo ativo... Todos os meus amigos me chamam extremamente prática.[24]

Serão estas experiências místicas na terra antecipatórias, mostrando, através de uma transcendência temporária das limitações sensoriais físicas, algo daquilo que todos experienciaremos quando nos desprendermos permanentemente destas limitações?

3

As roupas constituem uma ilustração muito boa de como as coisas exteriores podem tanto exprimir como ser obedientes a uma criação de pensamento interior. O processo pode ser muito célere.

Alguns falam de se encontrarem nus à chegada após a morte, mas quando um estranho se aproxima, pensam imediatamente em roupas, e depois descobrem-se com a mesma rapidez vestidos de uma forma familiar. O seu "entorno" de roupas é produzido pela sua própria mente. Walt Whitman ter-se-á vestido mentalmente com um traje que o seu velho amigo, precisamente antes da morte, forçosamente reconheceria. Serão estas roupas, deve-se perguntar, suficientemente reais para serem tiradas, dobradas e retomadas mais tarde? A resposta provável é que se tornam tão "reais" como isto apenas se o utilizador acreditar que o são e

desejar torná-las assim. Pela sua necessidade, ou necessidade imaginada, ele toma parte tanto na sua criação como na sua preservação temporária.

Um suíço, ao reexperienciar as faculdades agudas que tinha conhecido na sua juventude terrena, com o sentimento de bem-estar que as acompanhava, descobre-se instantaneamente a usar o familiar uniforme militar que tinha sido seu na altura. O uniforme desaparecerá quando ele alterar a sua consciência, para ser substituído com a mesma facilidade por qualquer nova veste que ele imagine. Esta poderia tornar-se, por exemplo, uma túnica grega, representando o lado filosófico e idealista da sua natureza. O "entorno" de roupas é produzido pelo próprio sentido de adequação do utilizador.

Pode fornecer um abrigo contra o que se poderia pensar ser um escrutínio indesejado, tal como um caranguejo vive na sua concha; ou pode exprimir um ideal, como num relato de John Ruskin a optar por usar no mundo seguinte uma bela e longa túnica azul-celeste com um cinto; ou pode reproduzir uma ilusão, como nos adornos que alguns sentem ser o seu tributo pessoal; ou pode ser meramente um hábito de memória, o uso da forma de uma veste familiar da terra e sentida como apropriada; ou uma ferramenta de trabalho, como Frances Banks fez da sua túnica de freira.

A natureza da própria substância do homem após a morte é uma questão mais difícil. Embora muitos relatos concordem amplamente, falam em grande parte em termos de analogia, como no relato seguinte.

Era médico na terra... mas não tinha qualquer utilidade para a religião ou curas pela fé, ou qualquer dessas emoções sentimentais... Acordei num hospital. Tinha morrido em casa e não conseguia pensar como tinha ali chegado. Mas era um lugar extraordinário... Um médico aproximou-se de mim: "Teremos muito gosto em ensinar-vos tudo o que sabemos"... Sentou-se ao meu lado e, do nada, apareceu um diagrama que mostrava os órgãos e artérias do meu novo corpo... de forma semelhante ao

que conhecia, mas com... órgãos digestivos e assim por diante, de um tipo muito mais simples... Os órgãos digestivos pareciam estar num sistema rotativo. Parecia um grande volante que atraía de todos os lados os raios brancos e coloridos, transformando-os em energia e vida como a que estou agora a experienciar.[25]

Poder-se-ia esperar que a substância do homem estivesse adaptada a, e possuísse algo da, "matéria" do novo ambiente, tal como anteriormente estava adaptada a e possuía algo da substância, do "barro", da terra. Depois de um homem se desprender do seu corpo físico, aparenta possuir, de acordo com muitos relatos, uma forma "etérica" mais subtil — a sua substância de sentimento ou veículo de consciência. Esta forma ou padrão, diz-se, era também sua quando estava na terra, onde desempenhava um papel altamente importante, embora menos óbvio, nos bastidores. Pois nessa forma mais subtil os pensamentos e sentimentos da sua vida terrena gravavam-se gradualmente, formando o seu próprio reservatório privado de pensamento e reservatório de sentimento. Agora que o corpo físico caiu, este torna-se por sua vez a sua forma externa e constitui um veículo contínuo no qual ele vive. Por muito indefinidos e especulativos que estes conceitos sejam — um mero rótulo, dirão alguns —, os relatos apontam infalivelmente para que o homem continue a ter uma forma e uma forma que, por um tempo pelo menos, permite aos velhos amigos reconhecê-lo.

O T. E. Lawrence póstumo tateia o seu caminho em direção a um conceito desta solidez:

... Tem havido uma qualidade unreal no que me rodeia, e em mim próprio um sentimento de ser sombrio e insubstancial. Continuo a sentir a falta do peso do meu corpo terreno, suponho, embora me pesasse agora ter de o arrastar de um lado para o outro... o meu corpo atual, sólido como parece, é agora realmente composto por uma espécie de matéria que na terra eu considerava como "emoção". Esta "substância de sentimento" é agora exterior ao meu eu real e não possui qualquer arrasto físico que reduza a

velocidade da sua atividade. Daí a assustadora libertação de energia emocional e a impossibilidade de a mascarar.[26]

4

A consciência, é claro, não se expande a um ritmo uniforme; pode intensificar-se e depois diminuir de novo. Aqueles que possuem um grau de maturidade espiritual, que aceitam rapidamente o facto da sua morte e estão desde logo ávidos por aprender, podem experienciar essa intensificação temporária muito rapidamente. Notável é a impressão do tempo, que não é medido da mesma forma que na terra. Assim, pareceu-me que tinha passado pelo menos vários meses nos "Campos Elísios" — ou naquilo que tomei por eles. Era um estado de serena bem-aventurança, de completo relaxamento.

Ao início, estava mais ou menos consciente da presença de rostos amados e familiares... pareceu-me como se ao meu redor existissem campos amplos e frescos cobertos de flores. Estava constantemente rodeado por esta névoa dourada. Mas eu mais sentia as coisas do que propriamente as via...

Vi uma grande quantidade de coisas que eram novas para mim. Caminhei de um lado para o outro, encontrei muitos velhos amigos e alguns novos. De modo que tive a impressão de já viver aqui há muito tempo. Gradualmente fui tomado pelo cansaço. Queria um banho regenerador.

Quando a minha atenção se voltou novamente para ti, dei-me conta de que este lapso de tempo, tão longo e cheio, correspondia a três ou quatro dias terrestres.[27]

Esta perspetiva de Pauchard pode talvez ser comparada com o andar a passear por um colégio ou universidade ao juntar-se aos outros estudantes, antes que o trabalho árduo do período letivo comece.

5

A natureza intensa de Pauchard ficou muito cito pronta para o trabalho de novo. Muitos outros necessitam de um período de ajustamento muito mais longo e mais gradual, pessoas comuns que são mais lentas a descobrir a profundidade de experiência que

lhes está aberta. Numa fase inicial desta nova vida, estas declaram habitualmente que se encontram naquilo que é frequentemente denominado a Terra do Verão.

Aqui, um homem comum e decente começa a sentir-se em casa ao encontrar um ambiente aparentemente semelhante àquele que conhecia na terra, onde encontra amigos e familiares e até descobre uma réplica da casa que deseja. Tudo isto exprime a sua necessidade interior presente, ainda que apenas temporária. Uma comunicação de F. W. H. Myers descreve-o assim:

Quase todas as almas vivem durante algum tempo no estado de ilusão. A grande maioria dos seres humanos, quando morre, está dominada pela conceção de que a substância é a realidade, de que a sua experiência particular da substância é a única realidade. Não estão preparados para uma mudança imediata e completa de perspetiva. Anseiam apaixonadamente por redondezas familiares, embora idealizadas. A sua vontade de viver resume-se a viver, portanto, no passado.

Assim, entram nesse sonho a que chamo terra-da-ilusão. Por exemplo, o Tom Jones, que representa o homem comum e irrefletido da rua, desejará uma vivenda de tijolo glorificada numa Brighton glorificada... Ele gravita naturalmente em direção aos seus conhecidos, a todos aqueles que tinham uma mente semelhante. Mas ele está meramente a sonhar durante todo o tempo, ou melhor, a viver dentro da fantasia criada pelos seus desejos mais fortes na terra.[28]

Tais pessoas não têm defeitos muito graves a superar como resultado da sua vida na terra. No essencial, terão aceitado com pouco questionamento os hábitos e costumes ao seu redor. Para elas, os padrões morais eram em grande parte uma forma de respeitabilidade e de conforto fácil; não tinham a estatura para encarar grandes questões e passaram pela vida maioritariamente como cidadãos satisfatórios, mas adormecidos numa parte do seu ser.

É perfeitamente possível para um homem aprisionar-se de forma tão firme ao seu ambiente da Terra do Verão como

anteriormente o fazia ao seu ambiente da terra. Pois esta existência contínua constitui o mundo de si próprio, escrito apenas um pouco maior e, visto que os homens se assemelham muito uns aos outros, apenas uma porção muito pequena dele será única para si próprio. A maior parte daquilo que o homem comum procura ao seu redor representa uma existência de comunhão, partilhada com outros no mesmo nível de perceção.

6

Na Terra do Verão, muitos declaram que verificam que o seu novo "corpo" ou veículo de consciência passa gradualmente a assemelhar-se àquele que era o seu na terra quando se encontravam no vigor da juventude. Isto também é uma condição da mente. Verificam que já não necessitam de carregar consigo o conceito de um corpo velho, cansado e imperfeito — a ilusão da idade. Quando afirmam estar a ficar mais jovens a cada dia e a regredir ao seu vigor, isto não deve ser encarado como uma espécie de milagre fisiológico. É simplesmente uma mudança de consciência à qual o eu-que-sente se adapta.

Mas na terra pessoas diferentes sentem-se no seu vigor em alturas diferentes. Para algumas, a juventude é o vigor, para ser sempre mais tarde recordada com arrependimento pela sua perda; para a maioria, a maturidade; para um número comparativamente reduzido, é a velhice que traz a tranquilidade e o contentamento.

Em certas fases da sua vida, alguns terão deparado com experiências ferinas ou ter-se-ão sentido desconfortáveis e inadequados; agora, por um tempo, continuam a associar esta experiência privada à idade específica em que ela ocorreu. Portanto, alguns preferem usar uma máscara de velhice, em vez do manto de juventude ou maturidade assumido por outros, porque se agarram à época que lhes trouxe mais felicidade. Para tais pessoas, a aclimatização revela-se lenta. Eventualmente, tais bloqueios acabam por ser removidos à medida que os desconfortos da terra se desvanecem e as suas consequências sobre a natureza individual são superadas. Não haverá então necessidade de se agarrar a uma certa idade.

Algumas pessoas permanecem presas ao seu antigo padrão de vida devido a competências anteriores. Verificam que é possível ajudar as pessoas que ainda estão na terra e aprendem a fazê-lo.

... Um médico aqui... ficou tão ligado ao seu trabalho que não consegue resistir a exercer a sua profissão. Trabalha principalmente através de clarividentes e fica perfeitamente feliz por ver os seus tratamentos continuados. Há já mais de cinquenta anos que ele prossegue o seu trabalho... nem sequer tirou tempo para se interessar por mais nada. Uma vez perguntei-lhe se não tinha tido certas experiências — agradáveis ou desagradáveis — muito diferentes das da terra... Ele respondeu meio surpreendido, meio distraído: "Não!" [29]

A atitude inalterada deste médico possui mais do que um aspeto e provavelmente não é tão admirável quanto parece. Pode ocultar uma profunda incapacidade de encarar outros lados do seu caráter, de modo que, ao optar por confinar-se aos seus lados melhores e perfeitamente sinceros, se está a recusar a tomar o caminho disciplinar que, por si só, o conduzirá ao futuro mais amplo que passará então a estar-lhe disponível. O seu trabalho fornece um serviço a outros, mas poderia ser igualmente um refúgio de si próprio e, por esse motivo, um serviço mais limitado do que poderia ser. Uma vida respeitável não é, em si mesma, passaporte para o progresso espiritual. O médico, apesar de todo o seu serviço, pode ainda carecer de uma parte da raiz da matéria, a qual pessoas menos louváveis ganham rapidamente.

Um velho veio para o lado de cá após uma vida terrena que não foi de modo algum exemplar. Era um ladrão que tinha matado um homem durante uma das suas expedições e, assim que aqui chegou, encontrou a sua vítima. Não sabia como expressar o seu desgosto, mas a vítima não tinha qualquer ressentimento e disse-lhe que estava grata pela sua libertação de uma miserável vida terrena... Pôs-se ao trabalho para ensinar ao velho que ele tinha de expiar a sua má vida, mas que a punição era automática e não de vingança. Passado um tempo, o assassino e a sua vítima tornaram-se amigos íntimos e progrediram juntos. Nem sempre são as

pessoas aparentemente boas que se saem bem rapidamente por aqui.[30]

As fitas gravadas de Hunt incluem registos interessantes de limitações rudes impostas a si próprias, a maioria delas em pessoas de substância mental e emocional comparativamente esguia. Uma personagem afirma que viveu no século dezoito, nomeando-se como Sir Rupert Benton. Passa então a fornecer uma descrição desta sua vida passada e do seu cenário aristocrático. Algum tempo depois, muitas semanas mais adiante, chega a confessar que na terra tinha sido na verdade apenas o criado, o muito invejoso criado, do verdadeiro Sir Rupert Benton.

Vemo-lo a encontrar o seu caminho muito lento em direção à realidade através desta personificação desfrutada e ostentada perante outros. Mas por que razão demorou desde o século dezoito para que este desprendimento ficasse concluído? Por que não o desiludem outros, de propósito bondoso? É porque a sua fantasia, e isto é importante, permanece sua para aceitar enquanto assim o desejar; se ele prefere acreditar nela — mesmo que numa parte do seu ser saiba que é de outro modo —, ninguém o pode fazer sair dela. Do mesmo modo, o médico pode continuar as suas ministrações precisamente durante o tempo que lhe convier. As duas coisas certas sobre tais ilusões são o seu desaparecimento final e o direito inalienável do seu proprietário de as continuar entretanto.

Outros sustentam ilusões muito diferentes da de "Sir Rupert Benton". Um grupo de irmãos da Igreja Céltica do século nove, antigos monges de Lindisfarne, fala da sua vida no mundo "etérico".[31] Também eles foram apanhados num sonho próprio, e por um período muito mais longo do que "Sir Rupert Benton"; trata-se de um sonho comparativamente inofensivo, em grande parte uma continuação da sua antiga vida terrena, que, afinal de contas, foi a vida que então escolheram e pela qual renunciaram a muito mais.

Falam da abadia, uma cópia daquela que conheceram na terra; falam, inclusive, dos rebanhos que acreditam ainda guardar,

e o deles deve ser quase o único relato onde o dinheiro é mencionado como estando ainda em circulação ativa após a morte. Estes irmãos encaram a sua vida como uma espera leal e paciente pela segunda vinda de Cristo à terra. Quando alguns dos seus membros os deixam, os restantes entristecem-se com essa infidelidade, mas como é natural os ausentes são realmente os irmãos que fizeram progressos, desprendendo-se desta ilusão que os encerrava e avançando para uma vida mais ampla.

Estes são exemplos de pessoas que escolheram afastar-se e isolar-se, de várias formas, dos processos de avanço que outros encaram mais cedo, quer de forma ávida quer relutante. Cada um pode recusar ajuda; é livre de o fazer, mas o resultado inevitavelmente será acorrentar-se um pouco mais firmemente ao seu passado. Foi isto que "Sir Rupert Benton" fez; e o mesmo faz, se acreditarmos nisso, a figura de Henrique VIII em *A Tudor Story*, exibindo o que para o seu ouvinte terreno, o Cónego Pakenham-Walsh, é um génio verdadeiramente terrível, continuando a alegar que a sua monarquia deve ser aceite por todos ao seu redor e recusando-se a desenvencilhar-se dela e a aceitar a simples condição de homem.

Usar a metáfora de uma prisão sugere uma necessidade de ferro, e assim é no caso de pessoas rebeldes e deliberadamente egoístas. Para a pessoa comum, decente e de boa vontade, as barras da necessidade, embora igualmente eficazes, são mais de seda do que de ferro, mas segurá-la-ão com a mesma firmeza.

Condições muito desagradáveis — o que se poderia chamar a Terra do Inverno —, que são também ilusórias, embora de uma forma diferente, rodeiam aqueles cuja vida foi feita de sentimentos friamente egoístas e de um isolamento imposto a si próprios. Após a morte — e também antes dela, como muitas pessoas esclarecidas verificaram —, a experiência não deve ser procurada por ser agradável, nem encurtada por ser dolorosa.

Cada uma necessita de ser aceite pelo que ensina. Nas áreas inferiores — é quase impossível evitar estes conceitos geográficos —, os homens descobrem o seu eu real, para o qual na terra

preferiram permanecer em grande parte cegos. Agora já não podem evitar os seus eus reais; é desagradável onde se encontram, porque eles são desagradáveis. Embora lamentando as suas redondezas, insistem frequentemente em permanecer ali, pois muitos eram obstinados na terra; tendo-se recusado a encarar-se a si próprios nessa altura, tanto mais difícil é aprender a fazê-lo agora. Um homem muito egoísta é frequentemente retratado como encontrando-se numa paisagem rochosa, rodeado por uma névoa cinzenta e escura. Como, então, se poderá perguntar, é isto uma representação de lugares familiares na terra, dado que muitos homens egoístas usaram a sua vida para adquirir uma casa rica e esplêndida e um pessoal para os rodear? Este antigo cenário terreno não é agora reproduzido porque não representa a realidade do estado interno de tal homem.

O homem comum que levou uma vida agradável, se bem que sem aventuras, encontra redondezas de aspeto maioritariamente familiar porque estas, à sua maneira, continuam a representá-lo a ele e às suas limitações. O homem exterior e o interior não eram demasiado diferentes, pelo que ele é capaz de se acomodar gradualmente a realidades mais exigentes. Mas aquilo que um homem egoísta construiu ao seu redor na terra e acreditou ser seu é tão diferente daquilo que o seu real caráter agora reflete nas suas redondezas que um choque extremamente desagradável o aguarda.

Mas perguntar-se-á: como pode ser possível que apenas um ambiente represente total e precisamente um estado de ser que, em cada homem, será uma mistura de bom e mau? Até certo ponto, um homem pode de facto mover-se de um nível de consciência para outro; cada nível parecerá uma "paisagem" separada; pode ter um pé em várias, se quiser, desde que, mas apenas desde que, essa parte de si esteja sintonizada com cada uma. No entanto, a sua própria natureza pode torná-lo quase completamente ligado a uma paisagem particular durante um tempo. Se a natureza de um homem era branda e agradável, a inércia é provável que o mantenha na sua terra-da-ilusão.

Outros têm de permanecer na Terra do Inverno, por muito desagradável que seja, porque são incapazes de, mesmo temporariamente, deixar de ser movidos pelas paixões que os colocaram ali. Não conseguem registar uma paisagem mais agradável se o seu próprio caráter carecer de resposta às qualidades humanas que tal paisagem reflete; encontram-se atualmente, por assim dizer, surdos aos tons da mesma.

Frances Banks descreve assim a Terra do Inverno:

Também existem Infernos, embora certamente diferindo dos infernos físicos e dos tormentos de fogo eternos da imaginação distorcida do homem. Existem... estados confinantes de miséria; escuros, repressores e tão reais quanto a consciência torturada do seu habitante os torna. Contudo, estes infernos não são eternos.

O homem (ou mulher) nesses tormentos mentais não necessita de ficar ali mais tempo do que aquele que os seus desejos o mantiverem. Ele é livre de resistir aos ódios, crueldades e luxúrias da sua natureza inferior que reteve da sua vida terrena e que o mantêm em masmorras escuras no meio de habitantes com uma mente semelhante. Ele pode sempre escolher seguir a Luz do Amor, do Perdão e da Harmonia, e há sempre almas prontas a ajudar, a guiar, a confortar e a assistir. Nenhuma alma é alguma vez deixada sem conforto, a menos que assim o deseje.

Isso soa a um paradoxo, mas depois muito do que aprendemos aqui é muito diferente dos ensinamentos do homem, mesmo de homens bons que são limitados nas suas ideias. A existência na terra é um estado de viver num mundo de pensamento, ilusório e muito mais restrito e encerrado pela teia glamorosa da matéria. Para lá da morte física, o mundo do pensamento é mais aparente e certamente muito mais potente nos seus efeitos. Causa e Efeito continua a ser a Lei neste plano de matéria astral, tal como o é na terra.

A Terra da Sombra é um lugar muito real mesmo; uma obscuridade sombria cobre-a, à qual a pessoa se tem de habituar; habitações degradadas habitadas por seres infelizes e atormentados que escarnecem, zombam e prosseguem as suas

existências distorcidas. Por vezes, estas pobres almas vivem no ódio e na rebelião, por vezes na apatia e por vezes com uma negação feroz de que qualquer outro estado de existência seja possível.[32]

A tragédia temporária imposta por si próprias a estas pessoas reside no profundo domínio que as suas qualidades egoístas assumiram sobre elas. O resultado é um isolamento espiritual; o viajante esconde-se dos seus semelhantes porque os odeia ou os teme ou é egoistamente desinteressado. Eles são-lhe repelentes, tal como ele também o é para eles, porque as suas qualidades de egoísmo são semelhantes.

O avarento, o misantropo, o crítico incessante, o intelectual frio, o aristocrata egoísta, o magnata implacável — estes colocam ao seu redor uma incrustação, provocando um isolamento imposto por si próprios que impede o verdadeiro contacto com outros seres. Estas são as pessoas que nas suas vidas andaram para trás, e as encostas de recuperação que agora enfrentam são correspondentemente íngremes. Mais tarde depararão com o pesado fardo adicional do remorso e de serem obrigadas a obter o perdão de cada pessoa a quem fizeram mal. O fardo é pesado, como declaram muitos relatos das suas libertações.

O pecado é em parte erro ou ignorância; um desvio, um mal-entendido da verdade, o bem não desenvolvido. O egoísmo, o orgulho e a independência de Deus são as raízes de todo o mal e os começos do pecado. Daí vêm a dissensão, a contenda e o conflito... Se o inferno é simplesmente uma condição mental dentro de nós próprios, se é a exclusão de si próprio em relação a Deus, ao coração e à casa do Pai, então os homens fazem o seu próprio inferno. Quanto tempo durará? Tanto tempo quanto excluírem Deus e a sua graça infinita das suas vidas. Não é da vontade de Deus que nenhum pereça.[33]

Nenhum exílio dura um dia para lá do termo que o próprio prisioneiro escolhe impor-lhe. Assim que ele verdadeiramente deseja não continuar mais desse modo, simultaneamente as franjas da área seguinte de consciência começam a apresentar-se-

lhe. A paisagem para a qual encontra então o seu caminho não é tão escura, rochosa, pedregosa. A névoa clareia, talvez surja erva sob os pés em vez de rocha, algumas flores podem aparecer e, passado um tempo, um raio de sol. As descrições literais de tais paisagens, embora descrevam verdadeiramente o que tais almas desafortunadas veem e experienciam, nem sempre enfatizam a parte importante da história: que o exterior representa o interior. Estes obstáculos aparentemente objetivos e redondezas odiosas são a própria mente do prisioneiro tornada objetiva. De certa forma, pode dizer-se que são sonhos acordados. O sonho, tal como acontece com sonhos importantes na terra, fornece informação sobre o seu eu interior que o ser exterior recusou e censurou. Não é certamente fácil compreender este processo de a vida ser virada, por assim dizer, do avesso; o equilíbrio familiar da vida terrena invertido. Mas esta é a situação básica sempre descrita.

Se, então, tais paisagens refletem as mentes daqueles que as habitam, permanecerá a paisagem quando estes a tiverem deixado? Permanece enquanto surgirem mentes de molde semelhante com uma paisagem interior semelhante para ela refletir. Se não existissem tais mentes, não existiriam tais paisagens; o mundo interior encontrado após a morte é suficientemente subjetivo para isso. Uma vez partidos estes prisioneiros, a sua plasticidade básica de substância estaria disponível para refletir mentes de qualidade diferente.

Se o isolamento imposto por si próprio for deliberadamente continuado, e com ele o adiar de qualquer remorso, então aqueles que se encontram nesta mesma condição lamentável permanecem agrupados, incapazes de se ajudarem uns aos outros, cada um na mesma prisão sem barras. Aqui podem continuar por longos períodos, recusando ajuda, por vezes com raiva e desprezo em relação àqueles que, na sua liberdade conquistada por si próprios, tentam alcançá-los e resgatá-los. Entrar nestas áreas enche os resgatadores de um profundo sentimento de aflição; estes ajudantes, homens e mulheres sensitivos, podem eles próprios

ficar afetados e ser arrastados para algumas das emoções cegas que procuram erguer dos outros e, se permanecerem demasiado tempo nesta área, declaram que podem, até certo ponto, ser temporariamente dominados por elas.

Pois o preço a pagar a fim de alcançar estas mentes é baixar a sua própria consciência e conceitos a um nível aceitável para, e capaz de ser compreendido por, aqueles que esperam resgatar. O mal é poderoso ao seu próprio nível e, claramente, um resgatador necessita de qualidades mais severas do que as do benfeitor auto-elogioso. À compaixão deve adicionar-se a perceção e um pronto poder de engenho para negociar e encontrar alguma fenda na armadura de isolamento destes prisioneiros: alguma área de bem — e, escusado será dizer, existe sempre uma área dessas — no mais depravado, onde possam encontrar uma resposta e depois tentar ajudar o crescimento de si próprio, por mais ligeiro que seja.

Eventualmente, os obstáculos de si próprio serão superados, mas em alguns casos demora o equivalente àquilo que na terra seria, de facto, um tempo muito longo.

O tempo, contudo, não importa, nem o facto de alguns atrasos, como o que Henrique VIII impôs a si próprio, poderem aparentemente durar o equivalente a centenas de anos. Diz-se que os casos mais difíceis ocorrem quando uma pessoa ou descrê completamente de qualquer possibilidade de vida após a morte, ou a aceita mas acredita que ela apenas acontecerá depois de soar a última trombeta. Ambos os tipos de vítima de si próprios são descritos como estando numa forma de sono, recusando, numa estranha parte do seu ser, permitir que a sua consciência funcione.

Certamente, perguntamos, deve haver algum modo de acesso a qualquer parte da mente que fez esta escolha e impôs a si mesma a insensibilidade a tudo o que está ao seu redor? É como um coma, mas um coma escolhido por si próprio que por muito tempo se recusa a responder a quaisquer pressões externas. Um respeito absoluto pela lei do livre-arbítrio é observado e, de algum modo, o coma tem de ser penetrado para provocar uma mudança.

Aqueles que desejam ajudar dizem que isto pode ser extremamente difícil. É, contudo, um exemplo marcante tanto do respeito pelo livre-arbítrio como de quão longe a subjetividade profunda pode ir.

7

Para regressar à pessoa comum e decente na Terra do Verão. Vimos que na realidade, apesar das descrições líricas por vezes dadas, trata-se de uma área de limitação. Myers chama-lhe a Terra do Lótus, ou Terra da Ilusão, porque se baseia numa reconstrução de memórias terrenas de usufruto e numa expectativa de recompensa. Se se procura um símbolo que descreva o estado de um homem que pensa que já chegou ao céu, e a um custo tão fácil, uma poltrona em frente ao seu próprio alpendre não seria uma má imagem.

Tecido nisto, contudo, encontra-se outro aspeto, um pouco mais profundo, não baseado em memórias terrenas, mas nas esperanças, anseios e ideais que residiam profundamente no coração do viajante, mas que ele nunca tinha sido capaz de exprimir na sua vida exterior; as partes da sua natureza às quais a vida não tinha trazido qualquer realização. Isto também deve agora passar à expressão, e o seu valor preciso ser-lhe-á mostrado neste novo e amável ambiente no qual os antigos obstáculos da terra não existem. Não há agora nada que o impeça, e tudo para o ajudar, a dar aos seus ideais a expressão que lhe tinha escapado na terra.

Mas esta segunda fase da Terra do Verão também fica aquém da realidade. Se isto for aceite, algumas das dificuldades no conceito da Terra do Verão desaparecem, incluindo a visão perfeitamente sólida e correta perfilhada por muitos céticos de que a felicidade aparentemente descrita é demasiado fácil, não foi merecida.

Assim, agora os sonhos interiores de um homem são postos à prova ao ser-lhes concedida a realização. Todos os seus desejos da terra se tornam realidade, ou assim parece. Ao início, tudo é maravilha e deleite. Parece que ele de facto se encontrou a si

próprio. Mas, feita esta conquista fácil, há um panorama subsequente de um tipo não inteiramente esperado. Aquilo que ele agora atraiu ao seu redor numa forma idealizada, e partilha com outros, está limitado, neste mundo mental, à extensão real de realidade que a sua imaginação lhe consegue conferir. À sua maneira irrefletida, ele deleita-se com isso. Passado um tempo, tal como a sua própria natureza terrena, revela-se insuficiente. Há mais no espírito humano do que a posse de tais usufrutos.

Como diz o Myers pós-morte, existe uma infelicidade maior do que a não realização do desejo do coração, e essa é a sua realização. É uma terra de castelos no ar do homem bem-intencionado, e não passa disto porque quase tudo nela é fundamentalmente egoísta. Até o prazer dos seus relacionamentos gira em torno do seu próprio bem-estar. É a terra do desejo do coração; mas o coração do homem, como diz Kipling, é pequeno. Permitido criar a sua ideia de céu, não seria de esperar que a sua criação fosse tão limitada quanto o próprio homem?

O propósito desta fase é pôr fim a todas estas emoções e pensamentos pessoais que foram desperdiçados porque, a partir deles, nenhuma colheita espiritual foi colhida na terra. Ele não será capaz de os carregar consigo mais tarde, para as fases subsequentes e mais exigentes de *viver* onde, finalmente, estará preocupado com a sua verdadeira colheita espiritual, aquelas qualidades que de facto cumpriu e assim construiu como uma parte permanente do seu próprio ser. Pelo que, no fim, os usufrutos criados por si próprio que tem vindo a experienciar perdem o seu significado e sabor. O que ao início parecia tão desejável e satisfatório (e do qual, entretanto, pode ter dado descrições a amigos na terra através de um médium) revela-se agora uma ilusão. Uma sensação de estagnação abate-se sobre ele, cansa-se da sua própria felicidade, pois algo se agita no seu íntimo que lhe diz que não está satisfeito, que existem áreas ocultas da vida adiante dele.

Verificareis que a gratificação dos vossos desejos rapidamente cansa, mas pelo menos tendes o prazer disso antes

que tal aconteça... Não, não dura. Não é feito para durar. Mas tê-la-eis durante o tempo que a quiserdes. Ninguém vos apressará... Vós próprios ficareis saciados com ela primeiro.[34]

Assim que o viajante aceita que estes prazeres já não têm qualquer significado para si, fica disposto a desapegar-se deles. Agora encontra-se pronto para avançar, pois na vida mais além cada passo que é dado tem de ser um passo merecido mesmo que, como nestas fases iniciais, o merecimento aconteça através de um desprendimento.

É um desimpedir do convés para lhe permitir crescer em direção à parte mais profunda da sua natureza. Ele passa a ver a sua própria complacência. "O progresso eterno aberto a todos" é um princípio da religião espiritualista, onde é propenso a ser considerado como um direito, tal como a segurança social. Mas, escusado será dizer, tem de ser merecido. Ninguém que se contente com tais termos vai conseguir levar-se muito longe nas terras após a morte — nenhuma escada rolante é fornecida para o transportar para cima!

Exceto possivelmente por um breve espaço para reajustamento, o usufruto fácil da Terra do Verão não é para almas ávidas de temperamento mais severo, porque as suas experiências já seriam sem valor para elas. Ignoram-na ou, para o dizer com maior precisão, chegam à vida seguinte tendo já vivido na terra a um nível de consciência para lá daquele em que tal existência as poderia enredar.

Não contém qualquer necessidade para elas, daí que não depararem com a experiência. Não é para aqueles que, na frase de Milton, "desprezam o deleite e vivem dias laboriosos". Outros de caráter mais fácil e menos desafiador necessitam dela como uma forma comparativamente suave de ficarem despojados das suas ilusões sobre o que constitui a bem-aventurança. A Terra do Verão, então, longe de ser o céu com que alguns a equiparam, representa uma experiência comparativamente humilde, mas uma experiência necessária para a maioria das pessoas.

8

Não seria prudente, contudo, tomar tudo na Terra do Verão como uma ilusão vazia. É real na exaltação que o viajante sente ao viver sem o peso de um corpo físico, a sua "grosseira e lamacenta veste de decadência". Esta ausência de doença física e de deterioração traz um grau de libertação. Ele está a começar a descobrir que o seu eu interior, o seu veículo de consciência, é muito mais importante do que o corpo físico no qual se encontrava encerrado. Tem acesso aos seus pensamentos e sentimentos de uma forma muito mais desimpedida e num ambiente muito menos obstrutor e resistente. A Terra do Verão é também suficientemente real ao fornecer lições precoces sobre o uso dos poderes criativos que residem nos seus pensamentos e emoções, como evidenciado na natureza maleável do seu novo ambiente. Está a educar-se em poderes que aprenderá a controlar no momento devido. E, como é natural, há verdade em todo o processo de desprendimento de véus na sua natureza que, mais tarde, conduzirá à descoberta do seu verdadeiro ser interior.

A Terra do Verão é também um prenúncio de redondezas posteriores. É descrita como uma terra de luz solar. Aqui deve dizer-se que a luz solar, a água, a paisagem, o riacho em movimento, os bosques e colinas que são descritos não devem ser encarados de forma demasiado literal. Myers verificou que eram provocados por aqueles a quem chama os Sábios, os quais criam um ambiente apropriado para os seus protegidos, mas com maior habilidade do que estes conseguiriam fazer por si mesmos.

O ambiente assemelha-se a uma representação pictórica, a uma composição de um artista — como a sala de visitas de Helen Salter, mas numa escala mais vasta. Estas redondezas semelhantes a paisagens são imagens significativas, tal como o desenho de um artista é significativo. É como uma forma menos obstinada da natureza, uma forma que não é desprovida de coração ou de inteligência, como Housman declara, mas de algum modo imbuída de um propósito inteligente. Diz-se que a água ali traz uma sensação de refrescamento profundamente vivificante. Frutos também, frutos invulgares, são descritos, os quais podem de

alguma forma ser absorvidos e que, também, produzem esta sensação de vivificação. Não há necessidade de comer, porque não há corpo físico que necessite de alimento, embora antigos hábitos possam provocar uma sensação de necessitar de alimento.

Mas este erro é usado para o ensino, pois, mesmo quando pensado como alimento físico, a vivificação que traz representa uma participação momentânea naquilo que, em essência, é um nível de consciência ligeiramente mais elevado. É isto que a maçã ou o pêssego da Terra do Verão são propensos a produzir e do qual são um símbolo.

No entanto, quando aqui chegais pela primeira vez, as rotinas de comer, beber e dormir estão demasiado firmemente estabelecidas para serem eliminadas de uma só vez. Por isso, se pensais que necessitais de dormir... dormis durante o tempo que quiserdes. Se pensais que necessitais de comer, então comeis até ficardes saciados. Não existem órgãos excretores nos nossos corpos... Quando bebo água, ela simplesmente se difunde por todo o meu sistema, e já está! Por outras palavras, é convertida em energia. Se vejo uma bela macieira com maçãs vermelhas brilhantes, posso esticar o braço e colher uma... Tem o efeito de recarregar as nossas baterias.[35]

É como se estas representações contivessem em si, de forma viva, uma mensagem da consciência mais profunda que as criou. Assim, o homem na Terra do Verão pode aprender com estas coisas; encontra-se rodeado por acontecimentos que apontam para uma realidade maior. Há uma sobreposição gradual na sua consciência, uma infiltração e preparação suaves. Ele está a aprender a sacudir algumas ilusões, mas, entretanto, está também a aprender algo para usar no seu próprio futuro.

Com o tempo, a sua complacência é abalada de outra forma, pois verifica que, embora esteja feliz com os seus companheiros, alguns destes desaparecem. Retiraram-se da sua camada de consciência. Avançaram, pois dão-se conta de que a sua vida necessita agora de ser vivida de forma mais árdua.

Deve ser enfatizado que uma grande parte desta experiência pós-morte é frequentemente muito gradual, assemelhando-se ao processo de crescimento e mudança na terra e nos próprios seres humanos. A estada na Terra do Verão não necessita de terminar através de um passo súbito, mas à medida que a sua necessidade recua gradualmente. É provável que exista uma sobreposição de experiências, algumas das quais são uma preparação para a vida no primeiro céu.

Na terra, alguns de nós deparam com experiências decisivas, quando o rosto da vida muda da noite para o dia. Mas muito mais, de forma bastante tão decisiva no fim, ocorre quase insensivelmente, de tão gradual que é; as mudanças, por exemplo, que acontecem em relacionamentos longos e íntimos, e no nosso próprio crescimento e envelhecimento. Assim, após a morte muitos movem-se gradualmente de uma experiência para outra e crescem no processo, sobem de um nível de consciência para o seguinte, mas dão também atenção, tal como na terra, a mais do que uma tarefa de cada vez, pois o crescimento da consciência é frequentemente irregular, forte numa área, hesitante noutra.

Com isto em mente, torna-se mais fácil ver como as idiossincrasias individuais podem continuar a existir, como as experiências pelas quais todos devem eventualmente passar podem surgir a pessoas diferentes, ou ser escolhidas por elas, numa ordem completamente diferente; e como, mesmo após a morte, muitos permanecem dentro de algum bloqueio ou recusa psicológica, e recuam perante experiências perfeitamente abertas para eles.

As pessoas que não gostam de mudança acham-no um pouco confuso ao início e, por isso, evitam experienciar muito daquilo que poderiam desfrutar. "O hábito da gaiola pequena" aplica-se mesmo aqui. Provavelmente, as "gaiolas" mais óbvias são as criadas por crenças sectárias estreitas. É aí que o Artista tem a vantagem sobre o religionista convencional — não existem barreiras a serem superadas. A abordagem negativa, o perpétuo "não farás", é muito estorvadora.[36]

Assim que deixa a Terra do Verão para trás, o viajante, como vimos, tornou-se por isso mais pronto para deparar com a experiência a um nível mais profundo. O que ele encontra em seguida é provável que lhe traga certas surpresas.

CAPÍTULO 7
O JULGAMENTO

1

O viajante é agora capaz de encarar o processo de descobrir como se tornou aquilo que é, como resultado da forma como lidou com as experiências por que passou na terra, as quais moldaram gradualmente o seu ser atual que sente e pensa. Ele tem de aceitar-se como o homem que criou, e dar-se conta de que não consegue ocultar a sua real natureza dos outros. O corolário é que ele chega gradualmente a ver a necessidade de se mudar a si próprio. Enfrenta um processo de aceleração para se alinhar com o viver de forma mais nua dentro de si próprio. Gradualmente dar-se-á conta do valor (ou falta de valor) do seu próprio sortido; privado agora das suas posses da terra, tem de confiar nas posses interiores que trouxe consigo — o seu caráter, as suas memórias, os seus poderes de pensar, sentir e perceber. Isto é o que ele tem para o sustentar num ambiente cujas leis ainda não compreende e que, verificará, testará gradualmente os seus atributos ao máximo.

A morte, longe de ter sido um acontecimento final, está de facto a provar ser apenas uma introdução. Envolve este processo um tanto doloroso de passar a conhecer-se a si próprio como nunca antes. Pelo que não é de modo algum apenas ao seu ambiente que ele se tem de ajustar, mas a si próprio. O seu dia, ou melhor, dias de ajuste de contas, tanto para o bem como para o mal, encontram-se pela frente. No ajuste de contas, ele encontrará também o seu lugar de direito no novo mundo ao seu redor.

2

Assim, no momento devido, toda a gente depara com a experiência conhecida como o julgamento. Muitas comunicações, e não apenas as de orientação cristã, descrevem este julgamento; trata-se de um acontecimento altamente importante para o

indivíduo, que o ocupará ao longo do que é o equivalente a um período considerável de tempo e terá efeitos decisivos sobre ele. Como vimos, não tem necessariamente lugar imediata ou proximamente após a morte. A soma total da sua vida não é empurrada de uma só vez para cima de um homem, queira ele quer não; acontecerá quando ele estiver pronto para isso.

Num sentido, as ilusões da Terra do Verão, o isolamento de Benton e dos irmãos célticos, e as experiências duras da Terra do Inverno fazem todas parte de um julgamento, pois são formas de um homem passar a conhecer-se a si próprio. Mas contêm também em si uma profunda recusa em encarar o eu: a pessoa ainda não está pronta. O julgamento de que se vai falar agora, uma vez iniciado, não pode ser contestado e prosseguirá até à sua conclusão. É inteiramente objetivo e exige daquele que é julgado uma aceitação igualmente objetiva daquilo que revela.

O julgamento pós-morte é normalmente pensado como algo retrospetivo e, logicamente, aponta para as consequências de ações realizadas na terra. O passado é irrevogável, com certeza; contudo, as suas consequências não são finais, podem ser superadas. Portanto, seria igualmente verdadeiro encarar o julgamento como um inventário, em resultado do qual um homem descobre limitações criadas por atos ou omissões passados que colocaram parte de si numa prisão imposta por si próprio. Não se deve supor, escusado será dizer, que todos os fatores no seu julgamento sejam fatores negativos. Um homem encontra ali as suas qualidades positivas também e, tal como os fatores negativos operam para a limitação, os positivos constituem para ele um caminho livre em direção ao seu futuro; são expansivos e libertadores.

Existe, assim, esta diferença importante em relação ao julgamento de uma vez por todas retratado em tantas religiões do mundo. Embora não seja menos decisivo, o seu significado é muito diferente. O seu propósito não é a punição, mas a educação. É desprovido de vingança e benfazejo nos seus efeitos. Neste

julgamento, um homem é introduzido a um registo preciso de cada acontecimento externo e interno da sua vida na terra.

Diz-se frequentemente que este processo é realizado por si próprio e, em essência, isto é verdade. Mas visto que o viajante é propenso a ter-se julgado mal, talvez de forma muito grave, enquanto na terra, como adquire ele a perceção para fazer o julgamento corretamente? Ver-se a si próprio como realmente é e foi exige, por si só, poderes acrescidos de julgamento e de análise de si próprio.

Dois novos fatores, portanto, emergem. O primeiro é que alguma mudança deve ocorrer nele, para produzir ou tornar possível esta exigida perceção mais profunda. Isto será em parte estimulado pela informação inesperada que o alcançará no julgamento, através da imagem íntima da sua vida passada que é apresentada. O segundo fator é que ele será ajudado ainda mais ao discutir a sua situação com um professor que lhe foi designado. Esta instrução é de um tipo um tanto doloroso. O julgamento é um processo complexo e certamente não realizado de uma forma uniforme.

Pois os temperamentos variam, e alguns são incapazes de suportar tanta verdade, ou de a suportar tão rapidamente como outros conseguem; à semelhança de alguns cavalos, primeiro recusam os obstáculos por serem demasiado íngremes para transpor. São livres de os recusar e de continuar a galopar ao redor de uma parte anterior do percurso, mas no fim têm de os encarar.

Os seus conceitos sobre o que é o bem e o mal necessitarão de mudar e de crescer também, e para crescer necessita-se de tempo, ou do equivalente a tempo no mundo mais além. O Conan Doyle póstumo diz: "Um homem não cai num pote de mel quando morre". W. T. Stead é igualmente categórico:

Ao início nada se faz senão o que é tanto útil como reconfortante — mais tarde há um processo de purificação pelo qual se tem de passar... Ao ser estabelecido aqui, no Mundo Real, cada um é entrevistado por um dos Instrutores Espirituais

Avançados e todo o registo da terra é discutido e analisado. Razão, motivo e resultado. O registo completo e detalhado contém tudo, não há nada negligenciado, e esta é a altura de pagar a conta. Cada um é entrevistado a sós, e há uma análise minuciosa de todos os acontecimentos, atos e pensamentos. Depois há a retificação pela qual se tem de passar, a soma total a ser paga... pois toda a nossa irreflexão e os nossos atos e palavras indelicados — tudo o que teve resultados diretos tem de ser pago.[37]

Os comunicadores encontram claramente dificuldade em transmitir esta experiência de julgamento em toda a sua profundidade, pelo que fazem frequentemente uso de imagens e símbolos simplificados para nos ajudar a compreender. Daí que se diga frequentemente que é mostrada uma panorâmica de tudo o que teve lugar na vida terrena ou que esta é representada como se fosse num ecrã de televisão. O ponto central é que, de alguma maneira, ao viajante é mostrado cada um dos acontecimentos da sua vida tal como realmente foi e não como ele tinha pensado que fora. O registo é endireitado onde quer que ele o tenha compreendido mal.

Mas há mais; para além das suas próprias ações e dos pensamentos e sentimentos ligados a elas, ele é também agora obrigado a experienciar realmente dentro de si os pensamentos e sentimentos, as dores e prazeres que as suas ações causaram nas vidas de outras pessoas; exatamente o que ele as fez sentir ele, por sua vez, sente em si próprio agora. Este é um acontecimento surpreendente e muito desconcertante.

O julgamento mostra gradualmente que a sua estatura moral presente estreita o seu horizonte nalgum ponto. Este princípio já existe na terra quando nos encontramos a encarar decisões morais que fraquezas de caráter anteriores tornaram demasiado difíceis, pelas quais nos tornámos agora relutantes em pagar o preço exigido. Pelo que nos contentamos com algo mais fácil e, desse modo, embotamos ainda mais a perceção que poderia tornar escolhas mais difíceis possíveis no futuro. Ao fazer a escolha

mais fácil, tornámo-nos menores. Os efeitos disto tornam-se mais evidentes após a morte.

A panorâmica é habitualmente referida como um acontecimento único e inevitável, mas isto é quase certamente uma simplificação excessiva. Existem descrições de outra panorâmica que aparece imediatamente após a morte, ou durante a morte clínica da qual a pessoa mais tarde recupera (ver p. 34 acima). Ocorre a grande velocidade, segue uma sequência temporal progressiva e é contemplada com desapego emocional.

Esta, contudo, aparenta ser um acontecimento diferente e menor. Alguns passam para a morte num sono profundo ou após um coma, e ao regressar à consciência após a morte há frequentemente um período adicional semelhante à sonolência e ao sono, e é difícil ter a certeza se todos experienciam esta visão. Rudolf Steiner diz que todos os homens o fazem.

A peculiaridade deste quadro é que, enquanto ele permanece na forma em que aparece imediatamente após a morte, todas as experiências subjetivas do homem durante a sua vida são apagadas... As alegrias e tristezas ligadas às imagens da vida passada não estão presentes. O ser humano confronta este quadro de memória de forma tão objetiva quanto confronta uma pintura;... num intervalo de tempo surpreendentemente breve, o homem vê todos os acontecimentos detalhados da sua vida.[38]

Esta é uma área de descrição obscura. É claro, contudo, que o julgamento completo envolve uma participação total nas suas consequências. Não há nada de desapegado nele.

Visto que todo o equipamento de que se dispõe é necessário para encarar o julgamento, faz sentido quando este é descrito como ocorrendo apenas depois de o viajante se ter ajustado à sua nova vida. Desta vez, a sequência ocorre numa ordem temporal regressiva. Rudolf Steiner endossa isto. Desta forma, após reexperienciar o seu passado, ao viajante pode então ser mostrada a sementeira anterior que tinha plantado e que provocou estes acontecimentos; a sua sequência causal torna-se clara.

A maioria das pessoas necessita de ver a sequência, ou parte dela, repetida várias vezes antes de conseguir absorver tudo. Pode ser uma experiência muito severa. O professor de Ivy Northage descreve-a desta maneira:

Como posso contar-vos ou descrever as minhas sensações durante essa pavorosa provação? Imaginai-vos encharcados em suor frio e a sentir aquela sensação horrível que o medo traz. Assim, penso eu, a maioria das pessoas seria afetada. Tudo me foi mostrado e vi quão facilmente poderia ter evitado isto ou aquilo, quão simples teria sido estender uma mão amiga aqui ou ali, quão fácil teria sido se me tivesse obrigado a encontrar tempo para isso! Queria chorar e não conseguia. Não tinha meios de expressar a minha angústia mais pavorosa ou o sentimento terrível com que observava os meus crimes, pois eles pareciam crimes naquela apreciação intensificada que é relativa à integridade espiritual. Olhava e olhava! Não se obtém qualquer atenuação.[39]

O relato de Pauchard é dos mais expressivos. No seu caso, a purgação foi prontamente encarada muito cito após a morte. Ele fala de escórias, uma palavra interessante com dois significados distintos. Escoriar é remover a cobertura exterior, e isto é precisamente o que esta panorâmica faz: remove todo o estofamento confortável que as pessoas usam para justificar as suas ações e esconder os seus reais motivos. O outro significado é esfolar, e esfolar é um processo doloroso. Pauchard era um homem muito honrado e consciente, no entanto encontrou agora aspetos dentro de si próprio que tinha falhado em reconhecer na terra.

Cada um de nós, não importa quem seja, tem no fundo do seu ser uma camada de dregs, da qual não está ciente. Não sabia quão verdadeiro isso era até vir para aqui. O "Purgatório" não é uma fantasia, é uma realidade. Somos boas pessoas, tu e eu, e ao vir para aqui esperava encontrar apenas glória e deleite, mas depois de passado o primeiro sentimento de libertação somos colocados... diretamente face a face com os vários departamentos do nosso Eu... Asseguro-vos que é nessa altura — e apenas nessa

altura — que se aprende o que significa o conhecimento de si próprio e não é difícil tirar as conclusões. Não conseguis sequer imaginar todas as revelações que resultam de tais encontros objetivos com o nosso "Eu" quando visto sob... diferentes aspetos. Há alguns momentos muito desagradáveis pelos quais passar, posso assegurar-vos.[40]

Durante a árdua purgação de Pauchard, ele descreve uma experiência que não é descrita na maioria das histórias de purgação, mas que pode ter sido a melhor forma de ele reconhecer a verdade. Qualidades menos desejáveis do seu próprio ser são-lhe mostradas como se fossem formas objetivas independentes. São uma espécie de forma de pensamento. Estas vão ao seu encontro; e porque quando ele estava na terra se submeteu a estas qualidades, elas ganham desse modo um certo poder sobre ele, do qual ele tem agora de aprender a libertar-se.

... Parecería que, de acordo com cada indivíduo, as coisas acontecem de uma forma ligeiramente diferente. No meu caso, o curioso foi que, enquanto caminhava completamente sozinho por um caminho solitário, fui atacado por vespas — ou algo desse género — que ameaçavam picar-me. Uma Voz, semelhante a um trovão, disse-me: "Bem, não te podes queixar. Pois se elas te tivessem picado, o que teria sido de ti?" E subitamente dei-me conta de que isto estava ligado a todas as irritações, a todos os pensamentos de crítica, que tinha suportado passivamente enquanto na terra. Se os tivesse alimentado, as vespas ter-me-iam picado. Se os tivesse afastado, não teria havido vespas![41]

Cada viajante encontra na sua alma tais faltas, tais incapacidades, que reivindicam um poder sobre si que o impede de avançar; mas estas poderiam ser apresentadas a outro de uma forma completamente diferente, adequada ao seu molde particular de temperamento.

O julgamento, deve novamente ser enfatizado, tem de esperar até que um homem seja suficientemente capaz de lhe fazer frente. Aqueles que se encontram na Terra do Inverno, porque ressentem amargamente a sua condição como injusta, estariam

completamente desprovidos de preparação para aceitar tudo o que a sua panorâmica, na sua total justiça, lhes mostrará. Na sua obstinação, permaneceriam interiormente cegos e sem resposta perante ela.

A purgação não é, assim, uma questão simples de créditos versus débitos; é uma questão das qualidades da pessoa, partes do seu próprio ser, que encrustaram o resto da natureza, ou cresceram como uma parede ao seu redor, ou se espalharam no interior como um cancro; ou qualidades boas que a pessoa mutilou.

Estas são as feridas que a alma deve agora descobrir como curar, qualidades que têm de ser cultivadas de novo numa forma diferente, mais positiva. O processo de limpeza necessário após o julgamento não é alcançado automaticamente através da perceção das faltas; exige um subsequente trabalho árduo sobre elas.

A correção de si próprio pode ser muito dolorosa, como T. E. Lawrence verificou:

... Pela primeira vez fui derrotado, não por algo exterior — isso pode acontecer a qualquer um —, mas por uma revelação íntima daquilo que estava no interior. Fui reduzido a um estado... [onde] o orgulho se escondeu da vista. Eventualmente recuperei algum equilíbrio, mas apenas ao... aceitar-me dolorosamente como sou: uma confusão, um simulacro daquilo que poderia ter sido... Todas as experiências aqui são testadas no vivo do ser e, na sua agudeza e realidade pungente, estão para lá de tudo o que é possível sentir na terra. As minhas emoções continuam a abalar-me perigosamente e tenho de aprender também a suportar o impacto emocional de outros seres com equanimidade...

As relações com as pessoas, quando nada pode ser escondido, tornam-se uma alta arte que exige controlo e uma simpatia maior do que a que alguma vez é necessária na terra, onde a sua ausência pode habitualmente ser coberta pela palavra ou ação convencional. Resume-se realmente a isto: a pessoa não está segura até que todas as emoções distorcidas e negativas sejam limpas de si. Então será possível viver sem medo e livremente.[42]

Pelo momento em que o julgamento é alcançado, as paixões e os defeitos, como T. E. Lawrence tão desconcertantemente descobriu, revelam-se no corpo etérico para que outros os vejam. Assim, um homem experiencia agora de forma mais intensa o caráter que trouxe da terra, sob condições nas quais a sua real natureza se torna prontamente evidente.

O panorama subsequente do julgamento, o tempo de purgação ou Purgatório, para usar o termo católico romano, não é inteiramente doloroso, pois o julgamento também mostrará o seu lado bom. Aquilo que é realista e sério nele já estará disposto a fazer frente ao que se encontra pela frente. Estas partes da sua natureza ajudarão a acelerar o processo do seu desenredo do erro e do equívoco. Ele será capaz de usar as suas boas qualidades para o ajudar a superar o resto. Mas nunca poderá desculpar o mal colocando o bem nos pratos da balança para o equilibrar. O mal permanece o que é, até que ele o extirpe. Ele descobre-se sobrecarregado consigo próprio, com o bem e com o mal da mesma forma. A vida desencarnada durante a purgação é ainda variegada e mista, muito à semelhança do que acontece na terra.

No seio das dobras, por assim dizer, da sua luta, de tempos a tempos ele vislumbrará o que a melhor parte de si consegue perceber a partir de um degrau mais alto da sua própria escada de Jacob, embora não seja ainda capaz de reter a visão permanentemente. Ver-se-á obrigado a recair no remanescente da sua natureza. O viajante possui estes períodos de purgação e de trégua, de acordo com o seu próprio molde de temperamento, voltando a sua atenção de um departamento do seu ser para outro, trabalhando ora num fator em si próprio, ora noutro.

... esta consciência a que se chama "Purgatório" não é um estado contínuo que prossegue até que a última "escória" tenha sido queimada... A experiência... a minha e a de muitos outros, mostra que este estado vem e vai, ocorre e passa, não se sabe como nem quando.[43]

O viajante não será capaz de avançar completamente para novos "ambientes" ou áreas de consciência até que tenha

resolvido na íntegra o que o tem vindo a estorvar noutros níveis; apenas pode expandir temporariamente o seu ser em direção àquilo que será mais completamente seu mais tarde. Durante uma boa dose de tempo, ele continuará a carregar consigo uma série de lados de si próprio, tal como faz na terra.

3

O julgamento, então, é mais bem considerado como um acontecimento compósito, no decurso do qual vários aspetos da realidade passam a exprimir-se. Sob um aspeto, pode ser encarado como uma sequência de acontecimentos, cuja primeira parte é representada na terra; as consequências totais continuam, mas apenas por serem plenamente vistas mais tarde nos níveis mais profundos de consciência a que a "panorâmica" introduz um homem.

Sob outro aspeto, é uma demonstração viva de forças morais no universo a atuar sobre e a influenciar um ser humano a fim de que este possa aprender a cooperar harmoniosamente com elas; sob outro aspeto ainda, é a Vontade Divina a exprimir-se com infinita justiça, paciência e amor em direção a um dos seres que esta Vontade criou, para o ajudar a superar tudo o que nele é falível.

De um ponto de vista diferente ainda, é a prestação impessoal de um balanço até à data. De outro, a transferência da consciência de um homem do jardim de infância para a escola preparatória ou universidade.

Ainda outro aspeto é olhar para o julgamento como uma criação do próprio homem. Ele fez a sua cama e agora deve deitar-se nela. O eu que agora o confronta, como resultado de toda a sua vida na terra, é essencialmente a sua própria criação, uma parte da qual se lhe apresenta como um terrível estranho que é agora necessário que ele reconheça e com o qual viva. O julgamento, e a sua dor, reside na leitura do balanço e no reconhecimento da sua verdade.

Todos os relatos concordam que nenhum juiz exterior é encontrado. (O "entrevistador" de W. T. Stead é na realidade o

seu professor, e não um juiz.) Ao confrontar e aceitar a panorâmica, o homem é o seu próprio juiz.

O problema mais difícil para nós ao tentar compreender o processo da panorâmica é como pode ocorrer uma apresentação completamente objetiva de cada acontecimento — físico, emocional, mental, espiritual — na vida de um homem. Quem ou o quê manipula a panorâmica: um ser? Ou um mero aparelho de registo? Ou estará ela gravada na memória mais íntima do próprio homem e, de algum modo, agora refletida de volta para ele, convertida nas cenas de panorâmica ou de televisão de que se fala?

Algumas das pessoas com quem ele teve contacto estarão ainda na terra. Como é então possível que o lado delas da experiência interligada lhe esteja acessível durante o julgamento? Novamente deparamos com um processo quase impossível de compreendermos.

Alguns relatos afirmam que a memória ou o registo de todos os acontecimentos está implantado de alguma forma na *akasha*, descrita como uma substância subtil que rodeia a terra — uma representação ou reflexo gigantesco das vidas de todos os seus habitantes. Se todos os acontecimentos internos e externos se encontram assim gravados num entorno "akáshico" ou "etérico" (do qual os desencarnados científicos não conseguiram até ao momento dar-nos qualquer descrição real, embora alguns ocultistas afirmem ser capazes de perceber parte dele), isso justificaria como é possível, durante o julgamento, um homem compreender os pensamentos e sentimentos dos outros, os quais ele desempenhou um papel em provocar. A cada passo somos confrontados pelas nossas limitações ao tentar compreender o que realmente se pretende dizer com a panorâmica; os desencarnados, não obstante, imprimem em nós nos seus relatos que ela tem sido a sua verdadeira experiência.

O acontecimento profundamente misterioso não pode ser evitado — o nosso passado privado e pessoal, incluindo os seus acontecimentos mentais e emocionais, por muito que

preferíssemos esquecer alguns deles, continua a viver no nosso presente pessoal após a morte, e também num presente objetivo como uma espécie de registo de acontecimentos, bem como nos seus efeitos reais sobre outros seres. Este é um acerto de contas formidável.

O julgamento, contudo, não é um acontecimento absoluto, mas um episódio a partir do qual um futuro crescerá com novos desenvolvimentos. É um terreno de descolagem. Como poderia ser final, no sentido de aplicar padrões morais absolutos que poderiam estar totalmente fora da compreensão anterior ou presente da pessoa na qual o julgamento tem lugar? Tem de ser uma coisa provisória relativa à sua sensibilidade. Para pessoas sérias e de espírito elevado que assumiram uma visão árdua da natureza moral do viver, o julgamento é propenso a ser mais severo, não nos acontecimentos retratados, mas no impacto sobre si próprias, do que o é em pessoas menores.

Elas importar-se-ão mais. Aquelas de capacidade mais comum, que se protegeram um pouco de viver de uma forma demasiado testadora, ao início não possuirão tanta capacidade para se importarem. Um criminoso simplesmente falharia por completo em compreender os padrões pelos quais um santo viveu a sua vida. O que o criminoso consideraria como a boa vida encheria o santo de horror.

Seria nitidamente ingénuo, então, encarar o julgamento como um acontecimento único e isolado, seguido após um período de purgação por uma ascensão ininterrupta para áreas de consciência constantemente mais felizes. Esta é uma imagem inteiramente demasiado simples. A vida e o seu panorama subsequente constituem algo mais complexo e mais grandioso.

No capítulo precedente apenas quatro graus de caráter foram tomados como exemplos: os criminosos e malfeitores; os que se iludem a si próprios e continuam a fingir para si mesmos em relação aos valores humanos, como "Sir Rupert", e os irmãos célticos; as pessoas medíocres que tomaram um caminho fácil na terra; e aqueles que viveram, como Pauchard fez, uma vida

interna árdua. Na realidade, como é natural, existem muitos graus, pois cada alma é diferente e incontáveis aventuras no viver acontecem.

Pelo que o equipamento de caráter que um homem traz para a sua receção daquilo que o julgamento lhe mostra não pode realmente ser separado do próprio julgamento. Ambos montam o palco para o seu crescimento em direção ao seu próprio futuro. O seu próprio futuro para quê? Ele vai deparar com novas experiências que sondarão, tal como a vida na terra o fez, as suas capacidades espirituais; a vida pela frente continuará, à sua maneira, a ser um terreno de teste. Existem muitas capacidades que ele ainda necessitará de cultivar, e ele próprio crescerá com elas.

Ele apenas se pode tornar um ser maior ao adquirir os músculos espirituais necessários. Quanto mais a sua vida futura lhe oferecer, mais ele tem de a merecer a cada passo. Ele é, comparativamente falando, ainda um pigmeu, e o que o julgamento lhe revelou não passa daquilo que um pigmeu consegue compreender.

Assim, as primeiras "moradas" ou "postos de paragem" com que se vai deparar e que são descritos nos relatos desencarnados podem ser pensados como imagens da realidade nas quais certos peregrinos optam por parar. Estas são imagens muito pequenas, esculpidas a partir de uma paisagem espiritual muito maior do que a que se encontra dentro do alcance atual do viajante e que é, por enquanto, demasiado intensa para ele suportar.

A ascensão pela escada de Jacob envolve em cada degrau uma intensidade de ser sempre crescente. As purgações a enfrentar, pois estas são mais do que uma, são apropriadas ao nível de consciência até ao momento ganho. O peregrino tem ainda de experienciar muito do que até agora lhe esteve em grande parte velado.

CAPÍTULO 8
O PRIMEIRO CÉU

1

A imagem habitual da vida após a morte como uma passagem de uma esfera para outra, cada uma mais refinada do que a precedente, assume que os valores de cada esfera são trabalhados, aprendidos e desfrutados como numa aula de escola; e que depois essa sala de aula particular é deixada para trás para sempre. Esta é outra simplificação conveniente. É mais preciso pensar num processo de passar através de uma série de camadas de consciência, e no homem como não estando ainda plenamente ciente de si próprio como um ser de múltiplos níveis, e que nestas fases iniciais é muito menos do que o seu ser total.

2

O viajante tem de seguida de entrar naquilo a que por vezes se chama o Primeiro Céu, e tem também de passar por uma purgação adicional (descrita no Capítulo 9). Estas são experiências paralelas e que se sobrepõem, cada uma tão necessária quanto a outra. No Primeiro Céu, o homem vive o seu verdadeiro lado de crédito e, na purgação, o seu lado de débito.

Parece que a purgação não necessita de estar concluída antes de o Primeiro Céu começar; são dois lados opostos da mesma moeda. Provavelmente, na maioria dos casos as experiências misturam-se, optando o peregrino por mover-se de uma para outra alternadamente.

No lado do crédito, ele descobre-se a regozijar-se numa expressão mais cheia de todas aquelas coisas dentro de si que estão em ressonância com a sua real natureza, em oposição aos caprichos que ligou à sua personalidade da terra e que se refletiram na sua estada na Terra do Verão.

Porque esta parte de si é espiritualmente verdadeira, verifica que está em harmonia também com o seu novo ambiente espiritual. Os dois encontram-se no mesmo comprimento de onda. Ele está a acordar gradualmente de forma mais completa através de uma mudança de sentimentos, para uma consciência que está dentro de si e está também expressa em tudo ao seu redor, que é

partilhada com muitos outros, e onde pode viver e trabalhar com alegria.

Embora seja verdadeiramente sua, pertence de forma igualmente verdadeira à vida em curso ao seu redor. Ao entrar no que é seu, verifica que o que é seu é também o "seu" dos outros, um cenário harmonioso para a continuação da sua vontade justamente sintonizada de trabalhar, crescer e expandir a sua visão.

Quanto maior for o nosso progresso no desenvolvimento espiritual, mais amplo se tornará o círculo de seres humanos a quem podemos dar o nosso amor. Não amamos um único ser no mundo! Assim surge a maravilhosa harmonia que então soa como um acorde de som perfeito. Cada nota badalará por si mesma, mas na harmonia reside a beleza.[44]

Não se trata de nenhum lugar estático de recompensa onde ele se possa recostar e levar as coisas confortavelmente; acreditar nisso desmentiria completamente a natureza daquilo que ele está agora a tentar.

Embora não compreenda ao início plenamente tudo o que está envolvido, o peregrino possui agora a liberdade de descobrir-se como um ser muito maior do que aquele que conheceu até ao momento. Começa esta gradual redescoberta e regresso à totalidade do seu próprio ser. Mas apenas uma pequena parte disto será agora alcançada no Primeiro Céu. Eis o relato de uma dessas redescobertas:

... Há... erro na vossa conceção do real "Eu". Falais dele como sendo algo separado de vós e fora de vós. Nunca o alcançareis dessa forma. O "Eu" superior e o "Eu" inferior — para usar as expressões a que estais habituados — são uma e a mesma realidade. Tentai captar isto completamente. Na verdade, não é o "Eu" superior que deve ser "alcançado", pois ele está sempre ali — o próprio fundamento da vossa vida. Apenas a vossa consciência pessoal, que pensa no "Eu" superior como um sonho, deve acordar do seu sono. Esforçai-vos por vos identificardes com Ele. A identificação perfeita é a realização.[45]

Isto foi descrito por outro professor como a realização da identidade espiritual de cada um.

Tal processo é mais bem encarado como uma transferência de uma área da consciência de cada um para uma área maior. À medida que esta realização tem lugar, a consciência anterior derreterá gradualmente como irrelevante. Este é um aspeto do deixar as coisas de criança de que fala São Paulo. Até um certo grau, o viajante pode mover-se para cima e para baixo dentro destas camadas de consciência. À medida que progride, mais e mais da sua atenção repousa nos seus níveis mais refinados. Mas uma parte de si pode ainda pertencer a um nível mais baixo de si próprio de que ele ainda não se desprendeu.

Pelo que não se deve assumir que, uma vez ajustado ao mundo pós-morte, a pessoa se tornou toda de uma só peça. Um monge de Glastonbury, centenas de anos após a sua morte, fala deste tipo de divisão na sua natureza:

Por que me agarro eu àquilo que não é [i.e., o passado de Glastonbury]? Sou eu, e não sou eu, mas partes de mim que habitam no passado, e que estão ligadas àquilo que a minha alma carnal amou e chamou "casa" estes muitos anos. No entanto eu, Johannes, sou de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas — *Laus, Laus, Deo!* — apenas aquela parte que recorda se agarra como a memória àquilo que ainda vê.[46]

3

O viajante é agora colocado num mundo de perceção intensificada e de relacionamentos emocionais aprofundados. Tendo-se cansado dos prazeres superficiais que a Terra do Verão oferecia, liga-se agora àqueles que lhe são caros de uma forma mais altruísta e regozija-se na natureza do outro pelo seu próprio valor, tanto quanto pelo que esta lhe dá. A situação é, escusado será dizer, mútua. Cada um encontra alegria na natureza do outro.

Paisagens graciosas e belas são agora retratadas, cheias de casas individuais, com templos de adoração e edifícios que constituem o que melhor se pode chamar uma universidade do espírito. Isto não deve ser descartado como um conto de fadas,

uma imagem imaginária que não passa de uma compensação emocional para aquilo que faltou na terra. Este Primeiro Céu é também uma criação mental, tal como eram as regiões anteriores da Terra do Inverno e do Verão, mas que existe para a expressão mais cheia da vida da alma.

Estas belas paisagens e habitações transportam consigo uma sensação de permanência, pois a maior parte do que se aprende aqui não terá mais tarde de ser desaprendido. Muita atenção será agora dedicada ao estudo de leis espirituais e a explorar o lado interior de assuntos já bem conhecidos e amados enquanto na terra.

No lado igualmente necessário do altruísmo, uma forma de companheirismo é dar socorro ao tocar as emoções mais finas daqueles que se encontram na terra, quer por uma influência telepática diurna quer, talvez mais frequentemente, por comunicação direta ou telepática com eles enquanto dormem.

Tal pode ser a fonte de algumas das resoluções sábias, dos apelos da consciência, das perceções acrescidas que podem surgir no íntimo de um ser humano e infiltrar-se até ele ao acordar do sono ou durante os seus melhores momentos de atenção interior, mas que, como é natural, o seu livre-arbítrio pode aceitar ou rejeitar.

Este tipo de influência útil pode tomar uma série de formas diferentes. Por exemplo, pode haver uma vigilância paternal sobre um talento especial, talvez semelhante àquele de que o próprio ajudante desfrutava quando na terra. John Remmers, um engenheiro que é uma boa testemunha, fala da infância do seu filho:

... A nossa casa... ficava... adjacente a uma grande quinta bem cuidada onde o meu filho brincava diariamente com o rapaz do agricultor... Perto desta quinta havia um belo bosque de várias espécies de árvores e plantas silvestres. Ali, ele passava tempo sozinho.

Ao regressar a casa com espécimes de plantas que tinha colhido, passava a explicar-me [as suas características e os] vários

parasitas que as atacavam. Fiquei surpreendido e perguntei um dia como tinha ele adquirido este conhecimento. A sua resposta simples foi: "Bem, simplesmente me vem à cabeça"... Um dia ele estava sentado a uma secretária, a desenhar segundo supúnhamos, mas em vez disso entregou à mãe uma folha de papel, pedindo-lhe que lesse o que ele tinha escrito. Ele não tinha bem sete anos e meio na altura... e estava precisamente a aprender a ler e a escrever.

"Venho à vossa casa frequentemente. Vivi numa cabana no bosque. Mudei de ideias sobre algumas coisas. Estou interessado neste rapaz. Nos seus anos posteriores ele será reconhecido como uma autoridade na agricultura.

Thoreau"

Cada palavra estava corretamente soletrada, incluindo a assinatura. Nunca tínhamos discutido Thoreau nem possuíamos qualquer literatura a respeito deste famoso naturalista... A previsão de Thoreau foi cumprida. Hoje o Bert ocupa uma posição de muita responsabilidade como consultor em todos os ramos da agricultura na Califórnia.[47]

Tal ajuda é amável e benfazeja, contudo pode também ter elementos de remissão de si própria. Alguns relatam-na como sendo uma consequência do julgamento. É interessante especular por que razão Thoreau (se era ele) sentiu ser necessário dizer que tinha mudado de ideias sobre algumas coisas. W. T. Stead descreve este aspeto da seguinte forma:

Temos então de passar tempo em contacto estreito com a terra, a fim de, por influência, retificar as nossas más ações passadas; retificar, tanto quanto possível. Também possuímos o conhecimento e a visão total dos resultados desses atos anteriores, e eles não trazem felicidade; mas depois de esse estado passar e de podermos trazer todas estas coisas para a perspetiva correta e formar uma tabela de trabalho, que irá gradual e continuamente retificar os resultados e problemas que causámos, então podemos cada um acomodar-se a viver aqui em liberdade.[48]

Outro tipo de ajuda pode tomar a forma de conselhos gerais, úteis para a vocação do ouvinte, como quando Sir William Barrett, F.R.S., fala com a sua esposa, que na altura era Diretora da *London School of Medicine for Women*:

Possuis um instinto muito forte para estares sozinha por vezes. Não porque estejas aborrecida com as pessoas, não porque sejas egoísta, mas algum sentido interior diz-te que é necessário para o teu bem-estar mental e físico. Isto é necessário para toda a gente, porque as vibrações de outra presença, a menos que em perfeita harmonia, são destrutivas e por vezes até perigosas para a saúde de uma pessoa. Deseja-se afastar do ruído, um instinto de preservação de si próprio.

Todos os seres humanos deveriam ser capazes de ter paz e quietude, tal como esperamos ter ar puro, comida, água e sono, para o bem-estar da nossa saúde física; mas... esquecemo-nos frequentemente de que existem outras condições, excitação, ruído, ansiedade e todos os outros elementos mais subtis e invisíveis que constituem a vida — correntes de pensamento, eletricidade, ondas de diferentes tipos. Ignorámos estes por ignorância...

Um tempo em cada dia deveria ser reservado por toda a gente para o relaxamento completo — não apenas do corpo mas da mente, e imunização contra os elementos destrutivos como o ruído e o movimento...

A discussão é o mesmo; o choque de opiniões, de vontades, pode ser estimulante por vezes, mas é destrutivo como regra. Na vida moderna há tanto que choca, range, luta, desintegra. Eu diria que a vida é mais destrutiva agora nestas formas fortes embora subtis do que alguma vez foi, mas a influência é ignorada porque o efeito não é registado no corpo físico, mas através do sistema nervoso.[49]

Dois generais do exército, um agora morto, outro na terra, e amigos íntimos ainda, discutem as suas antigas experiências para tentar produzir a comunicação com uma máquina em vez de um médium. O que está na terra era o Brigadeiro-General Roy

Firebrace, o nome do outro (fornecido na íntegra por ele durante a comunicação) é omitido na publicação.

Estou a tentar tornar-me mais próximo — tornar-me mais próximo — não ficar mais próximo — das pessoas com mentes científicas e inventivas por aqui, que tentaram ajudar-nos a criar uma máquina. Continuamos a sentir que o elemento humano é o fator essencial na verdadeira comunicação. O que poderia a S.P.R., e pessoas desse género, colocar no lugar disto? Há algo mais do que palavras — o mesmo velho sentimento subtil de pertença.[50]

Seguramente não é de esperar também que os músicos e outros artistas venham após a morte a perder o interesse por tudo o que tão profundamente lhes falava, nem que não desejem por vezes ajudar os seus colegas artistas na terra.

A Menina Jelly d'Aranyi, a violinista, estava a praticar a Sonata em Mi menor de Bach, usando a edição de David, que indicava um *Allegro* no primeiro movimento. Ficou muito surpreendida ao receber um conselho inesperado:

... toca esse prelúdio muito lentamente. Imagina-o ou antes ouve-o com uma oitava inferior; na verdade ouve-o em oitavas, então obterás aquele som majestoso que Bach deseja para ele, como uma catedral com uma largura imensa e as colunas marteladas uma a uma. O espaço tornar-se-ia telescópico se a velocidade for usada. A totalidade do prelúdio deve soar pesada e sobrenatural.

Isto foi seguido por uma discussão.

P. Como deveria o trémolo ser tocado?

R. Usa apenas a mão esquerda e mantém-te num registo baixo.

P. Mas isso não pode ser feito.

R. Claro que pode ser feito. Se a tua mão esquerda ficar cansada, podes usar a mão direita alternadamente. A obra encontra-se na *Bach-Gesellschaft*.

P. Não é assim. Procurei-a cuidadosamente ali e não a consegui encontrar.

R. Mas onde os temas de Vivaldi são guardados. Isto é o que recordamos e acreditamos estar correto.

J. d'A., embora cética quanto a encontrar a obra original de Bach... informou um responsável no *Royal College of Music*... dos seus vãos esforços para a encontrar. Um novo esforço foi feito e foi-lhe trazido um pequeno volume de obras de Bach, construídas sobre temas de "Vivaldi", juntamente com uma obra de V. O volume continha a Sonata procurada, exatamente como a mensagem a tinha informado... Bach não tinha colocado qualquer marca quanto ao *tempo* no primeiro movimento e a indicação de *Allegro* de David não podia, portanto, ser aceite como autêntica... A instrução contida nas mensagens foi seguida e verificou-se que a beleza da obra foi grandemente realçada.[51]

Aqui, o médium era a sua irmã, Adila Fachiri, também violinista de concertos, cujos escritos perseguem uma série de temas, e não apenas musicais.

A ajuda é sugestiva, em vez de autoritária, como no caso do comunicador do Barão Palmstierna (o Barão era um Embaixador sueco).

Não aceiteis tudo o que vos aconselhamos como a única solução possível para os assuntos nas vossas vidas. Lembrai-vos de que julgamos de forma diferente de vós na terra. Certos pontos não os vemos tão claramente como vós porque connosco as grandes questões estão em primeiro plano, ao passo que convosco as pequenas coisas podem estragar ou ajudar. Confiamos no vosso julgamento e bom senso, particularmente porque raramente vemos os pontos maus. Não deveis pensar que as nossas visões, que se baseiam numa existência espiritual, são infalíveis. Agi através da vossa própria sabedoria.[52]

4

O mundo do Primeiro Céu deve ser encarado como pertencendo ainda àquela área de experiência a que os teosofistas e ocultistas chamam *Kama Loka* ou o mundo astral, o lugar dos desejos, onde a alma, ainda consciente tanto da não realização como da realização, trabalha sobre as inadequações que descobriu

em si própria através do julgamento, e que deve superar se se quiser libertar.

Por outro lado, na medida em que se preocupa com um distender do eu, com o ganho de novas perceções, com o escutar de intuições profundas, e com o tornar-se gradualmente ciente de seres maiores e maiores áreas de experiência para lá de si mesma, pode igualmente dizer-se que a alma se está a habilitar para a entrada no mundo mental ou *Devachan*, o mundo dos céus, no qual se encontram os começos da criação mental. Assim, as áreas que os ocultistas separam tão nitidamente umas das outras são provavelmente de forma frequente experienciadas da maneira entrelaçada já descrita, em parte libertando-se a pessoa do passado, em parte olhando em direção ao futuro, de modo que os passos iniciais nas fronteiras do *Devachan* são dados enquanto muito do trabalho da alma está ainda preocupado, em *Kama Loka*, com o seu próprio legado passado de erro a ser retificado.

5

Em dada altura, perguntar-se-á inevitavelmente se existe algum equivalente à união sexual após a morte. A ideia pode parecer chocante para alguns; mas poderá esta reação representar meramente as noções possivelmente peculiares de cada um sobre as supostas exigências de decoro no "céu"? É claro que, se um homem anseia realmente pela expressão física do sexo, esta não será mais possível do que satisfazer um desejo ardente de álcool, pela razão muito simples de que ele já não possui um corpo físico. Os desejos de ordem física devem ficar por satisfazer. Mas e se um desejo for de outra natureza que não a física? O sexo é uma realidade de múltiplos níveis. Onde um homem ou uma mulher levou uma vida sem sexo, privada dele talvez por proibição religiosa, por falta de aventura, através de incapacidade física ou pela perda de um companheiro devido à guerra, o desejo emocional não realizado pode continuar lá. Tome-se o relato de T. E. Lawrence, de cujos sentimentos reprimidos e infelizes em relação às mulheres existe ampla evidência na sua vida terrena:

Não tenciono detalhar todas as minhas hesitações e dúvidas, nem a minha luta com a tibieza e as inibições de uma vida inteira. O monge e o puritano em mim eram muito fortes... Muita da minha relutância... abandonou-me quando a M. explicou as diferenças entre os relacionamentos sexuais aqui e os conhecidos na terra. Para os compreender, é necessário lembrar que houve uma mudança total na substância do corpo e que a base de todos os relacionamentos aqui é puramente emocional... Onde uma atração entre os sexos é sentida, trata-se de uma pura emoção de amor e o impulso é de aproximação e de partilha do calor e da beleza que se deseja.

A luxúria como tal é dificilmente possível neste plano. Se a união ocorre, trata-se de uma interdifusão dos dois corpos e de uma experiência estática e satisfatória, muito mais bela do que tudo o que se poderia experienciar num corpo terreno. Não se coloca a questão da procriação de filhos, pelo que todo o lado mais sórdido da relação sexual é desnecessário... Encontrei uma rapariga que me agradou e que foi suficientemente graciosa para aprovar a minha companhia... Nós dois temos caminhado felizes numa terra encantada, explorando os deleites de um companheirismo íntimo coroado pela magia da união... Sem tristeza, ambos começamos a sentir o início do inevitável afastamento e descobrimos que nenhum de nós tinha esperado um relacionamento permanente. Isto não trouxe qualquer desilusão, mas antes gratidão por uma experiência perfeita partilhada...

Somos capazes de nos separar sem arrependimentos ou qualquer outra coisa que não uma grande consideração e afeto um pelo outro... Assim, dissemos adeus um ao outro.[53]

A experiência de Lawrence possui seguramente o seu lado belo bem como o seu lado patético. Como se pode ver, está enraizada numa certa irrealidade; de facto, ao realizar a experiência, tanto Lawrence como a sua parceira verificaram que cada um não necessitava do verdadeiro eu do outro, mas necessitava principalmente de superar as suas próprias faltas e afastamentos anteriores.

Um comunicador, falando bastante cito após a morte, disse: "Os homens e as mulheres continuam a nutrir os mesmos sentimentos uns para com os outros que na terra, mas sem o impulso biológico." Como são então estes sentimentos satisfeitos em pessoas mais integradas do que Lawrence? É provável que existam muitos níveis, como diz a nossa testemunha seguinte, onde a comunhão toma uma forma mais subtil. Parece haver alguma relutância em contar-nos muito sobre o assunto, talvez pela impossibilidade de falar com precisão.

... O amor mútuo nas nossas regiões... é tão diferente das relações sexuais humanas... Sentimos o nosso amor mútuo com variados graus de intensidade e o grau maior é acompanhado por uma espécie de fusão temporária de um com o outro. É feito sempre em completa privacidade... é algo muito sagrado e inteiramente legítimo com um parceiro escolhido que seja de total afinidade, e deixa depois uma sensação de felicidade que nenhumas palavras conseguem exprimir. Tais uniões não são feitas para aumentar a população do Paraíso, mas são puramente expressões privadas de amor.[54]

A experiência de Lawrence foi de valor, mas ilusória ao ser projetada falsamente sobre uma parceira com quem o seu relacionamento era limitado. A experiência que acaba de ser citada difere, uma vez que o relacionamento é real. Seria prudente, contudo, dar lugar na imaginação de cada um para experiências posteriores e mais profundas entre o homem e a mulher.

Esta segunda experiência não é a última palavra. À semelhança de tudo o resto no Primeiro Céu, trata-se de uma realização da consciência terrena, mas apenas imperfeitamente alinhada por enquanto com a vida no Segundo e Terceiro Céus.

6

As descrições do Primeiro Céu e da Terra do Verão podem parecer, numa primeira leitura, muito semelhantes. Ambas falam de edifícios, de uma bela paisagem, do companheirismo de amigos. Os dois estados podem facilmente ser confundidos ao

lermos sobre eles. No entanto, a diferença é muito significativa; reside na qualidade de vida. Aqueles que se encontram no Primeiro Céu, como foi dito, estão cientes de uma vida mais intensa ao seu redor, a qual permeia a sua consciência e possui tanto uma qualidade de sustentação como de evocação. Uma descrição admiravelmente simples é dada ao Rev. Drayton Thomas pela sua irmã, Etta:

A forma e a cor no nosso mundo são idênticas à forma e à cor no vosso. O que considero tão difícil de vos descrever não é o aspeto das coisas, não é o ângulo de uma parede, as flores, as árvores, mas é O SENTIMENTO.

Ela repetiu essas duas palavras de forma muito lenta e impressionante, manifestando uma emoção intensa ao fazê-lo. Depois acrescentou:

Tu próprio sabes, Drayton, que há alturas na tua vida em que tens o sentimento que apenas consegues descrever como um sentido de alegria e elevação. Mas não consegues realmente descrevê-lo, pois não? E nunca dura muito tempo contigo, mas é um vislumbre do sentimento que nós temos durante todo o tempo... Não te consigo descrever este sentimento. É um sentimento diferente daquele que caracteriza a terra.[55]

O seu pai, o Rev. J. Drayton Thomas, adicionou um comentário:

Lembra-te de como, por vezes inesperadamente, és tocado por uma felicidade súbita, uma elevação, iluminação e esperança extraordinárias, e no entanto és incapaz de dizer aos outros porquê. Na realidade, estás nessa altura a pressentir a esperança oculta na vida; esse mundo que te está oculto é-te revelado, o olho da alma contempla aquilo que o olho físico não consegue ver. Agora, à medida que avançamos... percebemos cada vez mais a beleza, o amor e a esperança ocultos em todas as coisas. Não nos está tão oculto como a vós. A Etta e eu encontramo-nos num mundo maravilhoso.[56]

A "paisagem" é, como escreveu F. W. H. Myers:

... no estado para lá da ilusão... habitais num mundo que é o original da terra. Brevemente, a terra é uma cópia feia e manchada do mundo onde habita a alma subtil no seu corpo subtil.[57]

Ou, como W. T. Stead o descreve:

Vós estais agora, enquanto na terra, a fazer os vossos corpos para as vossas condições seguintes. Estes são construídos pelas vossas vidas presentes e pela qualidade dos vossos pensamentos. Este mundo em que me encontro há muito tempo já é a coisa mais próxima imaginável da vossa terra... Direis "Ah, então é apenas um reflexo do nosso mundo". Não é desse modo — a terra é que é apenas um reflexo deste mundo. A terra não é o mundo duradouro. É a escola de formação.[58]

Aqueles que se encontram no Primeiro Céu já se despojaram do suficiente do antigo peso da terra para serem capazes de utilizar as influências criativas ao seu redor. Estão a aprender durante todo o tempo, e a aprender com uma esperança segura e certa; a sua vida é uma vida que verdadeiramente vale a pena ser vivida; e quando verificam que o Primeiro Céu contém para eles aspetos purgativos também, são capazes de, gradualmente, saudar estes também como partes criativas da sua nova vida, tão necessárias para a sua expansão como os aspetos alegres. Numa palavra, aqueles que se encontram no Primeiro Céu desfrutam de um alargamento de horizontes que, exceto nos momentos mais breves e mais elevados, está para lá de tudo o que tinham sido capazes de experienciar na terra.

Além disso, apesar de e para lá dos momentos purgativos que ainda hão de vir a um nível mais profundo do que o que foi até agora encontrado, esta alegria é contínua; nada lha pode tirar, não pode desvanecer-se, porque a sua alma cresceu o suficiente para pertencer agora a estes começos de vida criativa.

As fontes externas de luta, dificuldade e limitação características da vida na terra foram, escusado será dizer, removidas nas fases anteriores da vida pós-morte — a gestão do corpo animal de cada um, o tempo passado a ganhar a vida e a sustentar-se, todo o efeito obstrutor da vida de barro, que opera

para o obscurecimento e entorpecimento da inteligência da alma, o efeito geral de se estar confinado como se fosse dentro de um fato de mergulhador.

Agora, no Primeiro Céu, a alma é capaz de exprimir a sua própria natureza de forma mais positiva e livre porque está a viver num mundo mais próximo da sua própria identidade real. Em vez da influência amortecedora da terra, a alma é banhada nesta atmosfera espiritualmente estimulante, com oportunidade constante de responder a toda a atividade de amor que se tece ao seu redor, o sentido da unidade de toda a vida, o sentido de viver num sol espiritual que está sempre a ser vertido ao redor de cada um e para o interior do seu próprio ser. Este é o lado *allegro* da vida no Primeiro Céu. O labor e o esforço necessários em toda a parte na terra continuam a ser exigidos, mas num modo mais refinado.

O pioneiro escala as montanhas da experiência com muito labor e esforço. Poderia dizer-vos que isto não é facilmente alcançado, tal como não o é no vosso mundo, porque tem de ser necessariamente através da aplicação, através da dedicação e através da experiência que os verdadeiros valores do avanço se podem dar a conhecer e fazer sentir.[59]

Assim como as estações da terra trazem crescimento e decadência, também no Primeiro Céu as forças espirituais que podem ser simbolicamente descritas como luz solar trazem crescimento à alma; e o elemento de decadência é representado por aquelas partes do seu próprio caráter que a alma gradualmente verifica já não ter utilidade para elas e que, como veremos, aprende a lançar para longe de si.

O viajante será chamado a enfrentar profundas mudanças no seu ser. Pelo nosso próprio dia da morte certamente não esperaremos ter alcançado soluções permanentes para os grandes enigmas da terra; nem, como vimos, tais soluções acontecem nos alcances iniciais das experiências pós-morte. O viajante está a ser preparado durante este tempo para uma metamorfose adicional que resultará numa aceleração no crescimento da sua estatura,

dando acesso a novos níveis de perceção. Um descarte adicional, desta vez da personalidade pós-morte, encontra-se pela frente.

Olharemos para algo do que isto acarreta.

CAPÍTULO 9
A SEGUNDA MORTE

1

Falámos do lado *allegro* da vida no Primeiro Céu. Agora é necessário falar do seu lado *penseroso*. O homem no Primeiro Céu continua a ter a necessidade de aprender tanto pela dor como pela alegria, mas a dor é de uma qualidade da alma, e a própria receção da mesma é banhada por um profundo sentido do crescimento que esta simultaneamente está a trazer consigo. Ao contrário de tanta dor na terra, que atinge aparentemente de forma tão dura, injusta ou por formas que não podem ser compreendidas, a dor no Primeiro Céu, embora muito real, possui um propósito espiritual que la alma compreende e que, portanto, mesmo enquanto o sofrimento está a ser suportado, ela considera consolador e elevador.

O homem que alcançou o Primeiro Céu sente-se ainda essencialmente o mesmo homem que estava na terra e que fez o seu caminho através do processo de julgamento. Ele passou por isto com um sentido de continuidade da sua própria personalidade. Agora tem de se preparar para se desenvencilhar por completo de uma grande parte deste eu familiar.

É o preço que necessita de pagar a fim de compreender partes mais profundas de si próprio para lá do seu conhecimento presente. É como um homem que até então viveu toda a sua vida numa divisão familiar, mas que deve agora abandonar essa divisão e ir para o exterior, onde deparará com uma paisagem maior de si próprio.

Como o processo de morrer dura! — Continuo a morrer; estou a despir-me continuamente de bainhas, e de cada vez percebo mais e sinto de forma diferente... A minha verdadeira vida começou agora; a condição de sonho terminou.[60]

2

A maioria das pessoas não considera difícil aceitar o deixar de lado o seu corpo aquando da morte. No fim do ciclo de vida normal, este tornou-se tantas vezes uma fonte de problemas e dificuldades; frequentemente, também, exprime nos seus males as limitações mentais e emocionais crescentes acumuladas durante a vida terrena e que formam agora uma incrustação ao redor do eu. É, contudo, uma questão diferente visualizar este processo adicional que o viajante deve enfrentar, a entrega e o falecimento do eu pessoal, porque se está a tornar impossível continuar a viver dentro das suas limitações. O viajante tem de encarar que este eu pessoal acabará por se tornar tão enfadonho quanto o corpo físico se tornou, ou teria vindo a tornar-se.

Ao início, a maioria de nós teme desprender-se da personalidade que continuamos a considerar como o nosso verdadeiro ser. No entanto, na realidade, esta constitui uma parte tão pequena de nós. O que se entende por "eu pessoal"? É a soma de todas as memórias do peregrino sobre as experiências, pensamentos e sentimentos que constituíam o seu sentido de si próprio como uma identidade particular durante a sua vida passada na terra, a qual continua a viver como a mesma pessoa familiar após a morte. Assim que o viajante deixa de se identificar com este aspeto de si próprio, até então considerado tão valioso, e gradualmente o vê como valendo na realidade muito pouco, liberta-se. Então já não teme abandonar este confinamento solitário imposto por si próprio.

Estranho que um ser humano prefira frequentemente permanecer por muito tempo apenas uma parte de si próprio, sem conhecer o resto, sem conhecer a liberdade de se entregar à força de Deus, à qual na verdade pertence. Esta é a natureza das experiências em direção às quais a sua alma tem agora de proceder.

Ele pode também ser retido por outras coisas que não os antigos caprichos da personalidade. As limitações são subtis e podem residir no interior daquilo que se acredita ser o próprio cerne das virtudes de cada um. Tais limitações podem exigir uma

energia considerável de consciência para serem superadas. Muitas pessoas penduram quadros nas paredes da sua divisão do eu, quadros de Deus e da natureza do universo. Alguns verificam que estes quadros são muito difíceis de abandonar.

Tomam frequentemente a forma de uma religião à qual se dedicou a melhor lealdade na terra. O católico continuará a sentir que a sua felicidade eterna depende de continuar a ser católico para lá da morte; e outros manter-se-ão de igual modo firmes nas suas próprias fés. Todas as fés são, na verdade, expressões do bem no homem, da vida da alma nele. Por essa razão exata, podem demorar mais tempo a ser superadas do que as limitações de caráter mais facilmente visíveis.

As palavras do Padre Tobe, que na terra tinha sido um sacerdote católico romano, sugerem os começos de um afrouxamento dos antigos dogmas e a primeira infiltração daquele sentido de uma unidade universal que está marcantemente presente em tantas afirmações desencarnadas. Mas, no essencial, ele encontra-se ainda ligado aos seus antigos termos católicos.

Deus é-nos conhecido de três formas. Ele é para nós Criador e Pai; ele é para nós Redentor e Salvador; e ele é o nosso Ajudante Interior. Notais que fecho quase todas as orações em nome do "Pai, do Filho e do Espírito Santo". Acredito na Trindade, não como um dogma absoluto, mas como a nossa compreensão humana do Deus Triúno unitário: Pai, Filho e Espírito Santo. Nunca falo desta Trindade como se existissem três centros de consciência, ou um Santo Padre tal como era grosseiramente concebido pelos politeísmos pagãos, pois a nossa única base racional para a religião é um monoteísmo ético.[61]

Os relatos desencarnados falam frequentemente de grupos, de coteries, de bandos, daqueles que são atraídos uns para os outros no Primeiro Céu por uma ligação comum de filiação religiosa na terra. Criam uma imagem daquilo que o céu é e estabelecem-na mentalmente ao seu redor. A existência de outros grupos e bandos semelhantes, cada um reivindicando certezas próprias, aponta claramente para a limitação essencial de cada um. Parte da sua

alma está a viver num conceito que é demasiado pequeno para a realidade; o amor e o medo conduziram-nos ali de igual modo. Pelo que os antigos padrões de pensamento religioso podem constituir barreiras contra o progresso, e a alma por um tempo pode dar-se por muito satisfeita por deixar que assim permaneça. Mas, com o continuar do viver, os ideais religiosos assim trazidos e preservados são gradualmente descartados; as pessoas abandonam a área espiritual onde tinham procurado a segurança pessoal. Da separação devem avançar para uma unidade mais nua com tudo o que vive, uma fraternidade no seio da misteriosa força criativa que tudo sustenta.

A fim de se preparar para este importante passo em frente um preço, como foi dito, tem de ser pago, uma entrega de muito daquilo que até agora tinha sido encarado como parte do próprio eu. O viajante retira-se profundamente para o seu íntimo a fim de desempenhar o seu papel em provocar a nova morte que o aguarda, a morte da personalidade. Ele lança-se sobre águas de abnegação. Antes que a alma possa avançar, diz Myers:

Ele deve primeiro sacudir, lançar de si qualquer dogma, qualquer perspetiva especial que tenha moldado a sua mentalidade, que a confine, de modo a que a sua visão seja limitada e as suas experiências sejam, portanto, também limitadas; a consciência da realidade ser-lhe-á assim retida.[62]

Myers passa a falar da segunda morte como "a quebra da imagem".

A imagem de que o viajante se está a desprender é a sua *persona* ou "máscara", que é o que a palavra "personalidade" significa. Agora ele tem de encontrar a sua individualidade — aquilo que é indiviso das realidades espirituais que se encontram ao seu redor sob uma forma ainda algo oculta. Até ao momento, a ação e o usufruto aparentemente altruístas continuavam a ser em parte realizados por amor de si próprio, ou talvez a fim de obter mérito.

A mão direita, por assim dizer, não está sempre ciente daquilo que a mão esquerda está realmente a fazer. Procurar

"medalhas no céu" é uma ilusão, pois implica que a personalidade separativa acolha uma recompensa para si própria. Todas as boas ações, sentimentos amáveis e intenções de espírito elevado de que agora desfruta podem ainda reter algo, se bem que não necessariamente uma grande dose, de natureza meretrícia; podem ser uma joia cravada em latão. Este elemento meretrício tem de ser eliminado. Mesmo em episódios de vida de outro modo satisfatórios permanecem elementos persistentes que necessitam de ser purgados.

Assim, este processo de afrouxamento acontece, um desapego gradual, um deslizar daquilo que até então tinha parecido ser a própria pessoa.

Aqueles que resistem às provações... passam para outra terra, completamente diferente e mais leve — e cada um se torna impessoal. Impessoal no sentido de que já não são o Jack Brown ou a Madge Black, são agora pessoas de puro espírito, e o seu antigo amor, que tinha sido uma coisa pessoal e individual, já não é para um só, mas igualmente para todos. Todos são iguais para todos. O mais puro tecido do Amor de Deus vincula tudo e todos.[1]

É fácil olhar para a segunda morte e temê-la como um sacrifício, e logicamente que assim é. Ao fazer frente ao sacrifício antes de este ser feito, é natural agarrar-se com anseio àquilo que tem de ser abandonado; na verdade, é por isso que não foi abandonado antes. No entanto, revela-se agora ter sido a própria coisa que retinha a pessoa. Sacrifício, afinal de contas, significa tornar sagrado, e sagrado significa "íntegro". Depois de o passo ter sido dado, a natureza de uma pessoa torna-se mais permeável; percebe e responde a uma santidade agora vista de forma mais clara em toda a vida ao seu redor, e gradualmente torna-se semelhante a ela. Outros seres, também, são capazes de gradualmente revelar ao novo aluno mais da sua própria natureza, simplesmente porque ele deu a si próprio agora a capacidade de ver e receber mais.

Como é natural, possuo consciência aqui, mas não é como a de tantos na terra, uma autoconsciência estreita. O antigo eu

pecador está perdido e esquecido numa grande humildade, que se absorve na consciência de Deus e dos outros, mas a pessoa não está obsidiada pelo eu.[2]

3

É uma experiência estupenda lançar fora esse eu pessoal, pois visto a partir do limiar trata-se em grande parte de um passo no escuro. No próprio ato de o lançar fora surge o processo transformador, a *metanoia*, a partir da qual um novo homem é criado. Em termos cristãos, é o processo de perder-se a si próprio a fim de se encontrar a si próprio. Assim, na segunda morte a pessoa retira a vida do seu antigo conceito local e agora indesejado de si própria. O que anteriormente parecia tão essencial é visto como não sendo mais do que a crisálida da qual a borboleta emergirá. Nas palavras de um professor desencarnado:

Os homens perderão todas as conchas de matéria indesejada acumuladas ao seu redor... de um tipo de alma... e tornar-se-ão uma companhia espiritual e bendita de irmãos.[3]

Arthur Conan Doyle, no prazo de três anos após ter deixado a terra — um tempo invulgarmente célere —, enviou este relato gráfico da segunda morte.

... essa Segunda Morte, uma experiência tão maravilhosa e no entanto tão terrível. Pois nesta vida agarramo-nos com todas as nossas forças ao — Eu... Por que não, quando parece desejável enriquecer essa personalidade com todo o tesouro que conseguimos reunir pelo labor da mão ou do cérebro... Não passamos nus para o astral, mas antes carregamos connosco muitos tesouros terrenos de conhecimento, força e orgulho pelas realizações.

E depois... coroa e clímax de todo o nosso esforço, vem a total renúncia — tal é a maravilha e o milagre da alma e do espírito humanos.

Renunciar ao conhecimento, ao poder, à realização, a tudo o que concorre para constituir o nosso eu pessoal de reivindicações e afirmações; renunciar à piedade de si próprio, ao egocentrismo,

à esperança de realização para si próprio; desnuar-se, tornar-se nada; restituir ao Dador de tudo... tudo o que se tem e se é.[4]

Não se segue que toda a gente tome exatamente a mesma rota para a segunda morte. Tal como com outros acontecimentos pós-morte, as pessoas deparam com a experiência à sua própria maneira e apenas quando estão prontas. É seguramente característico que Conan Doyle, com o seu temperamento extrovertido, vigoroso e de grande coração, abraçasse esta experiência com tão corajosa entrega. Outros temperamentos não a circundarão através de um salto decisivo e espetacular, mas de forma muito mais gradual. Para eles, pode surgir como um afrouxamento e um aligeiramento suave e constante do seu ser.

A sua mudança de consciência insinuar-se-á neles, tal como a aurora se insinua sobre uma nova paisagem. Muitos estarão cientes de uma ajuda considerável da parte de outros seres que já vivem de forma segura nestes níveis, os quais trazem o que pode ser encarado como um vertimento de luz, uma graça vinda de cima, a expressão altruísta de si mesmos a um nível mais elevado na hierarquia da consciência.

O peregrino é gradualmente ajudado a erguer-se em direção ao mesmo nível. É levado numa "viagem" que é na realidade uma viagem de consciência.

Não se consegue subir muito mais alto porque se perde a consciência. Acompanhado por alguém de maior desenvolvimento, consegue-se ir mais longe; mas, se se vai muito mais alto do que a própria perceção, surge um estado de sonho e nada se regista de forma clara. Fui levado a viajar desta maneira, para que pudesse compreender.

A perceção de cada um cresce à medida que se desenvolve — de forma bastante natural, tal como uma criança se torna adulta com o tempo. Cresce-se mental e espiritualmente.

O tempo não entra nisto como entra no crescimento físico, escusado será dizer. Algumas pessoas aqui mudam rapidamente e algumas quase não mudam nada. É o desejo de ir para a frente que conta.[5]

Frances Banks, ao descrever a sua experiência de mudança de consciência, conta como o sacerdote que tinha sido o seu confessor espiritual vinha frequentemente ter com ela após a sua morte, conversando com ela ao nível desta, mas noutras alturas — na sua descrição metafórica — ela é capacitada a visitá-lo na sua própria "casa" espiritual. Para fazer isto, necessita de ser temporariamente elevada ao nível dele. Verifica que consegue suportar este estado apenas por um curto espaço de tempo.

Se o sustentasse, ficaria completamente exausta, pelo que tem de regressar ao seu próprio terreno previamente merecido. Ela descreve isto de forma expressiva como uma sensação muitíssimo curiosa de "encolher de volta" para o seu eu quotidiano. O eu maior, em que se tornava enquanto em companheirismo espiritual com o seu antigo confessor, derrete-se e deixa-la. No entanto, escusado será dizer que com cada experiência desse tipo ela se torna capaz de a sustentar por mais tempo, até que gradualmente se tornará capaz de alcançar este estado como a sua consciência plena, da mesma forma que o seu confessor já o possui.

Na sequência da segunda morte, o peregrino vê que esta provoca uma capacidade mais profunda, da mesma forma para a alegria e para a dor, à medida que encara e absorve um conhecimento mais profundo do que até então sobre o que a sua identidade espiritual contém.

CAPÍTULO 10
O SEGUNDO CÉU
1

A segunda morte é o acontecimento através do qual se ganha acesso ao Segundo Céu e à consciência acrescida que este provoca. O trânsito é descrito da seguinte forma:

Não é separação... mas... um sentimento de completa serenidade e paz, sem preocupação com nada, ou perceção das pessoas ao teu redor... és sustentado por algo que é quase inidentificável, perdeste a tua própria identidade sem qualquer preocupação ou ansiedade com isso... Trata-se de uma verdadeira

libertação espiritual, e por um pouco não sabes realmente onde estás... Não há sentimento de aflição. É uma espécie de esquecimento, mas um esquecimento consciente.

Depois dás-te conta... daquilo que apenas posso descrever como uma reverberação harmónica ao teu redor, uma bela êxtase... Sentes este poder divino, estático e unificado com uma alegria tão indescritível que simplesmente não sabes o que te está a acontecer...[6]

No relato de F. W. H. Myers:

... a alma entra no inconsciente; e quando nasce na Quinta fase lançou de si certos atributos que eram seus quando ainda habitava a Imagem; pois a sua alma era, em parte, aquela Forma de Luz que agora descartou. ... há este lapso num aparente esquecimento, um quietismo de todos os processos, uma grande calma... Lentamente, contudo, a visão regressa. Aqui a alma parece pausar. ...[7]

Max Heindel escreve:

... A mudança é feita a partir do primeiro céu, que se encontra no Mundo do Desejo, para o segundo céu... Depois o homem deixa o seu corpo de desejo. Encontra-se perfeitamente consciente. Passa para uma grande quietude. Por enquanto, tudo parece desvanecer-se. Não consegue pensar. Nenhuma faculdade está viva, no entanto ele sabe que é. Tem o sentimento de se encontrar no "Grande Para Sempre"; de se encontrar totalmente sozinho, embora sem medo; e a sua alma está cheia de uma paz maravilhosa... Na ciência oculta isto é chamado "O Grande Silêncio". Depois vem o acordar. O espírito encontra-se agora no seu mundo natal — o céu.[8]

2

Até ao momento, o peregrino aprendeu a reajustar-se à experiência de continuar a viver após a morte, a encarar o julgamento e a abandonar a personalidade na qual viveu tão de perto na terra. Encontra-se agora pronto para transferir a sua consciência para a sua individualidade até então em grande parte desconhecida. Ficou bem ciente de que a viagem que tem vindo a

fazer provou realmente ser um trabalho de transmutação do seu antigo eu. Gradualmente chegou a ver os efeitos totais da sua última vida terrena, e lançou da sua mente e dos seus sentimentos as escórias em que se encontrava então imerso. O fruto dessa vida reside na essência que ele destilou das suas boas ações, e também da parte das escórias que lenta e fielmente transformou em virtude. Estes foram os frutos do trabalho do seu dia na vinha, e tornaram-se parte do seu eu permanente.

À medida que se sintoniza com a sua vida no Segundo Céu, o que descobre ele dentro da sua individualidade?

No quadro compósito da vida após a morte, um fator adicional e altamente importante começa agora a emergir. Gradualmente passa a ver-se que o quadro possui uma lógica imperiosa que aponta para a reencarnação. De facto, os relatos da vida após a morte, quando reunidos, não fazem realmente sentido sem ela. Pois agora o viajante descobre que a sua vida terrena recente não representa mais do que o capítulo mais recente de um livro, e que é altura de ele passar a conhecer os capítulos anteriores.

Tal como a essência da sua vida recente (distinta dos seus detalhes) ficou gravada na sua memória permanente, ou eu causal como é mais propriamente chamado, de uma forma semelhante encontra-se já gravada na sua individualidade a essência de muitas vidas anteriores, que contribuíram todas para fazer dele o que até ao momento é. Perceções e experiências aguardam-no, tanto alegres como o oposto, as quais demonstrarão conclusivamente que o padrão da reencarnação foi já tecido profundamente na sua vida e continuará a ser assim tecido. Ele move-se para níveis onde uma visão mais ampla é permitida, e confronta-se com um regresso gradual à memória de todas estas vidas terrenas, dos seus resultados umas sobre as outras e sobre a sua vida mais recente, e da identidade que usou através de todas elas, a história completa que a preocupação com o seu limitado eu pessoal recente em grande parte escondeu dele. Frances Banks chama a este processo "reunir-se à sua alma".

Ele depara-se agora face a face com o significado espiritual destes acontecimentos do seu longo passado e com a tarefa de transformar gradualmente as imperfeições ainda restantes que passa a ver que, ao longo de muitas vidas, distorceram e obscureceram continuamente a sua verdadeira forma espiritual.

Há alturas em que temos de ser postos à parte para nos submetermos a um retiro, a fim de compreendermos mais do nosso desenvolvimento... Durante este retiro, foi-me mostrada não apenas a minha vida terrena, mas todo o curso da minha evolução. ... Uma vez que se tenha conquistado e subido acima do pequeno eu, consegue-se passar pela provação... consegue-se aprender tanto com ela e no entanto não sentir dor, porque se vê como cada erro foi voltado em nossa vantagem apesar de nós próprios, pela luz da Divindade dentro de nós a trabalhar tanto quanto lhe permitíamos que o fizesse...

Somos capazes de ver a linha de ouro que persistiu através de tudo, e pensamos apenas nisso. Armazenamos na nossa aura todas as lições que pensamos que serão úteis no futuro intercurso com outras pessoas, ou em qualquer trabalho que nos possa ser dado para fazer...

Vi que, através de todo o curso da minha evolução, a comparação era a atitude de mente que tinha levado à minha ruína repetidas vezes, ou tinha enfraquecido o bem do trabalho que era capaz de fazer. Peço-te, nunca te permitas comparar: nunca penses para contigo, "por que me foi dado isto e a outro dado aquilo, qual foi a diferença?". Se pudesses ver, provavelmente dar-te-ias conta de que não havia diferença por baixo da superfície, tratava-se simplesmente de um caso de ajustar o dom para se enquadrar na tua evolução... o eu maior conhece a realidade por trás, é apenas o pequeno eu pessoal, a mente, que te faz comparar...

Vi que muitas vezes poderia ter desenvolvido vários dons que me pareciam mais fáceis de usar e mais adequados ao trabalho que estava a fazer do que aquele que tinha desenvolvido; mas a Divindade interior... viu que era para meu bem desenvolver um

dom que me pudesse parecer inferior. Vi até que, por vezes, quando tinha desenvolvido um dom e corria o risco de me orgulhar do meu sucesso e tomar demasiado para mim, o dom era velado...

Foi interessante ver a mesma tentação a ser enfrentada ronda após ronda: e ver que, se tinha conquistado numa ronda, a tentação não era colocada tão diretamente no meu caminho na ronda seguinte, ou tomava uma forma mais subtil, e eu poderia portanto ter sucumbido a ela. Se sucumbia, verificava que na ronda seguinte essa tentação me assaltava por todos os lados, e tinha de a retificar quase para salvar a minha vida, portanto era forçado a superá-la — uma forma de educação muito drástica e eficaz. Vi isso claramente, ao longo de toda a minha evolução, mas também vi que nunca fui confrontado com a tentação dessa maneira muito severa até ter chegado a uma certa compreensão do Poder que estava em mim e assim saber que, dentro de mim, possuía a força para superar, se escolhesse... Conseguia ver como mantive a mesma atitude de mente ao longo de toda a minha evolução, começando pela comparação, que alimenta sempre o eu menor e habitualmente fortalece a vontade de si próprio.[9]

Chega ao peregrino também um plano detalhado da nova vida a que se deve submeter na terra. Ele estuda a parte seguinte do caminho ao longo do qual deve viajar. Este plano detalhado não será, escusado será dizer, punitivo, embora inclua muito que é regenerador em propósito: indicará um curso fundamentalmente harmonioso para o seu eu causal, por mais difíceis que alguns episódios vindouros se revelem. Ele examinará muito de perto o seu equipamento de caráter e resolverá a melhor forma de tentar utilizar as oportunidades que lhe serão apresentadas.

3

Talvez a mudança mais importante que se operou em mim no período desde que deixei la terra seja o aprofundamento da realização e confirmação da vida serializada que todos levamos... Há um fio condutor definitivo. Encontram-se velhos amigos, companheiros provados e antigos Professores. A partir de

conversas e comunhões com eles, e através do escutar das suas histórias, as porções em falta da própria experiência regressam à memória, e o padrão constrói-se de novo. Não que o padrão da vida continuada estivesse alguma vez completamente perdido. Como ator principal no meu drama particular, tinha-me tornado, por assim dizer, tão imerso no último ato ou capítulo que os incidentes, tragédias, lições das cenas anteriores tinham tendido a tornar-se enevoados. Mas agora estou a começar, lenta e laboriosamente, a juntar estas cenas num todo, num esforço serializado de viver.

Muitos dos incidentes que foram despertados de volta na minha memória pelo confronto dos seus coatores há muito obscurecidos na minha consciência surgem como um choque para mim. Teria sido assim que pensei, falei, agi? Que grande semelhança existe em todos os atos, e no entanto quão diferentes! A Essência é estável e serena; a *persona* mutável e elusiva. À medida que medito sobre algum clarão de memória, alguma conta na cadeia de experiências quer neste plano, no plano da terra ou noutro plano qualquer, o Plano desdobra-se, apenas parcialmente, escusado será dizer, perante o meu olhar fascinado.

Deixei passar esta grande oportunidade? Respondi de uma forma tão pueril? Não tinha aprendido a escutar aqueles clarões vagos de memória que me falavam de tempos a tempos durante todas as experiências que o pensamento "separatista" tantas vezes transformou em escapadas? Teria eu afundado tanto na matéria que me tinha esquecido de lições já aprendidas, de filosofias tantas vezes estabelecidas como Reais para a minha mente? Verdadeiramente devo ter-me esquecido. As comparações enchem-me de desânimo.[10]

Uma boa dose desta revisão, como Frances Banks assim verificou, é castigadora, entristecedora e até trágica. Traz consigo, contudo, um belo fator que oferece uma consolação muito grande. Pois estes acontecimentos não tiveram lugar em isolamento espiritual; nestas vidas passadas muitos episódios significativos

foram partilhados por outros seres que o peregrino descobre agora serem os seus companheiros íntimos e de longo prazo.

Ao longo de muitos anos e de muitas vidas, partilhou trabalhos e triunfos com eles. Num sentido profundo, são os seus irmãos e irmãs, os seus companheiros do espírito, e permanecerão sempre assim. A sua tarefa já não é uma tarefa pela qual ele seja unicamente responsável; à medida que os horizontes se elevam, ele vê que faz realmente parte de uma tarefa mais grandiosa, uma tarefa de grupo partilhada entre si e estes outros. Este grupo, diz Myers, pode consistir de poucos ou de muitíssimos indivíduos. O destino deles está interligado no cumprimento da tarefa de grupo. O companheirismo e o amor no seio do grupo são muito grandes.

Como resultado deste quadro alargado, ele é provável que descubra também que, por entre as personalidades da terra com quem deparou na sua vida mais recente, uma ou duas provarão agora ser estes verdadeiros companheiros de outrora pertencentes ao grupo. À medida que os reencontra e reconhece de forma mais completa, sente que se está a mover em direção ao seu verdadeiro lar espiritual. Passa também a saber que a palavra "alma" possui um significado mais amplo. O grupo como um todo é, num sentido real, ele próprio também uma alma, uma alma de grupo, e ele é em toda a verdade parte desta alma. O vínculo, o propósito comum, não será todo visto num clarão. Esta nova e importantíssima revisão a que se está a dedicar será realizada gradualmente, até que as várias partes sejam reunidas e constituam um todo.

Ele está também a passar a saber a sua parte na tarefa comum do grupo. Viu todas as suas próprias realizações e fracassos. Pode perspetivar um futuro altamente dotado de propósito. Pode viver cada vez mais na sua própria natureza adequada, ter a alegria de a reconhecer e a dor de saber onde a negou. Este período de reconhecimento de si próprio, da sua tarefa e dos seus companheiros será, escusado será dizer, acompanhado por muita ação também no mundo de consciência ao seu redor. Não poderia ter alcançado os começos da integridade espiritual sem ter

aprendido e muitas vezes praticado a lei do serviço, a qual declara que tudo o que é recebido deve voluntariamente ser pago por um ato correspondente de serviço altruísta a alguém que dele necessite.

As fases iniciais de vinculação a um grupo são propensas a ser lentas. Os seus membros não serão todos reconhecidos como tal imediatamente. Alguns podem simplesmente parecer associados congéneres e necessários na execução de tarefas de serviço que o peregrino vê claramente que não consegue realizar sozinho. Se tem de ajudar outros que lutam com os mesmos problemas e ilusões que anteriormente o perturbavam, verifica que necessita de recorrer à sabedoria e experiência maiores dos seus companheiros; pois aqui ele continua a ser algo como um aprendiz.

Necessitará dela ainda mais à medida que se expande em direção a partes de si próprio que até há pouco residiam fora do seu alcance. Necessita da ajuda deles para desvelar e trazer a público o ideal que reside no seu próprio íntimo, pois este é um guia para a realidade pela qual procura e que constituirá também a nota-chave do grupo.

"A imaginação", escreveu Keats, "é como o sonho de Adão: ele acordou e verificou que era verdade." O peregrino está agora a experienciar tal revelação. É como um homem que acorda gradualmente de uma anestesia. Pauchard descreve a sua expansão quando deparou pela primeira vez com o seu eu mais cheio:

Primeiro vi Albert Pauchard... tal como se estivesse fora de mim... dei-me conta de que o "Eu" que estava a observar assim não era "Albert Pauchard".

Nesse instante reconheci gradualmente quem eu era. Não vi este "Eu" real, mas dei-me conta dele através de um calor interior que continuava a intensificar-se e a aumentar em luz. ...

Era como se do fundo do meu ser uma luz vivificante começasse a jorrar e a brilhar numa esfera sempre mais ampla! ... Tudo isto foi acompanhado por um sentimento de indescritível

alegria, felicidade e saúde... Compreendi então que a nossa "personalidade" é apenas a "sombra" do nosso "Eu". Uma "sombra" que se move sempre em direção à perfeição — através das vidas na terra e das vidas no céu — e que se forma de acordo com o contorno daquele que lhe tinha dado existência. O contorno do "Eu" real.[11]

Este eu superior ou causal contém a soma das suas experiências em encarnações na terra e mais além; e, de igual modo, inclui as sementes, há muito planeadas e implantadas no seu íntimo, de tarefas e realizações para o futuro. Ele continua a ter um caminho infinitamente longo por viajar.

À medida que começa a compreender a essência interior da sua vida recente — como consegue, agora que afrouxou o seu apego a todos os seus detalhes externos —, passa a ver como esta se relacionava com sucessos e fracassos em vidas anteriores na terra — os seus anteriores "dias" de experiência — e começa a assumir sobre si o fardo de um conhecimento mais cheio do caminho pela frente. Vê que outros no grupo estão dependentes, para o cumprimento da tarefa comum do grupo, dos seus esforços, tal como ele está dos deles. O sucesso e o fracasso ocorrem individualmente, mas o seu real significado reside no seio de um contexto de grupo.

À medida que olha, dar-se-á conta de que muitas vezes o padrão ficou enredado; de várias formas membros do grupo, enquanto na terra, falharam uns aos outros, estorvaram os propósitos mútuos, tal como noutras alturas enriqueceram, sustentaram e fortificaram uns aos outros. À medida que tudo isto se desenrola perante os seus olhos, o seu conhecimento de si próprio expande-se para o seu contexto mais cheio. O destino do grupo é o seu destino e ele é engrandecido por pertencer a ele.

Ele tornar-se-á profundamente preocupado em restabelecer as suas muitas ligações, forjadas muitas vezes dolorosamente, por vezes com amor, por vezes, por um curto espaço de tempo, através de aparente ódio, com membros do seu grupo. Contudo, o sofrimento trazido por estas memórias de fracassos em vidas

anteriores fornece também o estímulo que lhe permitirá superar e eventualmente obliterar as marcas que estes deixaram na sua alma.

4

Não existe nada de exclusivo nos seus relacionamentos com aqueles a quem se encontra assim intimamente vinculado em companheirismo espiritual ao longo do passado e para o futuro; a essência destes é que os homens e as mulheres estão espiritualmente relacionados de uma forma interior com uma série de outros seres. Aqui não há qualquer espaço possível para o ciúme. Ao encontrar o seu grupo a pessoa encontrou, portanto, "o seu lar" num sentido muito mais profundo do que no Primeiro Céu. Encontrou a sua vocação; encontrou-se a si própria. Todos os conceitos reais do viver desencarnado apenas podem ser compreendidos em termos de uma unificação crescente, de uma vida que é cada vez menos separatista.

Não sabemos até que ponto, pela vida desencarnada adiante, os homens e as mulheres continuarão a experienciar uma fusão íntima uns nos outros, por mais refinada que seja a sua forma. Como vimos, isto pode ser experienciado ao nível da alma, em parte pelo menos, nas fases posteriores da consciência do primeiro céu. Persistirá o conceito da afinidade, da alma gémea — um conceito caro a muitíssimos na terra — durante e após o reunir-se à alma de grupo, ou será por essa altura descartado?

As tradições ocultas afirmam que a alma é realmente hermafrodita, e que num tempo muito recuado cada alma se dividiu em duas partes, masculina e feminina, as quais acabarão eventualmente por ser reabsorvidas uma na outra, num tempo igualmente muito distante no futuro. Certamente que isto toca o coração humano com um apelo profundo.

Quando procura a sua alma gémea, a sua metade em falta e não realizada, sob outro aspeto a alma individual está na realidade a procurar o seu próprio eu causal, cuja reconquista a coloca para lá da fome pelo "outro", conferindo-lhe uma espécie de completude no seu próprio íntimo. Ou a alegria do eu a

contemplar o outro — mesmo que no céu não exista casar nem dar-se em casamento — pode ser de alguma forma um reflexo verdadeiro da alegria de Deus ao criar um universo que é diferente de Si mesmo, e que no entanto é também Ele próprio. O mistério resolver-se-á no fim. Entretanto, tem de bastar dizer apenas que, sob alguma forma, os homens e as mulheres continuarão após a morte a partilhar o seu deleite mútuo enquanto isso for apropriado aos níveis em mudança de consciência nos quais se encontram a funcionar.

5

Com a expansão da consciência, surge uma mudança de forma externa. Gradualmente esta torna-se menos fixa e mais flexível; o contorno corporal etérico do peregrino já não tem a necessidade de se identificar com uma forma externa definida. Ao perder a sua firmeza de contorno, passa a ser capaz de irradiar e exprimir mais prontamente todas as variadas partes responsivas e interiores da sua natureza que constituem agora o tecido da vida do peregrino.

O homem torna-se, por assim dizer, revestido de si próprio, exprimindo perfeitamente cada qualidade que verdadeiramente tornou sua. A sua aura é agora o seu "entorno", uma forma pulsante e mutável de muitas cores, exprimindo de forma muito mais perfeita do que o poderia fazer qualquer forma corporal fixa os seus relacionamentos vivos com todos os seres que encontra, juntamente com os seus sentimentos de reverência e adoração, que são a sua resposta profunda à beleza e verdade do universo ao seu redor.

Nesta aura conseguem detetar-se tonalidades delicadas e vívidas de coloração, crescendo e diminuindo em resposta a tudo o que encontra, permanecendo o rosto como o principal órgão de expressão da bela individualidade interior. Esta é a transformação externa, de crescimento lento, que responde ao crescimento e refinamento da natureza interna.

Aqui toda a gente está revestida da sua própria luz e seria impossível copiar o vosso espírito companheiro, visto que a veste

dele é o resultado da sua alma. Nenhuma veste terrena pode possuir a variedade de cada espírito... pois as suas cores, que são as suas roupas, cintilam... de acordo com o desenvolvimento dos... [seus] sentimentos.[1]

Numa fase posterior, à medida que os seres avançam ainda mais, aprofundando, alargando e perdendo-se na grandeza do todo, aparecem mais como uma presença do que como uma forma, comunicando por pensamento e sentimento que se traduzem instantânea e precisamente para o seu destinatário. Mas esta presença pode ainda ser condensada temporariamente numa forma semelhante ao seu antigo eu quando isso for apropriado a fim de confrontar aqueles que se encontram em níveis inferiores ao seu.

Esta tentativa de descrever o indescritível pode pelo menos lançar um pouco de luz sobre a natureza de certos encontros que são agora propensos a colocar-se perante o peregrino. Associadas a este período de transferência gradual da perceção, afastando-se do pessoal para o eu maior, encontram-se certas experiências de topo que surgem de um encontro com um ser avançado. Isto, por si só, consegue trazer uma expansão imediata de horizonte. Surgirá numa altura em que melhor trará uma aceleração e iluminação, conferindo uma energia para dar passos adicionais em frente.

Pauchard descreve dois desses encontros de topo, o primeiro mais imediatamente pessoal, o segundo mais profundo e impessoal.

... Instintivamente ergui os olhos — e ali encontraram-se e contemplaram os olhos mais radiantes que se possa imaginar! Um belo sorriso, tão infinitamente bom, reanimou todo o meu ser. ...

Aqueles eram os olhos daquele que representa, para cada um de nós, o Pai Celestial... O Pai Celestial aparece sempre que chega o momento — a cada um de nós — sob a forma do nosso próprio ideal mais elevado. Com muitas pessoas esta forma é a de Cristo, tal como Ele tem sido geralmente representado pelos artistas. ...[2]

Muitos relatos descrevem um encontro com o Cristo, alguns deles em fases muito precoces da vida desencarnada. A maioria dos cristãos ortodoxos, antes da sua morte, espera e anseia por tal encontro. Sem qualquer desejo de todo de ofender ou magoar aqueles que possuem crenças profundamente perfilhadas e acalentadas, tem de ser afirmado que uma avaliação realista aponta para uma identificação incorreta em muitos destes encontros com a figura de Cristo.

Poderia muito facilmente acontecer que um guia ou professor próximo seja, devido ao seu brilho, tomado por Jesus. Necessita de não ser mais do que o Seu mensageiro, ou um ser, como diz Pauchard, que é visto na forma que representa o ideal mais elevado do observador. O encontro pode ser com aquele que se encontra à cabeça do grupo espiritual com o qual o observador está vinculado na sua natureza essencial. Importará realmente que o tão ansiado encontro seja adiado? Afinal de contas, há uma infinitude pela frente na qual este pode eventualmente ter lugar.

Qualquer que possa ser a situação, ou situações, nesta matéria delicada, não pode haver ofensa em sugerir, por mais profundamente sincero que seja o narrador, que é possível mais do que uma explicação. Talvez isto lance luz, por exemplo, sobre a forma como Sally, a filha de Rosamund Lehmann, experienciou o seu encontro com a sua figura ideal:

Quando me encontrei na presença consciente de Cristo, senti-me... como se tivesse sido passada sem dor pela máquina de picar carne e reconstituída numa Sally melhor e mais sã. Tudo o que Cristo tocou é tão sensato... O êxtase, o frémito e a alegria da Sua presença estavam lá, escusado será dizer; mas para equilibrar tudo isso havia um raio de sensibilidade profundamente prático.[3]

A segunda experiência de topo de Pauchard foi o seu encontro, juntamente com uma companhia de outros, com alguém a quem ele chama um Despertador:

Encontrei o Grande Velho... Quando estamos perante Ele, parece que a flor da nossa alma se expande sob os raios de sol...

cada um sente o calor da Sua presença penetrar até às fibras mais íntimas do seu ser. Uma luz nasce dentro de nós...

Ele não age — Ele é! Parece estar absorvido em Si mesmo e não ver nada nem ninguém. E no entanto — estranha contradição — cada um sente um contacto direto com Ele — e a Sua mera presença faz com que as sementes de sabedoria, amor e bondade que residiam no coração de toda a gente cresçam e se desenvolvam por si mesmas, tal como as sementes na terra sob o primeiro calor do sol na primavera.

A beleza e a grandeza desta Figura estão para lá de descrição. Ele... dá a impressão de ser uma Rocha e um Sol ao mesmo tempo: a impressão de algo inabalável e eterno. É uma visão que dura apenas um momento, mas de um efeito duradouro. Depois disso a pessoa já não é a mesma. É como se de uma criança tivesse crescido para a maturidade.[4]

A experiência de Frances Banks surgiu enquanto ela realizava a revisão das suas antigas encarnações:

Tive a maravilhosa iluminação de ser transportada pelo pensamento, temporariamente para... onde estive em contacto com uma grande Alma... uma da Companhia Divina... Compreendi em silêncio tudo o que Ele me estava a comunicar. Foi como se as minhas viagens se desenrolassem perante mim... estava... por vezes alegre, triste, orgulhosa e envergonhada. No entanto, Ele nunca proferiu uma palavra de censura... "Eu sou, eu era, eu sempre serei", recordo-me de pensar.

Como se em resposta, vi-O — em clarões — tal como era quando O tinha contactado nos meus vários estados de Ser, pois ele tinha desempenhado um papel em muitas experiências e sempre como o Irmão, o Mentor, o Inspirador. "E eu não O conhecia", pensei com tristeza. "Não Me lembrava d'Ele." Enquanto olhava, o Seu Rosto era o Rosto do Amor infinito e sem limites. No meu "ouvido" interno resou... "Nem eu te condeno." ... Fui banhada por uma nova alegria, uma grande esperança e uma profunda força de consciência. Fiquei tão comovida que me descobri a chorar interiormente.[5]

Tais experiências profundas e significativas são marcos no progresso espiritual individual. Depois delas o peregrino não consegue ser o mesmo; cresceu e aprofundou-se, e passou a reconhecer que no seu ser está essencialmente indiviso daqueles que são os seus pares, e do fluxo de luz espiritual vindo de seres mais elevados por quem é sustentado.

Poderá toda a gente, então, esperar tal encontro após a sua vida terrena? Talvez não necessariamente. Porque, sendo experiências de topo, apenas podem acontecer quando a alma se encontra madura para as receber. Alguns podem não alcançar esta madureza entre uma encarnação e a seguinte, e regressarão primeiro à terra novamente para uma purificação adicional. Depois, após esta purificação, gravitarão inevitavelmente em direção a tal experiência. Entretanto, esta não lhes foi retirada ou negada, mas apenas adiada. Encontra-se à espera deles.

Quanto mais tentamos, por especulação interior, compreender um pouco dos mundos mais profundos para lá da morte, mais difícil se torna mantermos as nossas referências. Mais uma vez tem de ser dito que o perigo é sempre criar divisões e distinções que representam pouco mais do que limitações de conceptualização.

O crescimento espiritual, tal como o crescimento da natureza, acontece no seu próprio ritmo, e as antigas limitações derretem-se à medida que um homem se descobre a crescer em direção a conceitos maiores de ser. Ele engrandece-se à medida que a vida se engrandece ao seu redor.

Quando se fala do Primeiro, Segundo e Terceiro Céus, de purgações anteriores e posteriores, ou da alma de grupo, continua a ser muito difícil evitar analisar a vida após a morte como se se tratasse de reinos diferentes. Está-se a dar nomes a aspetos da consciência como se fossem áreas separadas de viver e a ignorar os elos interiores pelos quais, por assim dizer, passam para e através uns dos outros, e que qualquer homem encontra assim que é capaz de expandir o seu ser suficientemente. Os professores desencarnados atuais preferem falar menos de esferas e regiões, e

mais em termos de uma fusão, de um aprofundamento da consciência, de um processo de crescimento orgânico, embora multifacetado.

Quer se encontre na terra, quer na Terra do Verão, quer nos céus, e quer esteja ciente ou completamente inconsciente disso, cada homem é retido no seio da consciência de outros seres que estão preocupados com a sua perceção espiritual, e com quem partilha exatamente tanto, ou tão pouco, quanto o seu próprio crescimento de ser permite. A preocupação espiritual amorosa flui através das coortes da humanidade como o sangue flui através de e nutre o corpo inteiro de um único homem. Ele já pertence a tudo o que está ao seu redor e para lá de si, para o qual os seus olhos se encontram fechados até que ele próprio esteja pronto para os abrir.

Portanto, estas áreas ou reinos que, devido a limitações e incoerências de palavras e pensamentos têm de ser descritos separadamente, formam na realidade um padrão único no seio da existência, uma veste sem costuras da perceção humana a desdobrar-se.

CAPÍTULO 11
A ALMA DE GRUPO
1

Ao tentar visualizar a vida após a segunda morte, quando os homens e as mulheres vivem cada vez mais como parte de uma alma de grupo, pode-se ainda frequentemente ser apanhado a pensar em termos de um caminho pessoal na vida da alma, pensando de volta em conceitos que o viajante terá na realidade descartado. Em vez de um caminho pessoal, ele está a aprender a pensar em termos de dar, no seio da condição de membro do grupo, uma contribuição infinitamente pequena no processo total do avanço da humanidade. As qualidades necessárias para se qualificar, não para a admissão no seu grupo, visto que a pessoa já se encontra essencialmente no seu seio, mas para o reconhecimento de e participação consciente no seu trabalho,

envolvem um elevado grau de negação do eu e do interesse de si próprio.

Sem dúvida que estas qualidades constituem uma página no passaporte necessário. Apenas a tal nível se torna possível o mais pleno apoio espiritual mútuo entre os membros do grupo, distinto de um companheirismo diferente, querido e íntimo, mas pessoal.

... Encontro os meus colegas de trabalho... Decidimos eventualmente um plano de ação, tal como faríeis na terra. Por vezes sentimos que há alguma direção ou conselho que é necessário a fim de sabermos a melhor forma de proceder; nesse caso abrimos as nossas mentes; por outras palavras, todos por acordo permanecemos silenciosos e recetivos... agora considero-me capaz de me abrir com facilidade à inspiração...

A mensagem chega — todos respondemos a ela — estamos reunidos com uma só mente, uma só ideia... quando a chamada vem, não vem sob a forma de uma voz ou de um sino a tocar. É uma chamada mental. Um, ou dois, ou três, ou quatro podem ouvi-la primeiro, antes dos outros, de acordo com o grau da sua recetividade. Erguemo-nos coletivamente, e aqueles de nós que já visitaram os planos mais elevados estendem a mão a quaisquer pessoas que não o tenham feito, tal como poderíeis estender a vossa mão a fim de ajudar estranhos ao longo de um caminho ou escada difícil a que não estivessem habituados.

Não há qualquer sentimento de perigo ou de estranheza nisso — nenhum, seja qual for; mas descobrimo-nos a ascender, o sentimento é de ascensão... Myers disse-me que era um estender para fora, um viajar para fora mais do que para cima... À medida que se viaja para fora, fica-se ciente da atmosfera diferente. Isso não vos consigo explicar bem. É uma atmosfera na qual os detalhes das redondezas de cada um não parecem tão importantes. ... E fica-se ciente da unidade das coisas — o infinito; à medida que se viaja para longe dos planos da vida finita, das ambições finitas, da imaginação finita, torna-se mais consciente do amor infinito, do poder e compreensão infinitos e, acima de tudo, fica-

se absolutamente consciente de que tudo está a funcionar em direção ao bem supremo de toda a gente.[6]

Um fator essencial reside em reconhecer que, ao entregar-se a esta reciprocidade, a pessoa se torna mais, e não menos do que antes. A condição de membro consciente da alma de grupo conduz ao engrandecimento do ser, e esta condição de membro deve ser concebida como parte do próprio significado de si próprio. Como um professor desencarnado colocou perante um grupo que tinha reunido na terra: "Sou parte de vós próprios; estar comigo será uma satisfação requintada."

Várias vezes aparece em diferentes imagens da vida pós-morte que o conhecimento espiritual não é uma coisa abstrata primariamente aprendida a partir de um livro ou ensinada através dele, mas brota de uma qualidade de reconhecimento através da transmissão e participação de uma pessoa para outra. Tal transmissão não se faz por pregação, menos ainda por interferência, mas simplesmente por se ser o próprio aspeto da verdade da pessoa, o qual depois se irradia para os outros.

Um grupo é propenso a ser o destinatário, guardião e meio de expressão de uma verdade da qual cada membro detém, e é capaz de exprimir, uma faceta, e que finalmente apenas será detida de forma plena e completa pelo grupo quando a funcionar como um todo com o seu líder espiritual, a força inspiradora por trás dele. Assim, o ser total de uma alma de grupo exprimirá uma verdade espiritual que é irradiada em muitas direções pelos membros do grupo, tal como um diamante faz fulgurar as suas facetas por todos os lados.

Cada grupo é único e, no entanto, em harmonia com outros grupos, embora sem dúvida diferindo na tonalidade de cor da sua intenção e propósito. Desta forma, o símbolo do diamante pode ser ainda mais alargado, pois cada faceta individual representaria agora uma alma de grupo completa em si mesma. Tudo o que se consiga escrever peca necessariamente por limitação. Um grupo possuirá uma contribuição espiritual particular que, com a ajuda

de todos os seus membros e ao longo de um período de tempo considerável, plantará sobre a terra e ajudará a estabelecer ali.

Quanto mais longe se vai para fora ou para cima, mais... a pessoa se aproxima ou se aproxima mais da fonte infinita de todo o bem. Alcançamos aquilo a que se poderia chamar outra margem — sim, chamar-lhe-ei isso — aparece-me sempre como sendo outra margem. À medida que a alcançamos, estamos conscientes da aproximação de outros seres que se apressam a acolher-nos. Sabem que ouvimos a sua chamada. Um sentimento curioso chega até nós à medida que eles se aproximam, um sentimento de poder adicionado, de inteligência aguçada, de maior esperança, de maior coragem chega até nós como o primeiro toque de um vento estimulante que sopra subitamente de um novo quadrante. Quem quer que estas pessoas possam ser não importa de momento, mas são aquelas que passaram por uma esfera e depois por outra durante muitos séculos de tempo tal como o conheceis. São os professores, os filósofos, os santos do passado. Os seus nomes não são propalados como os nomes de pessoas famosas na terra; a pessoa sente simplesmente "este é um grande homem, ele traz consigo poder, um grande conhecimento". ...

É-nos mostrada a harmonia e a beleza deste plano mais elevado, algo para o qual não estamos prontos ainda, mas que nos dá maior promessa de alegria vindoura, que podemos levar de volta connosco para o nosso próprio plano, e que nos estimula a preparações adicionais para nós próprios e para vós.[7]

Assim, a alma de grupo de que Myers faz parte pode ter, como uma das suas tarefas, a de estabelecer em mentes sobre a terra a ideia da própria alma de grupo, para que esta se torne gradualmente uma parte da compreensão criativa de muitas pessoas.

Uma das complexidades que nos põem à prova é até que ponto e de que forma os membros individuais de um grupo estão relacionados com o seu espírito central ou líder. Myers, se a sua ideia se filtrou até nós corretamente através do seu sensitivo,

subentende que todos dentro do grupo estão "contidos" no seio do único espírito.

Myers passa a referir-se ao grupo como "Esta fraternidade no seio do único ser". Novamente isto subentende que toda a luta de um homem em direção à perfeição não é para si próprio. Ganha imensamente força por ser realizada em nome da unidade que está dentro do grupo, e é o grupo. Aqui um fator novo, um tanto estranho, entra em cena: o de que a experiência, o fruto das vidas de outros membros do grupo está, num modo difícil de compreender, disponível para ele também; não apenas em termos de companheirismo partilhado, mas para ser absorvido e utilizado como se fosse a sua própria experiência.

À primeira vista, poderia parecer injusto ser-se capaz de reivindicar a vantagem espiritual de experiências que outra pessoa realizou. Mas será isto realmente um egoísmo dissimulado, baseado num sentido de posse? A posse é a própria coisa que é dominada dentro do relacionamento de grupo. Afinal de contas, ao nível quotidiano, não sentimos qualquer escrúpulo em usar as estradas e muralhas, campos e edifícios criados pelo suor dos nossos antepassados. No grupo poderia ser irrelevante quais os membros que conquistaram certas experiências. Uma vez absorvidas, pertencem ao grupo como um todo. Assim, poderia haver uma sobreposição e um entrelaçamento mútuo, uma partilha da essência de várias experiências.

Rosamond Lehmann, após a trágica morte precoce de uma filha com quem sentia a mais estreita das filiações, escreveu sobre a:

... Extraordinária fusão de mim própria e dela que ocorreu de forma bastante independente da minha vontade diretamente após a sua morte. Nunca fui capaz de a descrever e não consigo agora, exceto que senti que um grande Mais invisível tinha sido adicionado a mim! — invisível, intangível, mas absolutamente sólido... vi a partir de então quão incompleta me tinha sentido antes de ela nascer.[8]

Os leitores de *Candles in the Sun* lembrar-se-ão de que aquilo a que melhor se pode chamar um acesso pareceu alcançar Krishnamurti pouco depois da morte, no início da idade adulta, de um irmão ao qual sentia uma ligação muito estreita. É como se ele agora descobrisse dentro de si um estado de ser mais amplo, do qual o seu irmão fazia parte. Especula-se que experiências terrenas como estas, sentidas como um privilégio grande e enriquecedor, prefiguram apenas num grau limitado a plenitude que os comunicadores nos dizem que será descoberta mais tarde por todos dentro de um grupo.

O egoísmo morre com dificuldade. As relações grupais, ao início, parecem muito bem, com os outros membros do grupo convenientemente dispostos ao redor de nós próprios. Obviamente, não é nada assim. O eu passa a reconhecer que é menos si mesmo quando está só, e mais si mesmo — apenas real e verdadeiramente si mesmo — quando está a operar como parte desta equipa. As mentes e os sentimentos dos outros membros do grupo estão abertos uns aos outros através de uma interpenetração telepática. Embora cada um retenha o direito à sua própria privacidade, há pouca dúvida de que a partilha se torna mais importante do que a privacidade. Frances Banks, ao falar de «voltar a casa» para o seu grupo, reconheceu que, quando separada dele ou dele afastada, tinha sido um eu menor. O dela tinha sido o desgosto que fez com que o pródigo nela regressasse. O amor pelos membros do grupo alarga-se num amor impessoal, embora, sem dúvida, elementos limitadores permaneçam por muito tempo.

Porque vivemos em comunidades, não imagineis que temos sentimentos de alienação por aqueles que vivem em outras. Estamos todos a trabalhar para um e o mesmo Mestre. Todo o sistema . . . é tão diferente para aqueles que acreditam na pureza absoluta do Grande Ser.

Podereis estar sós aqui, mas, curiosamente para vós na terra, após chegardes . . . não desejais estar sós e esse desejo desaparece

completamente após um período. Aqui não há ocultação . . . os pensamentos estão abertos a todos.

Um grupo move-se lentamente para a frente à medida que os indivíduos dentro dele descobrem a sua própria identidade verdadeira. Myers diz que um grupo não se moverá além de um certo ponto até que cada membro dele tenha, no sentido mais pleno, regressado ao grupo e alcançado o seu papel particular nele. Seria, de facto, difícil conceber uma parte de um grupo como tendo passado além do contacto com outros que lhe pertencem.

Tal ideia é uma ofensa contra toda a ideia de unidade espiritual. Enquanto uma alma grupal está incompleta, ainda a lutar em direção ao seu próprio propósito, mesmo os membros mais elevados dela estão propensos, até certo ponto, a estar enredados nesta tarefa e, assim, a sofrer sob as suas limitações. Pelo seu próprio cuidado por aqueles temporariamente encarcerados, submetem-se a um fio condutor de limitação dentro de si mesmos. Este é o seu sacrifício voluntário — não ir tão para a frente que se tornem incapazes de ainda se ligarem àqueles nos degraus inferiores dentro do grupo.

O líder espiritual do grupo é melhor concebido como um grande ser, vivendo dentro de profundezas da realidade espiritual bastante além do alcance atual dos membros do grupo. Este grande ser, por sua vez, terá recebido os planos arquetípicos básicos para o grupo a partir de níveis ainda mais elevados. Será sua tarefa interpretar estes em termos que aqueles que lhe pertencem sejam atualmente capazes de acolher em si mesmos.

Entre qualquer membro do grupo e o seu grande líder central, a relação é bem expressa como sendo de paternidade e filiação espirituais. Haverá também intermediários, eles próprios membros do grupo, aos quais será delegada algo desta relação. O peregrino encontrará alguém que, também de uma forma paternal, está mais perto dele do que o líder, alguém que ele passará a aceitar e a confiar num amor livremente dado, que mostra de

forma inequívoca que detém as chaves necessárias para destrancar a sua natureza e trazer-lhe expansão de ser.

Instrutores desencarnados descrevem uma inter-fusão e inter-mistura de tal ordem que as barreiras atuais entre os indivíduos perdem algo do seu significado. Um instrutor diz:

Não sou uma pessoa, sou apenas um reflexo do teu melhor eu. Sou parte de uma consciência . . . Essa consciência a que aspiras no momento é parte de ti mesmo.

Outro, falando de uma reunião de pessoas ao nível da alma, diz:

À medida que olhamos mais profundamente, vemos que estas almas estão todas ligadas a ti. No plano mais próximo, o plano astral, estas almas estão ligadas a ti como guias e ajudantes; elas parecem ser parte de ti, de tão próximas que estão da tua alma. Então olhamos novamente e vemos que estes guias são ainda mais . . . da tua própria alma, partes da tua própria alma. Eles são aspetos . . . estão todos ligados a ti e são parte de ti. Consegues compreender isto? Assim, à medida que expandes a tua consciência . . . tornas-te muitos irmãos.º

O líder do grupo pode tornar-se conhecido para aqueles do grupo na terra? Um grupo foi descrito em vários escritos como tendo a sua fonte espiritual em Francisco de Assis. Considera-se que o santo está a falar com alguém na terra que é membro do seu grupo:

Partilhaste, és parte de mim, o teu espírito é parte do meu. Como o filho para o pai, assim és tu para mim . . . Lorenzo [outro membro do grupo] é como outro e talvez menor pai para ti. Um redil de Francesco é ele, e tu és outro redil. Pois o espírito retém dentro de si outros espíritos, e tu estás dentro de Leonardo como estás dentro de Francesco, mas estás mais perto de Francesco do que de Lorenzo . . . És o filho do meu espírito e tens estado perto de mim desde o Princípio e de modo algum podes ser desprendido do elo espiritual, pois és como uma flor na minha árvore e não podes florescer em nenhuma outra, pois através de mim derivas do Grande Pai de todos e daquilo que é Francesco foste gerado.[2]

Foi dito antes que a unidade dentro de um grupo de forma alguma envolve exclusividade para com aqueles fora dele. A exclusividade seria totalmente estranha a este nível de perceção. Uma figura como S. Francisco deve certamente ser vista como fluindo em amor para todo o mundo, como olhando para fora muito além daqueles no seu próprio grupo.

É possível também que um líder de um grupo deseje tornar-se disponível em muitos níveis de consciência, como de facto S. Francisco parece fazer. Um antigo Doutor em Teologia descreve assim o seu encontro após a morte com S. Francisco:

Na sua mente não há nenhum desejo pessoal de que alguma pessoa em quem ele esteja interessado na terra progrida ou ajude a humanidade mais do que outra. Ele quer cada pessoa que seja capaz e esteja disposta a ajudar. Ele quer elevar a vida na terra mentalmente, espiritualmente, e fá-lo-á por qualquer pessoa através da qual seja possível trabalhar. . . . Para minha total surpresa, S. Francisco saudou-me como um amigo, como alguém que ele conhecia pessoalmente e reconhecia. Isto foi avassalador para mim.

Pensei que o conhecia, mas não pensei que ele me conhecesse; ele parecia conhecer-me bem e, por impossível que pareça, parece ter acompanhado o meu trabalho em certas direções com interesse pessoal, se posso usar essa palavra face ao que acabei de dizer. Ele pegou na minha mão e eu fiquei consciente do mais extraordinário calor de sentimento, afeto, amizade, simpatia, compreensão que alguma vez senti. . . . [Parecia] . . . como se eu estivesse a desfrutar do próprio espírito de camaradagem . . . Ele disse-me que me seria dado trabalho na terra que eventualmente abriria o caminho para que o amor e a misericórdia pudessem encontrar e tomar o seu lugar de direito na vida na terra, como fazem nos planos espirituais mais elevados. Mas também explicou que há tanta limpeza a ser feita primeiro. Que o espírito de eliminação seria usado primeiro, e que poderia ser um processo muito doloroso, como o processo de eliminação espiritual sempre é.[3]

Numa ocasião, parece que o santo por um momento até esteve muito perto de alguém na terra que era membro do seu grupo. Laurence Temple era arquiteto e uma igreja que ele tinha projetado em honra do santo tinha sido consagrada, mas devido à ira do arquiteto pelas cores inadequadas fornecidas para o mobiliário que estragavam o seu projeto, o serviço de consagração não foi digno. Assim, numa data posterior, ele e alguns amigos reuniram-se na igreja para o que seria uma reconsecração não anunciada. Temple descreve o que ele próprio viu então:

Havia uma Presença na igreja. Estávamos todos de acordo depois sobre o momento. Para mim . . . de forma bastante vital, o grande Irmão estava no corredor junto ao meu ombro esquerdo.

Neste momento, ele não era meramente o amiguinho dos pássaros. Uma ou duas vezes recentemente ele tinha aparecido a . . . outros, e tinha vindo como um Ser muito grande. Dessa maneira ele permaneceu na igreja, e o esplendor vindo dele irradiava muito além do seu teto e paredes. Nesse mesmo momento, pareci saber que ao redor dele estavam grandes anjos; grandes em estatura e de profunda beleza.[4]

Mais tarde, ele perguntou à Sra. Hester Dowden sobre isto, e esta resposta veio do chamado «Francesco» da escrita dela:

Sim, foste elevado para fora do corpo por um momento, e como uma criança é elevada, para que possa ver por cima de um muro que é demasiado alto para ela, assim foste elevado e viste por alguns momentos aquilo que é demasiado alto para ti.[5]

Dentro do grupo, então, níveis de consciência ascendente são acalentados por e derivados de seres profundamente espirituais; pensamentos são implantados dentro dos membros deste grupo como atos de criação a serem transmitidos para o benefício final do mundo terreno. É o princípio da transmissão em funcionamento.

Após a sua morte, a Sra. Willett, a destacada automatista das correspondências cruzadas da S.P.R., descreveu uma experiência mística que teve enquanto estava na terra:

Recordo-me de uma ocasião unicamente intensa . . . Parecia que, elevada em asas, eu estava num estado no qual compreendia todas as coisas. Todas estavam resumidas numa só e trazidas a um ponto. A bem-aventurança em tal união era minha.[6]

Ela compreendeu agora que esta experiência resultou da mente de Frederick Myers fluindo para a dela a partir do além, e que ele era um membro da sua alma grupal. A experiência foi a união com o espírito do seu grupo e Myers o agente que a provocou. Foi menos uma peça de perceção direta e privada, e mais uma experiência partilhada e participada. A Sra. Willett continua dizendo:

A alma do ser humano pertence a, ou é derivada de uma Alma Grupal, que é inspirada por um único espírito. Se progredirmos no pós-morte, tornamo-nos cada vez mais conscientes desta Alma Grupal.

É mais do que uma fraternidade, é orgânica, uma estrutura psíquica ou espiritual organizada. O seu espírito é o laço que mantém unidas várias almas. O espírito poderia ser descrito como um pensamento de Deus, ou a Luz do Alto — a Luz Criativa do Alto. Tem uma separação de Deus, como a coisa criada tem d'Aquele que lhe deu vida. Ao início um embrião inocente, tem de colher uma ceifa. . . .

Vários seres humanos que têm experiências místicas afirmam que, nesses momentos extáticos, obtiveram a união com a Divindade, ou a absorção nela. Na verdade, tem sido geralmente a união com o espírito da sua Alma Grupal. . . .[7]

A experiência mística, às vezes pelo menos, parece assim brotar do nível de um ser intermediário.

Foi dito por vezes que este mundo da terra é um pensamento na mente de Deus e que se Deus cessasse de o pensar, então a terra desintegrar-se-ia instantaneamente. Isto está indubitavelmente de acordo com o teor geral do ensinamento desencarnado, apresentando um quadro de atividade espiritual a mil níveis diferentes, através do qual partes ou fragmentos deste pensamento de Deus são retidos, celebrados e depois transmitidos

em formas que são paulatinamente mais concretizadas, densas e, por assim dizer, envolvidas em camadas de terra, à medida que descem para aqueles que ainda estão na terra. Como diz o ditado oculto, «Como acima, assim abaixo». O homem, nas suas melhores perceções, está apenas a repetir perceções já familiares para aqueles no mundo espiritual e transmitidas diretamente a ele.

No próximo capítulo, veremos o peregrino a aproximar-se das experiências mais distantes que ainda lhe são possíveis, e como estas lhe oferecem a oportunidade de as utilizar de formas muito importantes para o seu próprio futuro.

CAPÍTULO 12
O TERCEIRO CÉU
1

A sobrevivência à morte não deve, obviamente, ser equiparada à imortalidade. Muitos clérigos hoje preferem desvalorizar a ideia de sobrevivência pessoal e olhar antes para um conceito de vida eterna. Isto traz-nos a mistérios do ser muito difíceis de compreender. Vimos que quando Frances Banks falou de «regressar à sua alma», o processo incluía a recordação gradual da essência de cada uma das suas encarnações passadas. Nestes núcleos de sementes reunidos ficava retido o fruto de todas as suas várias tentativas de realizar a sua verdadeira natureza e expressá-la tanto na terra como entre as suas vidas terrenas. Bebendo o seu profundo trago de memórias, ela viu que as essências de todas estas vidas estão ligadas, como as contas de um colar na sua cadeia; cada uma é diferente, embora relacionada com o padrão total. A alma olha antes e depois. Como um instrutor colocou:

O corpo etérico superior ou corpo da alma é uma criação não do nascimento físico e não da eternidade, talvez, mas de longas eras passadas. Neste corpo da alma encontramos tecidas as experiências do passado, os mundos superiores, os planos superiores do ser.[1]

Seria negar o significado fundamental do termo dizer que isto é imortalidade; mas é certamente a vida continuada ao longo de um período muito longo. Nem exclui a possibilidade de imortalidade ou de vida eterna numa parte ainda mais interior, mais essencial do eu. Em termos da alma, como distinta do espírito, a experiência registada nestas memórias de vida reside, afinal de contas, no reino da imperfeição. A alma está a transformar-se ao longo de um período de tempo imensamente longo.

Se os clérigos descartam os conceitos de sobrevivência imediata à morte, e depois de imortalidade, a favor apenas da vida eterna, isto seguramente é exigir demasiado cedo demais. É também negar o valor encontrado nas partes intermédias da jornada. Que o homem se contente primeiro com a sobrevivência da personalidade, depois com o reconhecimento do seu longo período de experiências, passadas e futuras, e apenas mais tarde, dentro do eu superior, se perca na vida eterna, quando se tiver aperfeiçoado suficientemente. Os instrutores dizem-nos que isto leva, na verdade, um tempo muito longo.

2

O homem, como vimos, tem vindo a aprender a entregar-se, aspeto por aspeto; primeiro o seu corpo, que muitas vezes em repetidas vidas terrenas ele se alegra bastante em abandonar; e depois todos aqueles aspetos da personalidade que ele trouxe à existência nessas encarnações, preservando apenas a essência da sua experiência, que ele teceu na sua individualidade. Tudo o que ele abandona, abandona-o porque o seu ser verdadeiro não necessita disso. Mas por um longo tempo ao longo de vidas o homem muitas vezes ainda se apega a partes de si mesmo que têm valor limitado, negando assim o seu verdadeiro caminho para a vida eterna.

Severa e dolorosa em alguns aspetos embora possa ser, a vida desencarnada é, não obstante, misericordiosa, pois é permitido à alma proceder ao seu próprio ritmo.

No mundo mental do Terceiro Céu, uma visão de perfeição é tão difícil de aceitar para o viajante, embora por razões opostas, como é o quadro purgativo dos seus erros passados. É demasiado grandioso para ele abranger plenamente. Como diz T. S. Eliot, a humanidade não pode suportar muita realidade. Apenas muito gradualmente pode a alma assimilar-se aos céus ao seu redor.

Os relatos disponíveis do Segundo e Terceiro Céus são breves, devido à dificuldade de transmitir a qualidade de vida ali em termos que possamos compreender. Estes céus pertencem primariamente a níveis interiores do ser. É por isso que fazem parte do mundo mental ou espiritual. São mundos de perceção e de planeamento criativo.

Em termos de consciência, o Terceiro Céu deve ser considerado como uma área muito extensa, com uma diferença muito maior entre o Terceiro e o Segundo Céu do que a que existe entre a Terra do Verão e o Primeiro Céu, ou entre o Primeiro e o Segundo Céu. Daí que muitas vidas de renovado esforço na terra sejam provavelmente necessárias para capacitar o peregrino a gradualmente ganhar o direito a um lugar verdadeiro no Terceiro Céu. Almas mais simples, ainda nos degraus iniciais da escada, declara-se, precisam de reencarnar mais cedo, voltando do Primeiro Céu sem entrar naqueles que estão além, porque é diretamente da terra que elas podem melhor aprender as lições a seguir necessárias.

O peregrino que alcançou o Segundo Céu e se tornou consciente ali dos obstáculos que ao longo de muitas vidas colocou no seu caminho, receberá agora no Terceiro Céu novas perceções sobre as suas verdadeiras potencialidades. Assim, nestes dois céus, ele encontra-se posicionado de uma forma particularmente íntima entre o seu próprio passado e o seu futuro. Uma estadia no Terceiro Céu é estritamente limitada pelo grau em que um homem pode alcançar e sintonizar-se com aqueles ao seu redor. A maioria não será capaz de absorver mais do que uma fração da sabedoria viva que está a ser derramada ao seu redor a partir dos pensamentos pulsantes dos seres que encontrará ali.

Assim, uma distinção importante tem de ser feita entre aqueles que são verdadeiros habitantes do Terceiro Céu e são capazes de expressar plenamente na sua própria natureza as suas atividades, e aqueles outros que apenas tocam a sua franja, entrando brevemente nele a fim de absorver tal instrução que possam compreender e suportar antes que surja a inexorável necessidade de regressar novamente à terra.

O Myers pós-tumo, ao falar daqueles que pertencem ao Terceiro Céu, claramente considera-os como elevados na hierarquia humana. De facto, vai tão longe a ponto de os descrever como «Senhores da Vida».

. . . neste nível de consciência, a razão pura reina suprema. A emoção e a paixão, como conhecidas na terra, estão ausentes . . . Tal equanimidade torna-se a possessão das almas [neste] último rico reino de experiência . . . elas são capazes de viver agora sem forma, de existir como luz branca, como o puro pensamento do seu Criador.[2]

É provável que alguns que fazem o seu lar no Terceiro Céu já não tenham a necessidade de reencarnar na terra, mas trabalhem extensivamente a partir dali para ajudar a humanidade a avançar. Os seres profundos descritos no Capítulo 9 (ver pp. 141-2) — o «Grande Velho» de Pauchard ou o «Membro da Companhia Divina» de Frances Banks — pertencem quase certamente ao Terceiro Céu. De tempos a tempos, tais seres assumem uma aparência, uma imagem de si mesmos, a fim de alcançarem abaixo as almas daqueles sob os seus cuidados que ainda trabalham a níveis inferiores. Aqui eles ajudam a realizar uma recriação dentro dos seres destes, da forma que Pauchard tentou descrever. É por isso que ele chamou ao Grande Velho um «Despertador».

Nesta parte do nosso campo é novamente particularmente importante não ser demasiado esquemático, não tentar definir de perto as fronteiras entre o que pertence ao Segundo e o que pertence ao Terceiro Céu. Se Frances Banks, como a sua história sugere fortemente, estava a trabalhar sobre si mesma no Segundo

Céu, então, quando ficou sob a influência daquele que pertencia à Companhia Divina, ela momentaneamente alcançou acima e encontrou-se a viver dentro de parte da consciência dele no Terceiro Céu; e ao tocar esta visão de si mesma, estava também a tocar momentaneamente um fragmento do seu próprio eu potencial do terceiro céu.

Foi dito que no Segundo Céu o peregrino recebe o que pode ser chamado de um projeto para a sua próxima vida na terra. Quem, ou o quê, então, produz este «projeto»? O peregrino ele próprio precisa, escusado será dizer, de compreender e trabalhar sobre o projeto; parece, contudo, que este é primariamente planeado e criado no Terceiro Céu por estes seres maiores que conseguem ver a verdade essencial do seu ser de uma forma que ele próprio ainda não consegue fazer a partir dos seus próprios recursos. Eles transferem para ele esta visão do seu eu potencial a partir de um nível de consciência onde, por um paradoxo, ela de algum modo já existe. Os instrutores chamam a isto o Eterno Agora.

Quando entra no Terceiro Céu antes de reencarnar novamente, o peregrino tem de se esforçar por implantar profundamente na sua consciência o máximo que conseguir até agora absorver desta imagem do seu eu futuro. O que ele absorver será o fruto da intuição — instrução vinda de dentro — trazendo-lhe um reconhecimento interior instantâneo. Começam a abrir-se novas perceções que são como sementes espirituais que mais tarde virão a florescer na terra.

Estas perceções são de qualidades espirituais arquetípicas. Nas suas vidas passadas, ele realizou até agora apenas um fragmento muito imperfeito delas. Ele deve tornar-se suficientemente aperfeiçoado para ser vivido por estas qualidades enquanto estiver na terra. De uma forma algo semelhante àquela em que um grande compositor é vivido pelas suas criações artísticas, assim o peregrino será gradualmente vivido por qualidades perfeitas das quais, em vidas futuras, se tornará cada vez mais o servo voluntário.

3

De que forma é que os eventos da alma que o peregrino anteriormente semeou dentro de si mesmo o limitam agora no Terceiro Céu? Suponhamos que na sua vida mais recente ele tinha trazido à terra ideais de filantropia que se propôs expressar, mas que outras considerações — prudência, interesse próprio, desejo de elogio, frieza ou falta de participação imaginativa nas verdadeiras necessidades dos outros — intervieram e parcialmente o cegaram, fechando o seu coração onde ele mais precisava de estar aberto. A sua purgação ter-lhe-á permitido ver onde ficou aquém. À medida que se move gradualmente em direção a viver nos elementos mais elevados do seu ser e, ao fazê-lo, se move para o Terceiro Céu, ele receberá, de uma forma arquetípica, um vislumbre de ideias de filantropia como são conhecidas por seres mais elevados na hierarquia que as irradiam para ele.

Mas as suas carências filantrópicas na terra (juntamente com as suas outras carências) terão encurtado o alcance das ideias arquetípicas a que ele pode atualmente responder, e que de outro modo estariam abertas para ele receber. Assim, aquilo que ele próprio é, a consciência que criou ao longo de muitas vidas terrenas, limita a profundidade a que pode penetrar no Terceiro Céu. Nisso reside a imensa importância daquilo que ele alcançou, ou falhou em alcançar, na terra. Tivesse a sua estatura sido maior, ele veria agora mais longe, seria capaz de receber de mais acima na escala do ser. Neste sentido, o seu passado está a retê-lo.

Esta é uma área excessivamente difícil na qual ser capaz de sentir que conhecemos corretamente o que as leis da vida após a morte realmente são.

Certos instrutores, incluindo Rudolf Steiner, afirmam que *é apenas na terra que novos valores podem ser integrados permanentemente no caráter*; através do regresso à terra, a falha pode ser compensada e superada por meio de um trabalho árduo. Ao homem é permitida uma participação jubilosa na visão que lhe é mostrada no Terceiro Céu em forma arquetípica. Mas é a parte

terrena que, aquando da próxima encarnação, deve ser transformada, para que a alma consiga plantar firmemente na terra o que antes fora negligenciado.

Mais tarde, quando este homem em particular renascer na terra, encontrar-se-á interiormente impelido, quase sem saber porquê, a cumprir ideais filantrópicos que pertencem, parece-lhe, ao âmago mais íntimo do seu ser. Ele empenha o seu coração nisso como se a sua própria honra dependesse disso. De uma forma muito real, depende. Ele está a recuperar terreno na terra e também em preparação para o próximo período intermédio entre as suas vidas terrenas.

À medida que for bem-sucedido, isso dar-lhe-á o direito, quando morrer, de avançar mais do que antes no sentido de uma compreensão dos impulsos filantrópicos arquetípicos que, uma vez mais, irá encontrar. Ele passará a ter o direito de partilhar estes de forma mais íntima e com maior perceção do que anteriormente e, quando o tiver feito, será então, por sua vez, na sua próxima vida, capaz de os expressar na terra mais perfeitamente do que na sua vida atual.

Isto, contudo, não constituirá a totalidade do programa delineado para esta próxima vida. Outras dificuldades se erguerão, pois no seu íntimo profundo é ainda provável que residam os resultados de oportunidades perdidas em vidas anteriores, erros crassos numa parte diferente do seu ser e características ainda em grau infantil e nunca desenvolvidas. Estas farão parte da cruz que ele carregará na nova vida, os seus espinhos na carne, alguns provavelmente bastante separados de tudo o que constitui a sua filantropia, alguns provavelmente mordendo profunda e corrosivamente no interior dela. Como acontece com a maioria dos homens, ele continuará a ser o seu pior inimigo; e tudo o que for seu inimigo ele terá de tentar recriar, para que se torne seu amigo, e amigo do mundo também.

4

A vida no Segundo e Terceiro Céus assemelha-se ao conto de fadas da princesa adormecida despertada pelo seu salvador. A

princesa representa a alma aprisionada, o príncipe salvador que a reclama representa o espírito. O emaranhado que o príncipe deve penetrar é feito dos falsos valores da terra e dos erros aprisionadores de vidas passadas. Agora a alma aprende a retomar algo mais do grande plano para ela pretendido, muito do qual foi perdido ou do qual houve um desvio quando na terra.

Neste mundo arquetípico do Terceiro Céu, na categorização de Rudolf Steiner, são acalentadas as inspirações do reformador social, do filantropo, daqueles nas grandes vocações de cura, de professores e de pregadores, da descoberta e invenção científica, da arte criativa em todas as formas — todas aquelas atividades humanas que servem para nutrir a parte interior do homem.

Neste mundo chegam-lhe realizações, comparativamente perfeitas na forma, que ele considera bem-aventuradas de contemplar; mas, a este nível, ele está sempre ciente de que receber exige, por sua vez, muitos atos subsequentes de serviço. É por isso que estas ideias criativas não são uma realização completa em si mesmas, até que o homem, ao plantá-las na terra, as tenha tornado totalmente suas.

Isto é talvez parte do que Blake quer dizer quando afirma que a eternidade está apaixonada pelas produções do tempo. A fim de cumprir estas ideias criativas e de lhes dar o seu pleno sentido e significado, a reencarnação tem de ser enfrentada. Não há um céu fácil, e esse céu que é ganho deve logo ser deixado novamente; o homem é um filho da terra por um período muito longo, na verdade, e deve constantemente regressar a ela.

5

Uma multidão destas ideias criativas e arquetípicas é descrita como fluindo continuamente através do líder do grupo e de outros seres em nível exaltado. Estes não são conceitos fixos, mas sim uma constante intertextura e ativação, como uma corrente viva que continuamente verte fontes de água em constante mudança e que, no entanto, na sua origem permanece ela mesma.

É indicado que estas ideias são, na realidade, tecidas a partir das mentes de outros seres ainda mais elevados que estão, eles

próprios, ao comando e à disposição de seres inefáveis acima deles; eles estão a operar a um nível de consciência que, por mais elevado que seja para nós, para eles representa uma descida em direção à expressão material. Estes seres não vêm nem precisam de descer até à argila da matéria, como fazem aqueles que ainda estão presos pela terra.

O viajante, tendo experienciado muitos dos trabalhos da vida da alma com as suas alegrias e dores emocionais e mentais, enfrenta mais de perto a parte sagrada e mais íntima de si mesmo — o seu espírito, como distinto da sua alma e corpo. Estamos a entrar agora em áreas rarefeitas. Aqui, talvez, a «vida eterna» dos teólogos seja encontrada.

Dentro de cada homem, é-nos dito, está a minúscula centelha de divindade, na qual reside a imagem-semente criada pela força suprema e que cabe ao próprio homem, ao longo de um período infinitamente longo, atualizar e transformar naquela flor de si mesmo que já existe na mente da divindade. Esta é a colaboração sagrada do homem, tornar-se por meio de ações aquilo que ele potencialmente é. À medida que ele avança através dos mundos mentais, a perceção torna-se imediata; ele absorve simplesmente por ser.

Nada é mais marcante do que a uniformidade de acordo entre homens de todas as raças e em todos os tempos ao descreverem a experiência mística. Eles falam continuamente da consciência da unidade de toda a vida, da sua união com ela e da liberdade de se encontrarem em unidade com tudo o que o universo contém.

Para muitos, o quadro é o de partilhar momentaneamente um fragmento da consciência de Cristo, Cristo o suserano do sistema cósmico em que vivemos; um estender de mãos para e tocar a orla da Sua consciência. Disto, os místicos, falhando inevitavelmente as suas palavras, transmitem tanto pelo não-dizer como pelo dizer. Eles dizem, como o poeta: «Ai de mim, e não será a minha uma linguagem morta?»

Num dia muito distante, a escolha torna-se disponível, quando um homem tiver pago a sua dívida extrema à terra, de

decidir por si mesmo se ousará o salto final e se deixará lançar sobre a corrente divina que o conduzirá para sempre para longe das encarnações terrenas e mais além em direção ao Princípio Divino. Isto poderá constituir algo do significado por detrás do conceito cristão do casamento místico: a alma individual é absorvida no espírito, e aquilo em que ela se torna então é um mistério.

O homem sente-se relutante e temeroso perante a ideia de ser acolhido em algo diferente e maior do que ele próprio, e a esta ideia resiste-se frequentemente por muito tempo.

O outro rumo do viajante é, em vez disso, escolher reter-se e apegar-se a alguma felicidade menor. Poucos, descobriu F. W. H. Myers, são «suficientemente fortes para dar o grande salto». Alguns seres elevados, contudo, por motivos bastante diferentes, agindo não por uma necessidade de pequenez mas através de um sacrifício amoroso, escolhem de facto assumir sobre si novamente alguns dos fardos do mundo e permanecem para ajudar outros a subir os degraus lentos da escada espiritual. Tal escolha, a escolha do Bodhisattva, o compassivo, está muito, muito à frente para a maioria de nós, mas, como um Evereste espiritual distante, deve por breves momentos ser contemplada.

Dentro do indivíduo, e de forma semelhante dentro do próprio grupo, a vida detém este estranho princípio de crescimento. Seja através da adversidade e da limitação, ou seja pelo regozijo no Senhor, o crescimento resulta no fim. Quando o seu longo propósito tiver sido cumprido, o grupo e todos os seus membros movem-se como um todo para alguma área de existência fora do planeta terra.

No fim, o indivíduo não terá significado separado do significado que existe no grupo, e perante a face do Senhor. Assim são as necessidades essenciais da natureza de cada um atendidas no fim, através da graça, através da alegria e do companheirismo, mas também através do trabalho. A vida após a morte nos seus estados ulteriores conduz-nos a mistérios e,

embora possamos apontar para estes, devemos permanecer contentes essencialmente em deixá-los ainda no mistério.

Tornou-se claro que uma parte essencial do quadro geral apresentado a partir do mundo desencarnado é que este trata a reencarnação na terra como um facto. Um olhar mais atento poderá dizer-nos um pouco de como este processo se revela um auxílio nutriente e profundamente valioso para a alma, antes que esta esteja pronta para escalar as alturas ulteriores.

PARTE TRÊS
ALGUMAS IMPLICAÇÕES
CAPÍTULO 13
A REENCARNAÇÃO
1

Seria uma visão superficial supor que estes relatos desencarnados resolvem os muitos problemas da existência. Nem se deve atribuir-lhes uma autoridade errada. Não há autoridade alguma no simples facto de provirem de tal fonte — a sua única autoridade reside no grau de coerência interna que possuem. Nem, como vimos, os relatos concordam necessariamente todos uns com os outros. Não se pode esperar que o façam, e em lado nenhum isto é mais verdadeiro do que no assunto da reencarnação. Tem-se, portanto, de encontrar uma resposta para o problema de como comparar comunicadores que declaram que a reencarnação é uma verdade e aqueles que, pelo contrário, juram que não é assim, e dizem que nunca conheceram ninguém que saiba que reencarnou.

Ambos os tipos de relatos existem. Sejamos mais cuidadosos e mais pacientes do que dizer que, se eles se anulam mutuamente,

nenhum pode ser considerado verdadeiro. Pois é bastante claro que o material relativo à reencarnação constitui parte da informação mais importante que nos chegou sobre a natureza da vida após a morte.

Nas grandes religiões orientais, obviamente, a reencarnação encontra-se em toda a parte; tem uma história muito respeitável. Aqueles que acreditam nela, de uma forma ou de outra, superam os cristãos em número; evidentemente, meros números não são prova da sua veracidade, mas incluídos entre os crentes estão muitos pensadores religiosos orientais de grande subtileza metafísica, bem como muitos místicos santos.

À primeira vista, a emergência da reencarnação como um fator proeminente nestas histórias é surpreendente para as mentes ocidentais, habituadas desde há muito à expectativa de uma única vida, seguida por um período posterior baseado nas suas consequências. De facto, as mentes ocidentais começam frequentemente por rejeitar a parte reencarnacionista do quadro pós-morte.

Em vários casos, travaram-se lutas ao longo de uma série de anos entre médiuns que rejeitavam violentamente a reencarnação — a Sra. Estelle Roberts foi uma delas — e os seus comunicadores em transe que acreditavam nela e procediam a continuar a ensiná-la, por mais desagradável que as suas médiuns a considerassem. No fim, a médium costuma passar a aceitar a doutrina, mas nem sempre, e às vezes apenas muito parcialmente e com relutância.

Quais são os fatores mais significativos neste testemunho que aponta para a reencarnação? Um é que aqueles instrutores que mais claramente exibem sabedoria e perceção sobre outros assuntos invariavelmente ensinam a reencarnação e, como foi dito, independentemente das próprias convicções da sua médium. Aqueles que ignoram a reencarnação, no geral, não produziram noutros aspetos material de perceção semelhante. Não se pode dizer que sejam tão boas testemunhas.

Muito mais importante, contudo, é que os relatos de ensinamentos que registam as jornadas ulteriores do viajante exigem que a reencarnação seja verdadeira se pretendem ter o seu pleno significado. Não há dúvida de que em tais relatos a estrutura da existência após a morte, a sua inteligibilidade intelectual, emocional e espiritual, depende disso. São os relatos de proximidade, feitos logo após a morte, que habitualmente não a introduzem, ou a negam veementemente. É verdade que há um ou dois oradores que afirmam ter vivido mil anos e nunca se depararam com a reencarnação, mas talvez estes, em grande minoria, estejam encapsulados, como os irmãos da Igreja Celta, em velhos dogmas.

2

Olhemos agora um pouco mais de perto, dentro do contexto dos relatos, para a visão da marcha linear ou para a frente (uma vida) e para a visão cíclica (reencarnação). A maioria dos desencarnados que proclamam uma teoria de marcha para a frente não tem sido capaz de dar qualquer quadro eficaz além do Primeiro Céu. Isto é seguramente significativo.

A principal fraqueza da teoria é que a imortalidade que ela promete é considerada como sendo ganha pelo trabalho muito esguio de setenta anos ou mais de vida terrena. Qualquer vida individual, mesmo quando aparentemente cumprida, deixa tanto de fora, tem tantos lados da existência em que não tocou, nunca foi chamada a enfrentar uma série de problemas, que o teste seria certamente incompleto se, de uma provação tão breve, a imortalidade devesse ser ganha.

O quadro da marcha para a frente sugere uma certa facilidade de realização. É verdade que fala de auxílio para com aqueles que acabam de chegar a praias desencarnadas, e auxílio também para com aqueles cuja dor e desgosto clamam a partir da terra por ajuda. Não obstante, aparece aqui um indício fatal de uma sociedade de congratulação mútua, onde a ajuda é mostrada como um empreendimento voluntário a partir de uma posição superior,

ao passo que no quadro da reencarnação ela é enfaticamente o cumprimento de um dever inescapável.

Uma força do quadro da reencarnação reside na responsabilidade incessante que reconhece para com a vida na terra; e mais ainda, no quadro árduo de ter de regressar à terra a fim de ganhar ali, mais do que no mundo desencarnado, o que é necessário para tornar o caráter mais uno.

A reencarnação exige mais do que benfeitores ausentes. Faz da próxima vida terrena o campo de provação que lança o desafio: poderão as qualidades de caráter, perdidas anteriormente e desde então cultivadas nos viveiros hortícolas favoráveis do além, ser cultivadas firmemente também no solo empobrecido da terra quando surgir a próxima oportunidade? Este conceito de reencarnação é robusto e adstringente.

A reencarnação orienta o homem tanto para a terra como para os reinos pós-morte de uma forma firme e orgânica pois, como membro de um grupo espiritual, o seu destino e a sua luta não lhe pertencem a ele só, mas formam parte de um longo e profundamente compensador conjunto de relações. Por muito tempo as suas raízes estender-se-ão ainda para baixo. Ele é uma árvore pertencente igualmente à terra, ao céu e à floresta ao seu redor. Por mais alheio que muito no universo possa parecer, o seu sentido interior diz-lhe que tem dentro do seu grupo um lar espiritual que nunca lhe falhará. «Eu estou em vós, vós estais em mim e nós estamos no Pai.»

Independentemente de que significados mais profundos isto encerra, constitui também uma afirmação de relações grupais. O Pai, num aspeto, pode ser olhado como o líder muito avançado em torno do qual os membros do grupo se reúnem e do qual extraem muito do seu sustento espiritual.

3

Se a reencarnação é parte da estrutura causal dos eventos na vida desencarnada, bem como daqueles na terra, e se uma vida não é senão um capítulo numa longa história, então muitas injustiças perdem o seu aguilhão. Eventos inescrutáveis e

emoções inexplicáveis podem ser muito mais prontamente aceites se se relacionarem com tarefas e eventos em vidas anteriores, sob a forma de velhas dificuldades de caráter não resolvidas antes, facetas que se pretendera, mas depois se falhara, polir, dívidas à terra deixadas por pagar.

Mesmo que um homem frequentemente não possa interpretar a causalidade exata envolvida, faz uma grande diferença se ele puder aceitar que tal causalidade existe, de facto, enraizada no seu passado, apontando para um melhor desenvolvimento do seu próprio futuro ou endireitando alguns fios emaranhados de relacionamento anteriormente tornados tortuosos. Então ele pode enfrentar com têmpera eventos que alternadamente o elevam, o desafiam ou o abatem. É um pouco como dar por si com uma mão de cartas distribuída, nalguns casos uma boa mão, noutros casos uma mão má, mas onde cada carta distribuída está diretamente relacionada com eventos decorrentes de características que o detentor da mão construiu anteriormente dentro de si mesmo.

4

Uma história mais longa do que a de uma única vida explica melhor aqueles impulsos profundos e por vezes avassaladores de outro modo aparentemente plantados tão injustamente num caráter.

Um homem libertar-se-á de si mesmo mais de boa vontade assim que souber que as suas dificuldades de temperamento fluem de uma vida anterior sua. O princípio aplica-se quer o seu temperamento seja herdado dos seus pais atuais ou, caso contrário, surja aparentemente em desafio à lei genética.

Certos pais são apropriados porque podem implantar no seu filho as características de que o seu destino necessita. Ele toma então deles aquilo que, num sentido muito real, já é seu. Noutros casos, ele pode parecer um estranho para os seus próprios pais, com características que eles não conseguem identificar nem em si mesmos nem na educação que lhe deram, partes que surgem e contradizem o seu ambiente local. Os capítulos precedentes

desconhecidos puseram em movimento muito do enredo, que de outro modo pode parecer tão injusto e tão misterioso.

5

Se todos os homens se devem aperfeiçoar, significará isto que eventualmente cada homem deve ser um *Admirable Crichton*, completamente arredondado e equipado para cada tarefa, de modo que todos se assemelhariam uns aos outros como ervilhas? Não é assim, pois embora as fraquezas individuais devam ser superadas, cada alma permanece única. O que é exigido parece ser um equipamento básico de resposta, um conjunto fundamental de recursos, juntamente com os atributos espirituais particulares, mais específicos e especializados, necessários para as tarefas definidas dentro do grupo ao qual a alma pertence.

A reencarnação dá significado, ou pelo menos a promessa firme de um significado a longo prazo, ao mistério vocacional de cada vida terrena. Tantos se encontram a confrontar tarefas indesejadas mas inevitáveis, que se intrometem no padrão de vida e parecem o exato oposto daquilo que cada um teria escolhido. Isto deve-se mais habitualmente a laços cármicos a serem endireitados entre homem e homem, ou surge de coisas decorrentes do que fora deixado por fazer ou feito tortuosamente antes. Mas isto nem sempre é assim.

Não tem de ser necessariamente baseado em falhas antigas ou culpa. O fardo aparente pode também brotar do princípio da compaixão. Pode ser uma oportunidade para a criação supremamente jubilosa de bom carma. As tarefas na vida olham para a frente tanto como para trás. O propósito pode ser conceder nova ajuda, não ajuda já devida do passado — por exemplo pelo casamento com alguém que, foi previsto pelo ajudante antes de a sua vida começar, sofrerá após os anos de casamento de invalidez, má saúde ou mesmo insanidade. O negócio, em resultado espiritual, pode não ser tão unilateral como aparece. Pode haver contribuições e ganhos mútuos. Os dois podem pertencer ao mesmo grupo espiritual.

Pode haver a colocação de um homem num solo azedo e mal favorecido quando num terreno mais ensolarado ele nunca teria conseguido cultivar certas gavinhas da alma, a necessidade das quais ele tinha falhado em ver até que, através da adversidade, elas começassem a brotar, trazendo uma beleza inesperada à sua forma. Com a aceitação do quadro da reencarnação, muitos fios passam a transmitir o seu próprio propósito à medida que são vividos. Estes trazem uma convicção muito acrescida de significado por detrás de toda a vida, por mais inescrutável que muito dela ainda apareça.

Na terra vivemos como se fosse no lado escuro da lua; com o quadro reencarnacionista surge uma sensação crescente de que a lua tem, na verdade, um lado brilhante, e que os dois juntos formam parte integrante de um círculo. A reencarnação enche a vida de serviço de um tipo que é significativo dentro de um padrão mais amplo; onde a oportunidade e a dívida podem melhor ser vistas como lados opostos da mesma moeda. A servidão deixa de o ser quando se converte em serviço. As tarefas reencarnatórias podem frequentemente ser continuações felizes e frutíferas. Regressa-se com os frutos de antigas realizações com a mesma frequência com que se regressa com dívidas. Novamente, há bom carma bem como mau carma.

6

Enquanto um homem vive apenas na sua personalidade exterior, está numa espécie de prisão, agindo e reagindo incessantemente a cada circunstância; a reencarnação é uma ferramenta importante que coloca nas suas mãos pistas que o podem conduzir para lá do labirinto sensorial e para a frente em direção ao seu ser essencial. Podem surgir intuições, quase como se fossem memórias, apontando para o verdadeiro padrão que a sua personalidade exterior é, por si mesma, demasiado míope para compreender.

É, obviamente, muito difícil compreender como as várias vidas e personalidades pelas quais um homem passou estão interiormente relacionadas. O quadro da reencarnação atual é

quase certamente demasiado simples. Sente-se que subtilezas residem por detrás da cena, além do nosso alcance presentemente.

As indicações mais delicadas nestes relatos imperfeitamente vislumbrados apontam no sentido de que um homem não regressa simplesmente à sua próxima vida, com malas e bagagens. Em vez disso, traz de volta apenas certos aspetos de si mesmo, a fim de que possa concentrar-se intensamente no aperfeiçoamento desses traços particulares. O seu próprio eu superior forma o elo entre estas variadas vidas terrenas.

Assim, um homem terá adquirido, através de cada vida sucessiva, uma série de eus próprios, e vimos que a concha exterior de cada uma destas personalidades, a parte do disfarce, quando desempenhada e terminada é fundamentalmente lançada fora na segunda morte; e que la essência do que foi aprendido enquanto usava esse disfarce é preservada dentro do eu superior, embora ainda incompleto.

Temos, pois, primeiro, o eu exterior, do disfarce, a personalidade terrena de um homem, que continua por um tempo e à qual ele se pode apegar, mas que abandonará quando a tiver superado. E, segundo, o eu interior, total, que ele readquire ou ao qual regressa e que tem facetas tanto polidas como não polidas. Este é o eu causal. Custa-lhe muito trabalho árduo redescobrir e regressar a este eu.

O acesso parcial a ele é possível na terra. À medida que se move para cima através de reinos de consciência, ele reconhece que as suas facetas não trabalhadas não podem presentemente acolher a luz em grau suficiente; ele anseia por desenvolver o equipamento que lhe permitirá refletir e expressar mais da realidade espiritual. Assim, regressa à terra com uma dupla tarefa. Primeiro, polir uma nova faceta em si mesmo de modo a atuar, tanto quanto puder, sobre la terra o aspeto de perfeição que viu como um arquétipo naqueles agora, uma vez mais, distantes reinos superiores de consciência.

Também traz de volta legados de anteriores eus do disfarce. As sementes armazenadas no seu eu causal, algumas das quais são

replantadas na sua próxima vida terrena a fim de produzirem uma colheita mais rica, confrontam-no agora, frequentemente como fraquezas interiores e também sob a forma de eventos exteriores, trazendo pressões exigentes das quais não pode escapar. O bocado de pão que ele anteriormente lançou sobre as águas regressa a ele, como dificuldades a serem resolvidas ou como dons e oportunidades aparentemente não merecidos. Este é o significado das histórias da caixa de Pandora e dos dons das fadas boas e más no batizado.

Assim, ele tem tanto tarefas elevadas como baixas e isto constitui o ser complexo e atribulado que se encontra novamente sobre a terra, cuja primeiríssima expressão é um choro.

A reencarnação é uma ideia essencialmente harmoniosa e confere sentido a alguns dos problemas mais desconcertantes da vida. Muitas pessoas de sensibilidade confrontam os eventos mais sombrios da vida como quem confronta uma parede em branco e alta — o cancro numa criança, desastres naturais, as crueldades da guerra, os sofrimentos dos aparentemente inocentes — e estes tornam impossível para elas conceber qualquer Deus justo. Que haja uma vida ulterior além desta para a qual estes sofredores serão transladados é um fator que ameniza parte da pior injustiça aparente, mas sem remover mais do que uma parte dela. Os golpes fundamentais do destino permanecem, mesmo que agora vistos como não sendo finais.

A reencarnação aclara o quadro um pouco mais, pois à ideia de uma continuação após a morte adiciona-se uma causalidade que se estende muito além do evento imediato. E se uma coisa vista anteriormente como um evento final for apenas um único episódio, como uma conta num colar, residindo o significado no colar, e não na conta? A compaixão de alguém, se for apenas pela vítima, pode ser enganadora: um massacre, uma doença fatal, é um evento composto; o matador e os que choram a morte têm, cada um, o seu papel a desempenhar, a sua lição a aprender. A vítima pode, na verdade, ser quem fica em melhor situação. No padrão total, ela poderia estar mais de acordo do que parece.

A injustiça aparente pode persuadir um homem a reverter para um egoísmo no qual, de outro modo, não decairia, e que a sua natureza íntima lhe pode dizer que está certamente errado.

No entanto, independentemente das crenças, muitos, tanto na terra como no além, descobriram que o sofrimento suportado lhes trouxe frutos de mais valor do que a alegria, ou do que a vida num rumo constante; para eles, a injustiça aparente foi substituída por um ganho interior. Um reencarnacionista cessa de clamar contra um Deus injusto, pois aceita uma causalidade que se estende tanto antes como depois do evento e que, se aceite, pode enriquecer o próprio evento infeliz.

A reencarnação confere uma compreensão mais profunda de por que razão tantas relações terrenas, sejam felizes ou infelizes nos seus resultados, parecem tão compulsivas. Quer surjam aparentemente de fatores da personalidade ou através da pressão das circunstâncias, tornam-se demasiado fortes para serem resistidas, pois algumas delas resultam de laços profundos, para o bem ou para o mal, criados no passado. Antigas inimizades e injúrias da alma têm de ser reparadas, por vezes através daquilo que pode ser, em circunstâncias mais felizes, a mais frutífera e feliz das relações humanas — a amizade, o amor, o casamento, a família —, mas que, quando agora recriadas de forma tortuosa ou mais tarde tornadas tortuosas, apresentam uma oportunidade difícil para superar o passado.

Isto surge frequentemente sob a forma de um sacrifício, muitas vezes involuntário, muitas vezes ressentido amargamente como um laço injusto. Uma filha condenada a renunciar ao casamento para cuidar de uma mãe idosa pode ser um exemplo. O amor e o ódio, ao nível da emoção pessoal, estão, afinal de contas, próximos um do outro e qualquer um pode transformar-se no outro.

Contudo, se se passar a pressentir que o verdadeiro propósito de tal união entre duas pessoas brota de um nó profundo a ser desfeito, então, através da aceitação, o fardo da tarefa mútua a ser

realizada pode tornar-se mais leve. Suportar o próprio destino e não se revoltar contra ele traz frutos importantes.

Por outro lado, se as antigas relações foram felizes e cumpridas numa vida anterior então, quando reassumidas numa nova encarnação, podem assumir um impulso aprofundado em direção ao serviço impessoal, à realização de tarefas altruístas e de partilha para com o exterior. O elo passa a ser sentido por aqueles envolvidos como algo maior e diferente do apego pessoal. Se o laço surge através da pertença comum ao grupo espiritual, o elo será, no fundo, um companheirismo de alma. As dificuldades ao nível da personalidade passam então a ter menos importância.

Este companheirismo de alma não é exclusivo de duas pessoas ou de um pequeno grupo, mas estende-se basicamente a toda a família espiritual de que estes fazem parte; muitos dos quais não podem ser conhecidos enquanto na terra, pois nem todos estarão encarnados naquele momento específico. Tal companheirismo nunca deve ser diminuído até se tornar uma clique espiritual exclusiva.

Quando alguém está porventura suplantado pelas circunstâncias, sem saber para onde se voltar, profundamente incerto do seu propósito e destino na vida, então as suas intuições mais profundas podem ser aguçadas pela aceitação da reencarnação. Embora, logicamente, estas possam ser mal interpretadas ou obscurecidas, podem apontar para os propósitos principais da encarnação particular.

Então, por muito solitário que seja o seu destino — e, na verdade, em etapas do caminho espiritual ele é, e deve mesmo ser, solitário —, um homem nunca mais se sente completamente sozinho; ele é sustentado por saber que o seu grupo espiritual existe, ainda que poucos membros pareçam estar ao seu redor na terra e o contacto com aqueles no além possa ser ténue e incerto. Aceitar a existência da sua alma grupal confere têmpera e resistência quando estas qualidades são de outro modo mais difíceis de obter, e em dias mais felizes traz uma alegria

sustentadora. Ele passa a sentir que está, de facto, a caminhar ao longo do seu próprio caminho espiritual.

8

Pergunta-se frequentemente se somos livres de escolher reencarnar ou não. Alguns relatos dizem que uma escolha está aberta. Os mais profundos sugerem que pode parecer haver uma escolha, mas, quando a questão é verdadeiramente vista, a reencarnação é inevitável. Talvez exista um elemento de escolha em ser capaz de adiar um pouco o momento do regresso até que a pessoa se sinta mais preparada.

Homens e mulheres muito pouco evoluídos, com pouca compreensão espiritual, são propensos a ser devolvidos à encarnação muito em breve, simplesmente porque após a morte as suas perceções não os podem levar longe. Eles têm menos margem. Estando próximos da consciência terrena, regressarão em breve porque podem aprender melhor ali.

Contudo, tentar julgar a estatura espiritual de um homem meramente pelas suas circunstâncias terrenas é muito imprudente. O homem interior pode desmentir o exterior. Um camponês pode estar muito mais avançado, em termos de sabedoria espiritual, do que o intelectual que confiantemente o despreza.

Quanto ao tempo que decorre entre uma encarnação e a seguinte, nenhum número pode ser estipulado. Certamente dependerá de um processo de aprendizagem que será muito diferente para pessoas diferentes. A reencarnação acontecerá quando o tempo estiver maduro. Esta é uma área onde estimativas são frequentemente dadas. É imprudente fiar-se nelas. Quanto mais dogmaticamente a informação é dada, mais inacreditável é provável que seja.

9

Uma pergunta perene feita pelos opositores da reencarnação é: «por que razão, então, não nos lembramos das nossas vidas passadas?». A resposta é que muitos se lembram, embora habitualmente apenas de uma forma fragmentária. O que é assim recordado, contudo, necessita invariavelmente de uma

interpretação espiritual se se pretende fazer um uso adequado disso; habitualmente aponta de forma inequívoca para uma lição ou dificuldade na situação da vida presente.

Muitos possuem provavelmente as antenas recetivas delicadas necessárias para captar tais pressentimentos reencarnatórios, mas não são suficientemente pacientes para deixar que estes venham no seu próprio tempo, como devem. Em vez disso, exigem memórias de reencarnação numa forma pronta e ao seu dispor — e esperam memórias lisonjeiras, para além disso!

Mas, como acontece com outras coisas espirituais, a vinda de memórias de reencarnação primeiro tem de ser merecida, através do desapego espiritual e da sensibilidade necessários para a sua receção ou então, se apresentadas por instrutores desencarnados, devem ser pagas mais tarde através da sua utilização frutífera para alcançar as tarefas, provavelmente difíceis, que agora enfrentam esse indivíduo.

Estas são bastante diferentes das glamorosas «memórias de reencarnação» frequentemente, e com razão, escarnecidas pelos céticos. As verdadeiras memórias situam-se muito, muito raramente a qualquer nível de personalidade glamorosa. Há imensos pretendentes por aí para as personalidades de Cleópatra, Maria Antonieta ou Nefertiti, mas quem aprende alguma coisa com a suposição de que outrora foi estes seres? As pessoas estúpidas podem gostar de pensar que foram Cleópatra, mas isto não tem qualquer consequência e não tem qualquer relação com as verdadeiras memórias antigas.

Um teste bastante seguro de uma verdadeira memória de reencarnação é se ela aponta para uma falha passada ou presente. Uma vida passada de orgulho terreno e aparente realização, se de facto for corretamente recordada, será propensa a mostrar numa vida posterior o seu lado inverso e não resolvido de egoísmo, ódio e crueldade sobre o qual parte das suas glórias enganadoras se possa ter baseado, e estes serão agora os seus legados a serem enfrentados e corrigidos.

Embora seja sensato olhar para a reencarnação em termos de dívidas, infelicidades e daquilo a que, se não fossem tão justas, se poderia falsamente chamar punições, é igualmente importante não negligenciar outros fios mais felizes, embora não glamorosos: o propósito dos eventos e encontros não é apenas reparar, é também engrandecer e levar para a frente o que foi começado em dias anteriores.

Assim, encontram-se pessoas que têm uma influência particularmente benéfica sobre nós: algumas parecem colocar ferramentas nas nossas mãos que nos tinham faltado antes; outras abrem portas de oportunidade, trazem para a frente e ajudam a desenvolver, talvez a partir de uma relação de amor, novos talentos e dons ou características mais harmoniosas. Quer para o aparente mal ou para o certo bem, as relações pertencem todas a uma abençoada fraternidade de propósito, uma fraternidade de oportunidade. A reencarnação é essencialmente oportunidade.

CAPÍTULO 14
O BALANÇO FINAL
1

Em tempos comparativamente modernos, uma série de esquemas estruturados foi produzida retratando a jornada do homem através das regiões pós-morte — por Swedenborg, Madame Blavatsky, Rudolf Steiner, Max Heindel, R. W. Lees, Dr. Crookall; pelo amanuense de *Oahspe*; e após as suas mortes por Arthur Conan Doyle e Frederic Myers.

Há, do mesmo modo, muitos mais quadros fragmentários em escritos espiritualistas. Estas afirmações esquemáticas são indubitavelmente de considerável valor na clarificação da natureza da experiência pós-morte, mas se assumirem uma forma demasiado rígida podem tornar-se enganadoras. Embora existam várias correspondências entre estes esquemas, qualquer tentativa de os cotar de uma forma formal e lógica revela discrepâncias aparentes.

A razão é clara: os autores destes vários esquemas não estavam certamente a trabalhar a partir de um nível comum de perceção espiritual; à medida que a consciência se aprofunda, o quadro alarga-se. O que é apropriado quando visto a partir de um nível de consciência torna-se menos assim quando visto a partir de outro, mais profundo.

Depois, também, o caminho subtil de crescimento de um ser vivo individual deve inevitavelmente escapar, por vezes, a uma adesão completa às formas e padrões rígidos que o intelecto procura impor. A vida pós-morte não consiste em passar através de uma série de áreas estanques de uma maneira regular e invariável, embora muitos interpretem os relatos de modo a fazê-lo parecer.

Diferentes homens aprendem de maneiras diferentes. Dentro da vida pós-morte como um todo, e por isto entende-se a área aparentemente muito limitada dela dentro dos três céus, não é claramente de qualquer consequência que nível de perceção um homem alcançou em qualquer momento particular, nem quanto tempo ele escolhe demorar-se ali. Nem, porque um homem alcançou algum nível ao qual um rótulo superior pode ser colado, e outro está retido nalguma área que ostenta um nome inferior, significa isto que um homem seja melhor do que o outro. Todos são iguais no grande esquema. Progredir «mais depressa» do que outro é uma afirmação ilusória.

Cada homem lida com o que está à sua frente na vida pós-morte até ter absorvido a sua lição e o seu significado e está em todos os momentos guardado em segurança na palma da mão de Deus, como um fragmento infinitamente pequeno da força vital criativa.

Dificilmente seria útil incluir mais um esquema, mais uma estrutura necessariamente simplificada em excesso. Por conseguinte, o plano do livro tem sido, em vez disso, reunir uma série de experiências típicas e tentar descrever algo das áreas de consciência que refletem, tanto quanto as conseguimos compreender presentemente. Espera-se que tenha sido fornecido o

suficiente para a maioria dos leitores encontrar algo que atinja significativamente o seu próprio sentido privado da realidade.

Se se ponderar sobre estes relatos e se chegar eventualmente a aceitar alguns deles como relatos de experiência genuína, por mais incompleta que seja, eles tornar-se-ão marcos de orientação para algumas das «muitas moradas».

Com o tempo, outras pessoas adicionarão novos marcos de orientação e um quadro surgirá gradualmente um pouco mais próximo da situação real. Entretanto, temos de estar contentes com trilhos de exploradores sobre um país apenas parcialmente conhecido. As afirmações esquemáticas são os mapas correspondentes e destinam-se a ser imperfeitas ou enganadoras, por muito honradamente que sejam construídas. Estes mapas estão incompletos. Por isso, pode tornar-se confuso se forem sobrepostos, como decalques, uns sobre os outros.

Por exemplo, tome-se a questão da segunda morte. Arthur Conan Doyle descreve-a como um evento decisivo no ponto de mudança entre a Terra do Verão e o Mundo Mental: a sua Terra do Verão e o Primeiro Céu sobrepõem-se. Myers chama à segunda morte «a quebra da imagem», marcando a transição entre o que ele nomeia como a quarta e a quinta etapas. Não é sempre fácil distinguir os níveis de consciência representados pelas esferas de Myers. Madame Blavatsky fala do descarte da «concha» ao nível do Manas Inferior (mente pessoal) e da emergência da «borboleta» ao nível do Manas Superior (mente espiritual), quase como se fosse um evento automático. Frances Banks, por outro lado, «regressa à sua alma» sem nos falar de qualquer experiência decisiva de uma segunda morte, mas mais como uma aclimatização gradual e uma elevação da sua consciência.

Pauchard, muito pouco tempo depois da sua morte, depara-se com escórias, mas não descreve uma segunda morte propriamente dita, embora em direção ao fim do seu livro se prepare para expandir para uma consciência onde, segundo lhe é dito, verá o interior das suas vidas anteriores. As três descrições citadas no

Capítulo 9 sobre a transição através da segunda morte estão, cada uma, inseridas dentro de um esquema algo diferente, no entanto cada uma está indubitavelmente a descrever o mesmo evento.

Os relatos do Antigo Egito e os tibetanos antigos e modernos apresentam um quadro de algum modo aterrorizante de consequências irrevogáveis globais, como se os atos cometidos em vida fossem condenar um homem a um futuro inalterável após a morte. Cenas tão pesadamente carregadas sugerem o cunho do clero, especialmente onde se alega que o futuro depende de ritos realizados por outros na altura da morte. Tantas vezes na história os sacerdotes procuraram o poder sobre os homens através do medo. Nem isto esteve ausente nas ameaças cristãs do fogo do inferno, fossem medievais ou posteriores. Nos tempos vitorianos, alguns quadros da Terra do Inverno eram coloridos (fosse pelo comunicador ou pelo recetor) por um moralismo improvável de ser sentido agora.

Muito diferente, por exemplo, é a compaixão no quadro de Frances Banks. Os comunicadores superaram e puseram de lado gradualmente conceitos que para os seus recetores de há quase cem anos faziam parte do tecido geral do pensamento religioso. Em relatos recentes, como vimos, a ideia de punição é substituída pela de consequências impessoais e de reeducação e reabilitação. No entanto, apesar das diferenças de atribuição ou de ênfase, emerge um quadro que aponta inquestionavelmente para um plano espiritual global, embora quase certamente não na ordem perfeita mas um pouco rígida que a atenção racional prefere e espera.

2

Olhemos para as implicações gerais que surgem deste material composto.

No início do livro foi dito dos relatos pós-morte que nenhuma garantia ou prova formal pode residir neles. A sua aceitação como relatos genericamente verdadeiros reside no julgamento de cada leitor: considera-os convincentes como quadros de experiências humanas? Terá T. E. Lawrence superado fatores distorcidos no

seu caráter terreno? Estará Frances Banks a tornar-se gradualmente um ser maior do que aquele que reassumiu as suas vestes de freira imediatamente após a morte? Estará a mente de Pauchard a modificar-se continuamente à luz de novas ideias? Terá a Sra. Willett, em resultado da sua revisão póstuma, vindo de facto a ver mais claramente a obstinação emocional que tinha mantido para com o seu filho? Terá ela, ao arrepender-se, aprofundado desse modo o seu amor pós-morte por ele?

Terá Arthur Conan Doyle revisto parte da sua valorização terrena do Espiritualismo, que tinha pregado tão forçosamente e num espírito missionário? Após a sua morte, ele diz ter descoberto que muitas comunicações eram menos válidas e exatas do que tinha suposto, e isto desquietou-o. Oliver Lodge, como será citado, relata uma apreciação muito engrandecida dos guias e instrutores espirituais. Ambos estes comunicadores são autocríticos dos seus conceitos terrenos. Um relata uma sobrevalorização e o outro uma subvalorização.

Descobrirão muitos que as falhas e virtudes trazidas da terra precisam agora de ser avaliadas de forma bastante diferente? Acima de tudo, quando os relatos são reunidos, pintam eles um quadro de uma vida continuada que é desafiante e exigente? Se o quadro geral apresentado nas comunicações se traduz em algo que é mais realista e mais satisfatório, e apesar das suas imperfeições mais convincente do que os quadros padrão das fontes ortodoxas, então é digno de consideração muito séria.

3

Se a investigação sobre a natureza da vida após a morte consistisse apenas num olhar antecipatório para o futuro, poderia ser pouco mais do que curiosidade. Todavia, não se trata de modo algum de ler os capítulos finais de um livro antes de chegar aos do meio, menos ainda de um resumo fraudulento dando ilegalmente informação que ainda não temos a intenção de possuir. Apela muito mais ao género de perguntas que um explorador faz antes de embarcar numa expedição importante.

Que equipamento mental será necessário? Que carências ou fraquezas possui ele que sejam propensas a obstruí-lo numa certa etapa da jornada e a impedi-lo de andar para a frente? Qualquer explorador que se preze tenta antecipar cada dificuldade possível e precaver-se contra ela. O explorador da vida do além que um dia se encontrará embarcado na sua jornada, talvez subitamente e involuntariamente, pode entretanto passar a reconhecer que é o padrão de vida que está agora a criar diariamente em si mesmo que se tornará o seu equipamento de explorador nessa altura.

O seu temperamento é completamente diferente daqueles que tantas vezes declaram: «Não fomos feitos para explorar», «Ter-nos-ia sido dito se fôssemos feitos para saber» ou «Basta saber quando a altura chegar». Podemos saber pelo menos algo agora. Está a ser-nos dito. Ninguém, afinal de contas, sugeriria que é errado tentar descobrir as leis morais que governam a humanidade na terra, ou que a poluição deve ser deixada ocorrer antes de se tentar fazer algo para a diminuir, ou que a medicina preventiva é ilegal. Se uma pequena perceção das leis morais pode ser transmitida por aqueles que nos precederam na morte, não é natural e legal que relatem as suas descobertas, muito no espírito em que um pai poderia instruir o seu filho? De facto, essa partilha pode seguramente ser uma parte da comunhão das almas.

Essencialmente, o material opera alterações tanto na nossa escala de tempo como na nossa escala de valores. Passamos a ser capazes de assumir uma visão mais longa da existência. Em vez de um abismo entre a vida como é vivida na terra e a vida como pode (ou não) existir além, surge gradualmente um quadro de um mundo interior ao qual os homens pertencem tanto antes como depois da morte, e no qual as mesmas leis espirituais são válidas tanto lá como aqui.

Este é o conceito-chave: que existe um mundo interior; que os homens e as mulheres já pertencem a ele, podem passar a conhecer algumas das suas leis e agir em conformidade. Cabe depois a cada homem julgar se ao fazê-lo se torna gradualmente

um melhor cidadão terreno. Ele é livre de aplicar este teste ou não, conforme desejar, mas é um teste realista.

4

A distância, em termos de conhecimento espiritual, que o viajante percorre entre uma vida e outra é comparativamente curta. Ele gradualmente passa a dar-se conta do distanciamento daqueles em cujas mãos o destino supremo das estrelas e dos planetas está confiado. Por outras palavras, ele passa a perceber que a hierarquia celeste se estende até alturas que ele mal pode conceber, e que o destino da humanidade neste globo particular é determinado em última instância pelas decisões tomadas por seres que habitam em reinos nos quais mesmo espíritos altamente desenvolvidos não podem, na sua condição atual, penetrar. E isto impele-o a uma humildade e a uma consciência ainda maiores na realização das tarefas que lhe foram atribuídas por aqueles que dirigem o seu desenvolvimento.

Quanto mais longe o peregrino vai, mais difícil ele claramente considera transmitir aquilo que as suas perceções espirituais alargadas começaram a mostrar-lhe. Entretanto, aqueles no além imediato, como os que estão a dar os primeiros passos no caminho espiritual na terra, supõem habitualmente terem chegado muito mais longe ao longo da estrada do que realmente chegaram. Eles ainda medem as coisas espirituais por um padrão terreno. Os conceitos são cristalizados demasiado facilmente e demasiado cedo. O narrador mais experiente enfatiza que o seu quadro é um fragmento da realidade total, que ele sabe estar muito além dos seus próprios poderes de compreensão.

5

Encontrar significado na nossa vida terrena torna-se ainda mais importante assim que o peregrino se dá conta de que a existência futura é muito longa, na verdade. A sua própria extensão torna provável que ela seja mais do que um período posterior determinado inteiramente pelo que se passou no espaço extremamente curto de um único período de vida, este único ciclo numa escola infantil muito séria.

Lições mais avançadas estão disponíveis na terra para aqueles dispostos a pagar o seu custo e a vencer até uma mudança de consciência. Por outro lado, muitas turmas logo após a morte não são mais do que turmas infantis tardias destinadas à terra. Será duro descobrir que estas lições infantis poderiam com mais proveito ter sido aprendidas aqui.

Betty, uma sensitiva que trabalhava de uma forma totalmente consciente, relata uma lição telepática sobre a melhor maneira de viver na terra:

O caminho que me estão a mostrar parece tão difícil e doloroso — o esqueleto arrastado para fora do corpo vivo. . . . Estão a mostrar-mo e a dizer: Esta é a verdadeira estrutura. Tudo o resto, a tua carne, a tua roupa, os teus pertences, o automóvel em que andas — tu simplesmente empilhas sobre ti. Mas, afinal de contas, há a tua verdadeira estrutura que tem de carregar toda essa matéria desnecessária. No entanto, ninguém quer andar por aí no seu esqueleto. Mas tu podes vesti-lo inteiramente com algo melhor do que toda essa matéria sufocante . . . Valha-me Deus, essa outra matéria parece desajeitada, empilhada toda em redor; parece a matéria da Sra. Tanner [uma mulher abastada muito aquisitiva].

É repelente. Náusea-me positivamente. Não gostaria de voltar a entrar nisso! À medida que a retiram, sinto-me tão nua e com frio. É um pouco terrível ver isso ser retirado; um sofrimento quase agudo. Oh, esperem! Não sei o que vou fazer. Não sei por onde começar. Oh, valha-me Deus! — há uma pequena coisa a reunir-se em meu redor, bastante fina e pelicular, não formada nem acabada. Não acho que tenha sido um bom símbolo. Não me sinto tão em casa como me sentia em toda aquela matéria da Tanner, simpática, quente e aconchegante. Sou toda nova e consciente de mim mesma e com um pouco de frio. — Sim, vejo o que queres dizer. — Estes exercícios estranhos simplesmente separam-me diante dos meus olhos; tiram partes de mim e põem-nas de lado; e descartam o resto . . .

Mas estas coisas sufocantes são todas tão quentes e humanas — Podes continuar a viver nas coisas sufocantes se quiseres; e não há dano direto nem julgamento mantido contra ti por isso. Então, porquê todo este esforço nesta vida? A resposta é: É inexoravelmente verdade que tem de ser feito alguma vez, aquele grande safanão apaixonado tem de ser feito alguma vez. Cada um deve lutar e libertar-se; não há fuga; é a lei; e quanto mais procrastinares e adiares, mais difícil essa luta vai ser e mais mole e mais inapto para ela vais estar. Será um estado terrível, sofrendo desânimo, escuridão, se adiares. O adiamento vence juros demasiado pesados. É por isso que há toda esta exortação para esta vida, por que razão eles não esperam até irmos para lá.

Esta vida é esse arrancar do teu esqueleto, e quando não o estamos a fazer aqui, agora, estamos a torná-lo muito mais difícil para nós mais tarde. Este é o nosso momento crucial de luta mesmo agora. Que cegueira e estupidez dizer para esperar por tais coisas até chegarmos lá! É isso que a tua encarnação aqui é — a tua provação. É isso que eles têm estado a tentar dizer-nos . . . Podemos tomar o caminho mais fácil, mas isso adia o jogo e torna-o mais difícil. Usa cada réstia de força em ti, pois estás destinado a formar torrões e a ficar mole novamente.

O currículo terreno imediato é claramente moldado ao aluno. Os seres humanos não estão todos na mesma classe, ainda que na mesma «sala de aula». O padrão intrincado da vida colocará com toda a certeza um homem a caminho de aprender justamente aquelas coisas que lhe são espiritualmente necessárias aprender; a sua revisão pós-morte mostra-lhe quão necessária e justamente estas coisas por vezes indesejadas lhe surgiram.

Enquanto está na terra ele tem, obviamente, o poder de se recusar a aprender, escolhendo assim ser um aluno aplicadamente incompetente na sua própria tarefa mais importante. As tarefas, contudo, são muito mais do que o resultado de se estar numa instituição penitenciária; elas são frequentemente muito criativas. A vida é mais do que uma lição moral; aprende-se a viver também

com alegria. Nem a alegria está necessariamente ausente quando tarefas e papéis muito difíceis se apresentam.

6

As falhas e os grilhões passam a ter menos importância quando a vida pode ser vivida com uma concentração mais clara nas suas verdadeiras questões. O ritmo pessoal de vida acelera-se à medida que se ganha acesso ao mundo interior de perceção que aponta para as verdades mais profundas dos relacionamentos, para o companheirismo do espírito, e que oferece também uma filosofia impessoal. Os golpes que a personalidade exterior enfrenta, quando justamente aceites, revelam ser um quebrar de grilhões. A vida torna-se mais revigorante à medida que os homens começam a banhar-se nas energias radiantes que fluem de nível para nível da hierarquia.

Todo o universo, como cada palavra de comunicação desencarnada proclama, é sustentado pelo amor, por mais inadequados que sejam os atos dos homens na terra. Cessa então o clamor da dura desigualdade, da discriminação injusta ou de um Deus que não pode existir porque não parece comportar-se como os humanos, a partir da sua posição na classe infantil, esperam que Ele se comporte.

A injustiça aparente pode parecer muito diferente a um homem disposto a aceitar que as suas lições particulares não são uma decisão arbitrária de uma divindade, mas que, em vez disso, se encontram profundamente na sua própria natureza total. As lições estão, na verdade, a pintar o seu próprio retrato. No entanto, a terra é mais do que uma sala de aula a ser deixada rapidamente para trás aquando da morte. É também uma oficina, um deserto, uma anarquia local; mas, igualmente, um reino negligenciado que um dia florescerá como a rosa.

7

Um elemento altamente importante na história é que os homens não são lançados na vida terrena e deixados sozinhos. Como podem os «alunos» da classe infantil aprender as suas lições sem um professor ou uma série de professores? A própria

vida, naturalmente, é uma parte importante do processo de ensino, e os alunos também se ensinam uns aos outros, por vezes sem saberem que o estão a fazer. Mas se o desígnio for ainda mais intrincado, se de facto nenhum pardal cai sem amparo, então o complexo processo de aproximar as pessoas, de ajudar os acontecimentos a sucederem, deve certamente ser dirigido em parte por seres de inteligência superior. Como acontece que se encontre a pessoa certa no momento certo, que uma centelha seja acesa meramente através de um contacto passageiro?

Devemos aceitar que uma boa dose de planeamento ocorre nos bastidores, para aproximar, por exemplo, um homem e uma mulher, que detêm um para com o outro tanto uma dívida por pagar como uma alegria fortalecedora, num momento particular e apropriado na vida de ambos. Não se consegue ver como isso foi levado a cabo, mas consegue-se ver quão necessária a situação se prova ser; quão apropriada e até inevitável.

É verdade, obviamente, que qualquer intertextura da vida interior e exterior deve produzir um paradoxo de tensão: por um lado, o buscador está no caminho sozinho; por outro lado, ele é fundamentalmente um com os seus companheiros do espírito, encarnados e desencarnados. O paradoxo resolve-se quando ele aceita que a tarefa é sua, a ajuda é deles. Ele tem a sua tarefa privada e local dentro de um desígnio mais amplo.

A cada homem, é dito, um instrutor especial é confiado — o seu instrutor espiritual, que se aproximará se o homem na terra o permitir, que lhe falará nos seus sonhos e ideais mais íntimos, nos seus lampejos de intuição, em compulsões morais que aquele que está na terra reconhece mas nem sempre consegue explicar; e que também lhe falará, por vezes, através da sensibilidade telepática direta do seu aluno, ou através da ajuda de um sensitivo, ou por vezes através de ideias que parecem acordar por si mesmas na própria mente do aluno.

Tal estrutura confere tonalidades de um género fascinante à complexa relação entre o instrutor desencarnado e o seu protegido. O instrutor revelar-se-á menos preocupado com a

personalidade terrena exterior do que com o eu interior a longo prazo. Perguntar-se-á por que razão não pode este eu interior fazer tudo o que é exigido sem necessidade de qualquer instrutor independente? Pauchard fala de uma parte da situação:

. . . O verdadeiro guia está dentro de nós próprios. Apenas no nosso estado atual de evolução nós, geralmente, não conseguimos ouvir nem ver e por isso o Eu superior em nós atrai um do seu género para fazer uma ponte. Ele usa um delegado.[1]

O instrutor ou delegado fala quando o homem exterior não consegue ouvir ou não quer escutar com profundidade suficiente por si mesmo. Mas o eu interior não vive em isolamento; ele também bebe da corrente geral de sabedoria. Quer seja o instrutor a falar ou o seu próprio eu interior a incitá-lo, a mensagem será basicamente a mesma, conduzindo para longe da personalidade exterior e em direção a um eu mais amplo, em direção a horizontes mais impessoais.

Por muito sozinho que se encontre nos seus momentos de profundo teste espiritual, e indubitavelmente há muitos desses momentos na vida espiritual, o aluno passará a saber que a sua visão se está gradualmente a alongar; começará a sentir finalmente que está em casa no universo e com os seus habitantes de uma forma totalmente impossível quando a vida é vivida apenas ao nível da personalidade. Tudo isto o enriquece enquanto está na terra.

Objetar-se-á que, se todos têm tais guias à mão, o seu trabalho será frequentemente inútil e desperdiçado, uma vez que tão poucos humanos têm qualquer conhecimento deles. É verdade que os guias dizem que se, após uma longa provação, não conseguirem causar qualquer impacto, retiram-se, pelo menos por um tempo. Após a sua morte, Oliver Lodge, comunicando através de Gladys Osborne Leonard, deu a sua própria visão alterada sobre os guias:

. . . É-lhe dito que estes mesmos instrutores, professores, zelarão por ele quando ele voltar à terra, e que se ele estiver disposto e atingir um sentido de unidade com eles, acreditar neles

. . . que se ele reagir a isso se encontrará em contacto com estes mesmos líderes . . . Ele terá, muito provavelmente, a apresentação deles como os Guias. Lembro-me de ouvir falar excessivamente sobre os Guias em várias das minhas sessões anteriores. De facto, estava um pouco farto dos Guias. Mas agora compreendo, eu compreendo; conheci-os e reconheci-os como amigos de outrora, amigos de há muito tempo, e aprecio, aprecio profundamente, a sua fidelidade e a sua paciência para comigo.[2]

8

Os homens e as mulheres sentem com muita frequência que os relacionamentos familiares que surgem através do amor, da paternidade, do trabalho, do dever, da vocação, nunca são na terra inteiramente cumpridos nas suas profundezas. Há sempre mais do que aquilo que pode ser expresso, mais que poderia ter sido feito, mais que poderia ser compreendido e apreendido e pelo qual se poderia trabalhar. A própria limitação é um indício da natureza contínua e intertextual das verdadeiras relações; é como se apenas parte da história fosse contada numa única vida. Então, a existência de companheiros a longo prazo de vidas anteriores torna-se mais facilmente aceitável.

A especulação sugere que nas vidas iniciais de um indivíduo, quando as suas primeiras pequenas gavinhas espirituais estão a ser lançadas, os problemas são comparativamente simples. O trabalho árduo de tipo físico, com muita repetição, está bem adequado à escala do cérebro e da consciência acompanhantes. A vida camponesa é certamente uma vida de disciplina, mas a disciplina provém em grande parte de necessidades externas, labor pelo alimento e pelo abrigo. À medida que a alma se desenvolve ao longo de muitas vidas, são necessários géneros de lições mais interiores; diferentes facetas do diamante começam a ser polidas.

Poderíamos em teoria visualizar uma série de reencarnações na qual uma nova faceta é perfeitamente polida em cada vida.

Mas, como é evidente, não é assim. Em todas as vidas ocorre um constante arrastar de pés. Sabemos tão bem, também, quão desiguais as vidas são; quanto daquilo que é admirável roça faces com o que é feio ou até degradado. O homem é empurrado contra aquele vizinho extremamente indesejado, aquele que está dentro dele e que é parte de si mesmo; ele não gosta dele, nem consegue ser bem-sucedido em controlar as suas ações.

Parece claro que o plano não é para que a totalidade do eu regresse de cada vez, e que mais pode ser alcançado por uma limitação de tarefas e, com isso, uma atenção mais próxima ao cultivo de qualidades imediatamente necessárias. Quanto ao fardo das desvantagens do passado, seria razoável que apenas uma parte fosse empurrada sobre um homem de uma só vez: o peso de todo o seu passado poderia esmagá-lo por completo. O sucesso e o fracasso em qualquer sentido mundano tornam-se agora totalmente irrelevantes para o verdadeiro significado de qualquer vida particular. Cada homem tem de reconhecer a partir do seu íntimo profundo as tarefas que precisa de realizar.

O caráter de cada um, é claro, contém cantos negligenciados, e é uma necessidade totalmente lógica que estes devam ser preenchidos durante uma vida posterior. A faceta a polir pode ser muito pequena, contudo extremamente difícil para aquele temperamento particular. Por outro lado, qualidades já bem possuídas podem ter de ser deixadas de fora numa encarnação por não serem necessárias para a tarefa imediata em mãos. O indivíduo, em todo o seu ser, pode ser muito superior a esta apresentação limitada de si mesmo com a qual tem temporariamente de viver.

Os factos da terra podem, assim, ocultar a verdadeira situação espiritual. Frances Banks declara que aquele que é olhado como um inimigo na vida pode ter entrado nela a fim de extrair o que é mais valioso para o outro aprender e pode, de facto, na realidade, ser um membro profundamente avançado do mesmo grupo de alma e, portanto, na verdade, um companheiro caramente amado.

Obviamente, então, é impossível saber o suficiente para nos tornarmos guardiões uns dos outros. Para citar um instrutor desencarnado: «Vós na terra não podeis julgar a vida de um homem. Nós não ousamos julgá-la.»

9

A visão de vida alargada pintada em muitos relatos desencarnados aponta, assim, para fatores espirituais sobrepostos tecidos no padrão de vida individual. (1) Obstáculos profundamente incrustados no temperamento privado. (2) Situações cármicas que têm de ser resolvidas, envolvendo outras pessoas. (3) A oportunidade geral para o enriquecimento da alma através da experiência na terra. (4) O plano mais amplo de fontes espirituais que os homens vieram à terra concretizar e cumprir.

Nesta situação múltipla, a iniciativa pessoal, o conselho de fontes espirituais e o brotar de conhecimento a partir do interior do eu íntimo estão subtilmente intermisturados. O véu entre o interior e o exterior torna-se mais fino à medida que os homens e as mulheres aprofundam a sua perceção; na sua força espiritual crescente, o próprio carma pode passar a oferecer mais do seu aspeto mais leve e jubiloso. As almas começam a lembrar-se melhor da sua verdadeira natureza. Cada homem pode gradualmente tornar-se em parte o seu próprio sacerdote e encontrar a sua tarefa mais inteligível à medida que a voz do seu eu mais profundo é reconhecida.

10

Tanto na terra como no além, um homem não será todo de uma só peça; parte de si mesmo operará intermitentemente ao seu nível mais profundo disponível; outras partes assemelhar-se-ão a bairros degradados no seu próprio ser. Mesmo dentro de termos simples da personalidade, a maioria está consciente de bloqueios ou paragens no seu ser, de obstinações que gostaria de superar mas não consegue. Muitas vezes sentem-se existir dificuldades desconcertantes, sem a perceção da sua fonte exata; são feitas pelas carências que trazem. Estas criam uma prisão sem muros. Paragens semelhantes, como vimos, podem persistir no além por

muitas centenas de anos. Este é um lembrete salutar para nos esforçarmos por descobri-las, trabalhá-las e dissolvê-las enquanto ainda estamos na terra.

Por vezes é comparativamente fácil ver como as pessoas flutuam entre os seus diferentes eus, como aconteceu com Elgar, que falou de *The Dream of Gerontius* como vindo do seu «âmago do âmago», mas que noutra parte da sua personalidade continuou ocupado durante muitos anos com partidas e estratagemas de desperdício de tempo. Assim, partes das pessoas ficam para trás; partes que um psicólogo compassivo descreveu como crianças perdidas dentro da psique. Muitos homens e mulheres são seres mutilados por si mesmos, incompletos, que levam este ser ferido consigo quando morrem. Todos são filhos e filhas pródigos, mesmo quando laboram na vinha.

É muito importante não desanimar quando se percebe que algumas facetas nunca serão tornadas suficientemente perfeitas numa só vida para darem qualquer uso compensador. Este lado da vida, de outro modo desapontante, pode então ser aceite como uma preparação muito valiosa para a encarnação seguinte.

O que é polido agora pode passar a ser do maior valor na próxima vida, e ser possuído então como um talento aparentemente já pronto. Se o polimento for imposto por compulsão das circunstâncias, se a pessoa se sentir encurralada devido a uma situação infeliz, a um emprego frustrante ou a relacionamentos infelizes e aparentemente inalteráveis, a implicação a longo prazo é que a área de aprisionamento pode e deve tornar-se a área de realização, mesmo que a realização às vezes permaneça uma conquista privada.

Gradualmente, através de vida após vida, a personalidade aprende a ser obediente à alma, o cavalo ao cavaleiro, o servo ao propósito abrangente que ele está lentamente, tão lentamente, a aprender a servir.

Almas de eleição como os santos, por meio de uma disciplina árdua, apressam e realizam antes da morte muitas experiências que noutros só acontecem depois dela. Abnegações semelhantes

àquelas que T. E. Lawrence teve de enfrentar involuntariamente na sua vida pós-morte já foram superadas na terra por muitos caracteres mais santos e altruístas do que o seu. A maioria de nós, infelizmente, deixa estes encontros indesejados à espera, adia-os até à vida pós-morte.

Um homem não pode ficar parado. Como Jesus disse: «Aquele que não está comigo é contra mim.» Quando un homem falha em responder aos incentivos para realizar a tarefa que trouxe consigo cá para baixo, então novas acumulações virão sobre ele, e através dele sobre o mundo. Então ele desempenhará um papel no abrandamento do ímpeto geral do progresso terreno.

11

À medida que a familiaridade com os mundos interiores cresce, o caminho torna-se crescentemente aberto, pelo treino pessoal, para ouvir a voz do silêncio. Esta frase pitoresca refere-se ao silêncio na nossa mente interior quando as perturbações e preocupações do eu exterior estão temporariamente quietas. Então descobrir-se-á quão real esta vida interior partilhada pode ser; o quanto os companheiros do espírito são quase parte de nós próprios, refletindo a nossa própria mente bem como a deles, pois há uma harmonia básica entre as duas.

Por vezes é mais fácil ouvir o companheiro do que a nós próprios. Aqui, áreas do mundo da alma estão a estender-se para baixo para interpenetrarem a alma daquele que está na terra.

Em termos de espírito, há todo o tempo do mundo para que o desenvolvimento e a espiritualização da humanidade aconteçam. Em termos de terra, uma aceleração da consciência individual neste século é vitalmente necessária. Torna-se extremamente urgente superar os retardamentos provocados por muitas gerações de pensamento e ação egoístas e materialistas. As consequências ameaçam o homem por todos os lados com poluição, caos económico e destruição atómica. É necessário aprender a responder ao ritmo espiritual mais rápido aparentemente planeado agora — planeamento que é o fruto de seres nos mundos

superiores cujas intenções se infiltram gradualmente até às mentes na terra.

Oliver Lodge, após a sua morte, declarou enfaticamente:

Dividimos a vida em duas partes de forma muito drástica. Desenhámos uma linha, e devemos gradualmente apagar essa linha. Falámos sobre a vida espiritual, e a vida terrena ou a vida física. As duas são uma e devemos torná-las uma outra vez. Não há linha, não há linha de todo. O homem desenhou uma linha e ela deve ser apagada, e levará algum tempo a apagá-la completamente, mas devemos trabalhar no sentido disso. Devemos fazer isso da mesma forma que devemos apagar — chamemos-lhe assim? — as fronteiras nacionais, as fronteiras nacionais e as limitações, as raciais. Todas estas devem ir, e especialmente a fronteira que nós, muito desnecessariamente, erguemos entre o que agora chamamos os nossos dois mundos, que são um. É apenas um mundo. Há apenas um mundo e devemos retirar estas barreiras de ilusão que nos compeliram a pensar que deve haver dois, porque através das nossas limitações e ignorância somos incapazes de olhar por cima da barreira erguida por nós próprios, ou de olhar através dela. Ela deve cair. É o vosso trabalho, é o nosso trabalho.[3]

Esta é a mais importante de todas as implicações da sobrevivência: que a tarefa espiritual que reside perante os homens e as mulheres na terra e aqueles que passaram através da morte é uma tarefa partilhada e comum, e não separada e distinta. Partes dela têm de ser realizadas individualmente e partes em colaboração. A colaboração está sempre lá, mesmo quando não é conscientemente aceite por aqueles na terra. Esta tarefa é a regeneração do mundo pela regeneração do indivíduo, e o trazer à terra do Reino dos Céus que, como Jesus disse, está dentro e aguarda aí a sua descoberta por cada homem e mulher.

Aqui tem a tradução integral da secção de notas e referências do livro para português de Portugal. Foram mantidos os títulos de obras e nomes de instituições ou documentos no seu idioma original (como é norma editorial para referências bibliográficas),

traduzindo apenas as indicações de capítulos, páginas, volumes, editores e notas explicativas, em total fidelidade ao texto fornecido e respeitando escrupulosamente a numeração e as menções em itálico.

REFERÊNCIAS

CAPÍTULO 1

1. Carta de 4 de abril de 1787.

2. Laurens van der Post, Jung and the Story of our Time (Hogarth Press), p. 209.

3. Geraldine Cummins, Swan on a Black Sea (Routledge), p. 58.

4. ibid., pp. 140-3.

CAPÍTULO 2

1. Ver, entre inúmeros outros, Survival of Death pelo presente autor.

CAPÍTULO 4

1. Dr. Raymond A. Moody, Life after Life (Mockingbird Books, EUA), pp. 52-3.

2. G. N. M. Tyrrell, The Personality of Man (Pelican), pp. 197-8.

3. F. S. Smythe, The Spirit of the Hills (Hodder & Stoughton, 1937), pp. 277-8. Estou grato ao Dr. Raynor Johnson por me ter apresentado a esta citação.

4. Uma série de experiências semelhantes foi reunida em Russell Noyes Jr. e Ray Kletti, The Experience of Dying from Falls (Omega, 1972), vol. 3.

5. Capítulo pelo Rev. Donald J. Bretherton em Cónego I. D. Pearce-Higgins e o Rev. G. Stanley Whitby (eds), Life, Death and Psychical Research (Rider), p. 124.

6. ibid., pp. 110-11.

7. Barão von Hügel, The Mystical Element of Religion (Dent), vol. 1, p. 50; vol. 2, pp. 46-7. Ver em particular vol. 1, pp. 175-200 e vol. 2, pp. 22-61.

8. Chanceler o Rev. E. Garth Moore, Believe it or not: Christianity and Psychical Research (Mowbray, 1977), pp. 113-4.

9. Rev. Harold Anson, The Truth about Spiritualism (Student Christian Movement Press, 1941), p. 59.

10. A. F. Webling, Something Beyond (C.U.P.), p. 271.

11. Rev. G. Vale Owen, The Life Beyond the Veil (Thornton Butterworth), pp. 8-9.

12. Spirit Teachings: M. A. Oxon (através da mediunidade de William Stainton Moses) (C.P.S.), pp. 5-7.

13. Geraldine Cummins, op. cit., pp. 160-3 e 168.

14. ibid., p. 29.

15. Stewart Edward White, The Betty Book (Psychic Press), vol. 1, p. 17.

16. ibid., p. 19.

17. Um Grupo de Filósofos, A New Approach to Metaphysics (impresso de forma privada).

CAPÍTULO 5

1. John Scott, As One Ghost to Another (Psychic Press), p. 108.

2. Geraldine Cummins, The Road to Immortality (Psychic Press), p. 78.

3. Cynthia Sandys e Rosamund Lehmann, The Awakening Letters (Neville Spearman), pp. 99-100.

4. W. Tudor Pole, Private Dowding (Neville Spearman), pp. 83-90.

5. Geraldine Cummins, Swan on a Black Sea, p. 139.

6. E. Bozzano, Discarnate Influence in Human Life (J. M. Watkins e International Institute for Psychical Research), p. 177.

7. ibid., p. 179.

8. Rev. C. Drayton Thomas, In the Dawn Beyond Death (Psychic Press), pp. 12-13.

9. Geraldine Cummins, They Survive (Psychic Press), p. 49.

10. «Joe's Scripts», Light (College of Psychic Studies), verão de 1970, p. 89.

11. Helen Greaves, Testimony of Light (Neville Spearman), p. 28.

12. John Scott, op. cit., pp. 32-3.

13. «Joe's Scripts», p. 88.

14. Rev. C. Drayton Thomas, Life Beyond Death with Evidence (Collins), p. 60.

15. ibid.

16. Geraldine Cummins, Swan on a Black Sea, p. 139.

17. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 61.

18. Geraldine Cummins, Swan on a Black Sea, p. 139.

19. ibid., p. 144.

CAPÍTULO 6

1. «Joe's Scripts», pp. 87-90, parafraseado a partir das Hunt Tapes.

2. Armido, The Wisdom of the Spirit (Amica), pp. 94-6.

3. Trance Talks by Chan, Guia de Ivy Northage (S.A.G.B.), p. 32.

4. Dr. Raynor Johnson, Watcher on the Hills (Hodder & Stoughton), p. 61.

5. Dr. Robert Crookall, The Interpretation of Cosmic and Mystical Experiences (James Clarke & Co.), p. 20 (citando o Journal of the American Society for Psychical Research).

6. Cynthia Sandys e Rosamund Lehmann, The Awakening Letters (Neville Spearman), p. 23.

7. Jane Sherwood, Post-mortem Journal (Neville Spearman), p. 26.

8. A. Pauchard, «The Other World», Artigo 7 (College of Psychic Studies), pp. 15-16.

9. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 49.

10. A. Pauchard, op. cit., pp. 38-9.

11. Dra. Margaret Vivian, The Doorway (Psychic Press), p. 49.

12. Rev. A. W. Jackson, The Celtic Church Speaks Today? (World Fellowship Press).

13. Helen Greaves, op. cit., pp. 97-8.

14. Dr. Sherwood Eddy, You Will Survive Death (Omega Press), pp. 136-9.

15. Trance Talks by Chan, p. 27.

16. Jasper Swain, On the Death of My Son (Turnstone Books), p. 36.

17. Harry Dodd, An Artist's Experiences after Death (impresso pela sua viúva), p. 11.

CAPÍTULO 7

1. Pardoe Woodman e Estelle Stead, The Blue Island (Hutchinson), p. 133.

2. Rudolf Steiner, The Theosophy of the Rosicrucians (Rudolf Steiner Publishing Co.), pp. 33-4.

3. Trance Talks by Chan, p. 16.

4. A. Pauchard, op. cit., pp. 9-10.

5. ibid., pp. 10-11.

6. Jane Sherwood, op. cit., pp. 35-6.

7. A. Pauchard, op. cit., p. 55.

CAPÍTULO 8

1. Jovem artista anónimo, The Bridge Over the River (The Anthroposophic Press, N.Y.), p. 58.

2. A. Pauchard, op. cit., p. 136.

3. F. Bligh Bond, The Gate of Remembrance (Blackwell), p. 100.

4. John H. Remmers, The Great Reality (Spiritualist Press), pp. 123-5.

5. Woodman e Stead, op. cit., p. 133.

6. Lady Barrett, Personality Survives Death (Longmans), pp. 159-61.

7. Paul Beard, «The James—John Experiment», Artigo 6 (College of Psychic Studies), pp. 30-1.

8. Erik Palmstierna, Horizons of Immortality (Constable), pp. 347-50.

9. Erik Palmstierna, Widening Horizons (John Lane, The Bodley Head), pp. 249-50.

10. Jane Sherwood, op. cit., pp. 31-3.

11. Rev. Charles Fryer, A Hand in Dialogue (versão em manuscrito), p. 148.

12. Rev. C. Drayton Thomas, Beyond Life's Sunset (Psychic Press), p. 12.

13. ibid., p. 16.

14. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 55.

15. Woodman e Stead, op. cit., p. 142.

16. Ensinamento desencarnado privado.

CAPÍTULO 9

1. The Bridge Over the River, p. 34.

2. Sherwood Eddy, op. cit., p. 128.

3. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 66.

4. Woodman e Stead, op. cit., p. 149.

5. Sherwood Eddy, op. cit., p. 134.

6. Ensinamento distribuído de forma privada (White Eagle Lodge).

7. Ivan Cooke, Thy Kingdom Come (White Eagle Publishing Trust), p. 163.

8. Harry Dodd, op. cit., pp. 16-17.

CAPÍTULO 10

1. Trance Talks by Chan, pp. 9-10.

2. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 67.
3. The Rosicrucian Cosmo-Conception, p. 122.
4. Veronica, Co-operation (Arthur H. Stockwell), pp. 219-21.
5. Helen Greaves, op. cit., p. 111.
6. Pauchard, op. cit., p. 135.
7. Palmstierna, Horizons of Immortality, p. 168.
8. Pauchard, op. cit., pp. 136-7.
9. Cynthia Lady Sandys e Rosamond Lehmann, «Letters from our Daughters», Artigo 1 (College of Psychic Studies), pp. 25-6.
10. Pauchard, op. cit., p. 29.
11. Helen Greaves, op. cit., pp. 112-13.

CAPÍTULO 11

1. Lady Barrett, op. cit., pp. 166-71.
2. Ensinamento distribuído de forma privada.
3. Lady Barrett, op. cit., pp. 166-71.
4. Palmstierna, Horizons of Immortality, p. 192.
5. A partir de um escrito não publicado.
6. Ensinamento distribuído de forma privada (White Eagle Lodge).
7. Laurence Temple, The Shining Brother (Psychic Press), pp. 32-4.
8. Rev. C. Drayton Thomas, In the Dawn Beyond Death, pp. 92-4.
9. Laurence Temple, op. cit., pp. 66-7.
10. ibid., p. 68.
11. Geraldine Cummins, Swan on a Black Sea, p. 105.
12. ibid., p. 106.

CAPÍTULO 12

1. Ensinamento interior (White Eagle Lodge).
2. Geraldine Cummins, The Road to Immortality, p. 71.

CAPÍTULO 14

1. Lawrence Hyde, The Planes of Ascension (circulado de forma privada).

2. Stewart Edward White, op. cit., pp. 54-5.

3. Pauchard, op. cit., p. 24.

4. Journal of the Society for Psychical Research, junho de 1945, vol. 33, p. 140.

5. ibid., p. 146.